



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG



MILENY DE LIMA SANTOS

**FEIRA LIVRE DE DOURADOS:
TERRITÓRIO E IDENTIDADE**

Ilustração da capa: Epaminondas Pedreira Daltró Junior

**Dourados-MS
2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG



MILENY DE LIMA SANTOS

FEIRA LIVRE DE DOURADOS: TERRITÓRIO E IDENTIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – nível Mestrado, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira

Dourados-MS
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237f Santos, Mileny De Lima

FEIRA LIVRE DE DOURADOS: TERRITÓRIO E
IDENTIDADE [recurso eletrônico] /

Mileny De Lima
Santos. -- 2020.

Arquivo em formato
pdf.

Orientadora: ALEXANDRE BERGAMIN VIEIRA.

Dissertação (Mestrado em Geografia)-

Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório

Institucional da UFGD em:

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que
citada a fonte.

FEIRA LIVRE DE DOURADOS: TERRITÓRIO E IDENTIDADE

BANCA EXAMINADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente / Orientador
Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira

1º Examinador
Prof. Dr. Jones Dari Goettert

2º Examinadora
Profª Drª Ana Paula Archanjo Batarce

Dourados, 22 de novembro de 2019.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a redefinição da localidade da Feira Livre da Rua Cuiabá para a então Chácara Rigotti, em Dourados-MS. Para tanto, tomamos como objeto de pesquisa/análise a Feira Livre e sua identidade territorial, simbólica e histórica, procurando dimensionar seus desdobramentos e sua articulação como tradição do município. Este estudo baseou-se em uma estratégia qualitativa de pesquisa, de caráter exploratório, por meio de uma pesquisa de campo que tem o objetivo de investigar a percepção dos feirantes, clientes e moradores perante a história e redefinição das relações da Feira Livre de Dourados e seu território. Sabe-se que a Feira Livre contempla relações e processos produtivos, sociais, políticos, culturais, indentitários, tradicionais etc. que se traduzem em materialidade do território. Essa dinâmica é permeada por contradições, continuidades e descontinuidades, transformações e mudanças, que nos permitem interpretá-la sob diversos vieses analíticos. Nesse sentido, pautamo-nos na tentativa de compreender o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização da Feira Livre de Dourados, considerando explorar os atores dessa realidade, destacando, anseios e melhorias, dificuldades e condições a partir da relação existente entre os produtores da Feira, os clientes, poder público e os feirantes. Esses elementos compõem a Feira, dinamizam e se materializam criando as relações sociais do território Feira Livre e a localização, os fluxos, cores, cheiros e sabores colocam-se como processos de transformação do espaço urbano e redefinição da realidade das relações sociais, assim, o trabalho objetiva dimensionar os resultados e interferências desse processo para a realidade e atualidade do território: Feira Livre.

Palavras-chave: Dourados-MS, Feira Livre, identidade territorial, Territorialização Desterritorialização-Reterritorialização, Rua Cuiabá, Chácara Rigotti.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the redefinition of the locality of Free Fair on Street Cuiabá to the then Chácara Rigotti, in Dourados-MS. For this purpose, we take as an object of research / analysis the Free Fair and its territorial, symbolic and historical identity, trying to measure its developments and its articulation as the municipality's tradition. This study was based on a qualitative research strategy, of an exploratory nature, through a field research that aims to investigate the perception of marketers, customers and residents before the history and redefinition of the relations of the Free Fair de Dourados and their territory. It is known that the Free Market contemplates relations and productive, social, political, cultural, identity, traditional, etc. that translate into materiality of the territory. This dynamic is permeated by contradictions, continuities and discontinuities, transformations and changes, which allow us to interpret it under different analytical biases. In this sense, we are guided in an attempt to understand the process of territorialization-deterritorialization-reterritorialization of the Free Fair de Dourados, considering exploring the actors of this reality, highlighting, yearnings and improvements, difficulties and conditions from the existing relationship between the producers of the Fair, customers, public authorities and marketers. These elements compose the Fair, dynamize and materialize creating the social relations of the Free Fair territory and the location, flows, colors, smells and flavors are placed as processes of transformation of urban space and redefinition of the reality of social relations, thus, the work aims to measure the results and interferences of this process for the reality and the present of the territory: Free Fair.

Keywords: Dourados-MS, Free Fair, territorial identity, Territorialization Desterritorialization-Reterritorialization, Street Cuiabá, Chácara Rigotti.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À Deus.

À minha mãe e meu pai,

pelo apoio e força que me deram ao incentivar na realização deste trabalho.

Ao meu filho Pedro Otávio,

por quem não meço esforços, por quem estudo e trabalho, a fim de destinar o melhor!

Aos meus irmãos: Evelyn e Olacir,

em quem eu vejo que meus pais fizeram um ótimo trabalho, pois são filhos, irmãos, tios e

seres humanos de excelência;

Enfim, minha família, pela confiança!

Também ao pessoal que tive o prazer de compartilhar essa empreitada no Mestrado em

Geografia da UFGD, pelo companheirismo nesse processo do conhecimento.

*Pela paciência, força e compreensão prestado pelo **Professor Alexandre,***

nas orientações para que esse trabalho se realizasse.

A todos os instrutores, e ao Programa de Pós-Graduação – PPGG-UFGD – pela abertura e oportunidade concedida a essa arquiteta na realização dessa vivência geográfica

tão importante para mim.

Muito Obrigada!

TUDO NA VIDA É SO UMA QUESTAO DE TEMPO.
TUDO PASSA, HÁ TEMPO PARA TUDO!

Laiana Duarte

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da Feira Livre de Dourados e seu histórico.	14
Figura 2: Localização das áreas de estudo	32
Figura 3: A Feira Livre da Rua Cuiabá: hortifrúti na rua (2016)	37
Figura 4: A Feira Livre da Rua Cuiabá: clientela realizando suas compras na manhã de domingo pela rua (2016)	37
Figura 5: A Feira Livre da Rua Cuiabá: área de armarinhos e importados, e banheiros da feira livre (2016)	38
Figura 6: A Feira Livre da Rua Cuiabá: território tradicional (2016)	38
Figura 7: A Feira Livre da Rua Cuiabá: área de hortifrúti (2016)	39
Figura 8: A Feira Livre da Rua Cuiabá: área de armarinhos e importados (2016)	39
Figura 9: Feira Livre da Rua Cuiabá e seus múltiplos usos	40
Figura 10: Feira Livre João Totó Câmara: hortifrúti no território atual (2018)	41
Figura 11: Feira Livre João Totó Câmara e seus usos discriminados	42
Figura 12: Feira Livre João Totó Câmara: Hortifruti (2018)	43
Figura 13: Feira Livre João Totó Câmara: Laticínios (2018)	43
Figura 14: Feira Livre João Totó Câmara: armarinhos e importados (2019)	44
Figura 15: Feira Livre João Totó Câmara: praça de alimentação (2018)	44
Figura 16: Feira Livre João Totó Câmara: área destinada a circulação da clientela (2018)	45
Figura 17: Feira Livre João Totó Câmara: alguns equipamentos urbanos na área de circulação (2018)	45
Figura 18: Feira Livre João Totó Câmara: a feira e seu amontoado de produtos, pessoas e lonas no território atual (2019).	46
Figura 19: Feira Livre e muita reclamação (1956-1958)	58
Figura 20: Feira Livre e seu local impróprio (1970)	59
Figura 21: O apelo por melhorias na Feira Livre de Dourados (1971)	60
Figura 22: A Feira Livre de Dourados como péssimo modelo (1973)	61
Figura 23: A Feira Livre e suas adequações para melhorias (1976)	62
Figura 24: Banca Padrão para a Feira Livre de Dourados (1978)	63
Figura 25: Legislação para a Feira Livre de Dourados (1979)	64
Figura 26: Legislação para a Feira Livre de Dourados (1979)	65
Figura 27: Revitalização da Feira Livre de Dourados (2000)	66
Figura 28: Revitalização da Feira Livre de Dourados (2001)	67
Figura 29: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2001)	68
Figura 30: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2005)	69
Figura 31: Higiene e fiscalização na Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2006)	70
Figura 32: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2006-2007)	71
Figura 33: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2008)	72
Figura 34: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2008)	73
Figura 35: A Feira Livre da Rua Cuiabá, referência na história de Dourados	74

(2008)	
Figura 36: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2008)	75
Figura 37: Iluminação e revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá (2008)	76
Figura 38: Manutenção e cuidados na Feira Livre de Dourados (2010)	77
Figura 39: Reestruturação da Feira Livre da Rua Cuiabá (2010)	79
Figura 40: Reestruturação da Feira Livre da Rua Cuiabá (2010)	80
Figura 41: Reestruturação da Feira Livre da Rua Cuiabá e seus receios (2010)	81
Figura 42: Uma nova idéia de Feira Livre de Dourados (2015)	83
Figura 43: O local para a nova Feira Livre de Dourados (2015)	84
Figura 44: Iniciam-se as obras da nova Feira Livre de Dourados (2016)	85
Figura 45: A nova Feira Livre de Dourados (2016)	86
Figura 46: A importância e a história da Feira Livre de Dourados (2018)	88
Figura 47: Feira Livre João Totó Câmara: praça de alimentação (2018)	112
Figura 48 Feira Livre João Totó Câmara: área de comércio hortifrúti (2018).	113
Figura 49: Feira Livre João Totó Câmara: área de comércio de laticínios e doces (2018)	113
Figura 50: Feira Livre João Totó Câmara: Sra. Paulina Oshiro e sua alegria em ser feirante (2019)	116
Figura 51: Feira Livre João Totó Câmara: Nelson Souza e suas insatisfações como feirante (2019)	117
Figura 52: Feira Livre João Totó Câmara: Sra. Zeni e sua alegria em atender sua clientela (2019)	118
Figura 53: Feira Livre João Totó Câmara: Nelsinho em sua banca de produtos caseiros (2019)	119
Figura 54: Feira Livre João Totó Câmara: Sr. Nelson em seu carrinho de “garapa” (2019)	120
Figura 55: Feira Livre João Totó Câmara: a praça de alimentação dos sonhos (2019)	121
Figura 56: Feira Livre João Totó Câmara: Seu Marcolino, e seus muitos anos de Feira (2019)	121
Figura 57: Feira Livre João Totó Câmara: A tapioca da Deda (2019)	123
Figura 58: Feira Livre: Messias, o feirante dos importados (2019)	124
Figura 59: A Rua Cuiabá sem a Feira Livre: uma saudade (2019)	129
Figura 60: A Feira Livre da Rua Cuiabá: mesmo ângulo, outra realidade (2016)	130

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

Quadro 01: Diferenças entre a Feira Livre da Rua Cuiabá e a Feira Livre João Totó Câmara.	47
Gráfico 01: Feira Livre: considerações dos feirantes sobre TDR, mudança da Feira da Rua Cuiabá para a Chácara Rigotti (2019)	106
Tabela 01: Temporalidade do feirante, sua relação com a Feira Livre.	18
Tabela 02: Relação produtor x feirante.	18
Tabela 03: Resultados da mudança do local nas vendas dos feirantes.	124
Tabela 04: Identificação da amostra.	126
Tabela 05: O que mais atrai os fregueses na Feira João Totó Câmara, considerações por massas comerciais.	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDR	Centro De Documentação Regional
FCH	Faculdade De Ciências Humanas
IPTU	Imposto Predial E Territorial Urbano
PPGG	Programa De Pós-Graduação Em Geografia
SEMAF	Secretaria De Agricultura Familiar De Dourados
UFGD	Universidade Federal Da Grande Dourados

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1.	METODOLOGIA ADOTADA	16
	1.1 Metodologia Exploratória	17
	1.2 Seleção dos sujeitos	17
	1.3 Coleta de dados	19
	1.4 Tratamento de dados	19
	1.5 Limitações do método	20
2.	CONCEITUAÇÕES PRIMÁRIAS E SEU REFLEXO AO OBJETO DE ESTUDO	21
	2.1 Território	23
	2.2 Territorialidade	26
	2.3 Geografia Cultural	27
	2.4 A Feira Livre enquanto Centralidade Efêmera e Identidade Territorial	28
	2.5 Objeto de estudo: A Feira Livre	24
	2.6 Territorialidade da Feira Livre	33
	2.6.1 A territorialidade marcante da Rua Cuiabá	35
	2.6.2 A territorialidade (será mesmo uma territorialidade?) criada (ou imposta?), a Feira Livre João Totó Câmara	41
	2.6.3. Quais as reais diferenças entre a Feira Livre da Rua Cuiabá e a Feira Livre João Totó Câmara?	46
3.	GEO HISTÓRIA DA FEIRA LIVRE DE DOURADOS E SUAS MUDANÇAS	49
	3.1 Caracterização de Dourados	50
	3.1.1 A Feira Livre de Dourados	53
	3.2 Periodização histórica: A Feira Livre de Dourados e sua relação com o município	56
	3.2.1 A história em recortes de jornal	57
	3.3 A Feira Livre de Dourados e sua relação com o poder público	91
4.	RESGATE HISTÓRICO DA FEIRA LIVRE E O PROCESSO TDR	94
	4.1 O espaço urbano, território da Feira Livre	95
	4.2 A Feira Livre	96
	4.3 A Feira Livre no Brasil	98
	4.4 O território da Feira Livre – características e funções	99
	4.4.1 A arquitetura efêmera	99
	4.5 Relações existentes na territorialidade da Feira Livre	100
	4.6 O processo TDR	100
	4.6.1 Definindo Território para compreensão da desterritorialização	101
	4.7 Desterritorialização e reterritorialização	102
	4.7.1 Reterritorialização em um território diferente: impressões sobre a chegada	104
	4.7.2 Reterritorialização: a (re) criação do território	107
	4.7.3 Possíveis desdobramentos da reterritorialização	108
5.	VIVÊNCIAS DA FEIRA LIVRE, CORES, CHEIROS E SABORES	110
	5.1 A Feira Livre e suas relações	115
	5.1.1 Os feirantes	115
	5.1.2 Os fregueses	125
	5.2 Posições de moradores da Rua Cuiabá sobre a Feira Livre da Rua Cuiabá	127
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
7.	REFERÊNCIAS	133
	APÊNDICES	141
	ANEXOS	144

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como ponto de partida a vivência desta pesquisadora enquanto freguesa da Feira Livre de Dourados, que a mais de 30 anos acontece aos finais de semana douradense, considerando sua relação social e territorial de importância para o município. Assim, como objeto específico a Feira Livre de Dourados¹, a presente pesquisa pretende analisar as transformações pelas quais ela passou, relacionando-as com as transformações vivenciadas ao longo do tempo e as múltiplas representações sobre a Feira Livre e suas relações sociais. Em última análise, através da compreensão da maneira como, no decorrer do tempo, a Feira Livre inseriu-se na sociedade douradense, transformada em patrimônio cultural, o que se pretende é conhecer parte da história, observar e realizar leituras a partir de entrevistas, integrando à pesquisa conceitos geográficos e observações, vivências que possibilitem dar o pontapé inicial para explicar a complexa trama das relações sociais e culturais da Feira Livre, trazendo à tona o debate sobre a importância que esse espaço (Feira Livre) assume na atualidade.

Com base nisso nas memórias e vivências, acredita-se ser possível inserir a Feira Livre, simultaneamente, como fonte e objeto de estudo da relação de território em Dourados. Explicitamente, através da análise das transformações pelas quais a Feira Livre de Dourados passou no decorrer de sua existência e, levando-se em consideração sua inserção no espaço urbano douradense, o objetivo mais abrangente da pesquisa, aqui proposto, é compreender os processos de Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização da Feira Livre da Rua Cuiabá.

Paralelamente, pretende-se revelar, a partir de fontes orais e dos registros documentais produzidos pela e sobre a Feira Livre de Dourados, as transformações, culturais e representações tradicionais, que refletem as relações de território e identidade. Nessa perspectiva, o território, é analisado como suporte essencial à busca pela manutenção das estratégias de reprodução das relações sociais que, no caso dos feirantes, eram executadas a partir da existência e funcionamento da Feira Livre da Rua Cuiabá e passara para outra localidade. As Feiras Livres, pois,

¹ Afim de elucidar, no decorrer da dissertação é possível encontrar denominações tais como: “Feira Livre” que faz alusão ao referencial Feira Livre, sem localização explícita. “Feira Livre de Dourados” que considera a relação Feira Livre no município, num âmbito geral. “Feira Livre da Rua Cuiabá”,

entendidas como espaços de apropriação coletiva, podem ser tratadas como ambiente de territorialidades diversas que concorrem na produção do espaço urbano.

O espaço urbano se transforma, e por isso o trabalho também abrange o interesse em registrar a memória e o conhecimento daquilo que foi um dia. A Feira Livre da Rua Cuiabá é um exemplo importante e sua territorialidade foi permeada por essas relações, constituindo o tratamento dado aos patrimônios.

Em termos de patrimônio, explica José Reginaldo Santos Gonçalves:

Os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em “patrimônio”. Transformar objetos, estruturas arquitetônicas e estruturas urbanísticas em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de “representação”, que funda a memória e a identidade (GONÇALVES, 2002, p. 121).

Dourados hoje possui a atual Feira Livre João Totó Câmara, mas, por muito tempo localizava-se na rua e era denominada Feira Livre da Rua Cuiabá sendo considerada parte do “patrimônio cultural” da cidade. A Feira Livre de Dourados que começou em 1970 e que atravessou décadas da história, hoje é “contada” por fregueses, feirantes e moradores antigos devido a várias transformações que a afetaram.

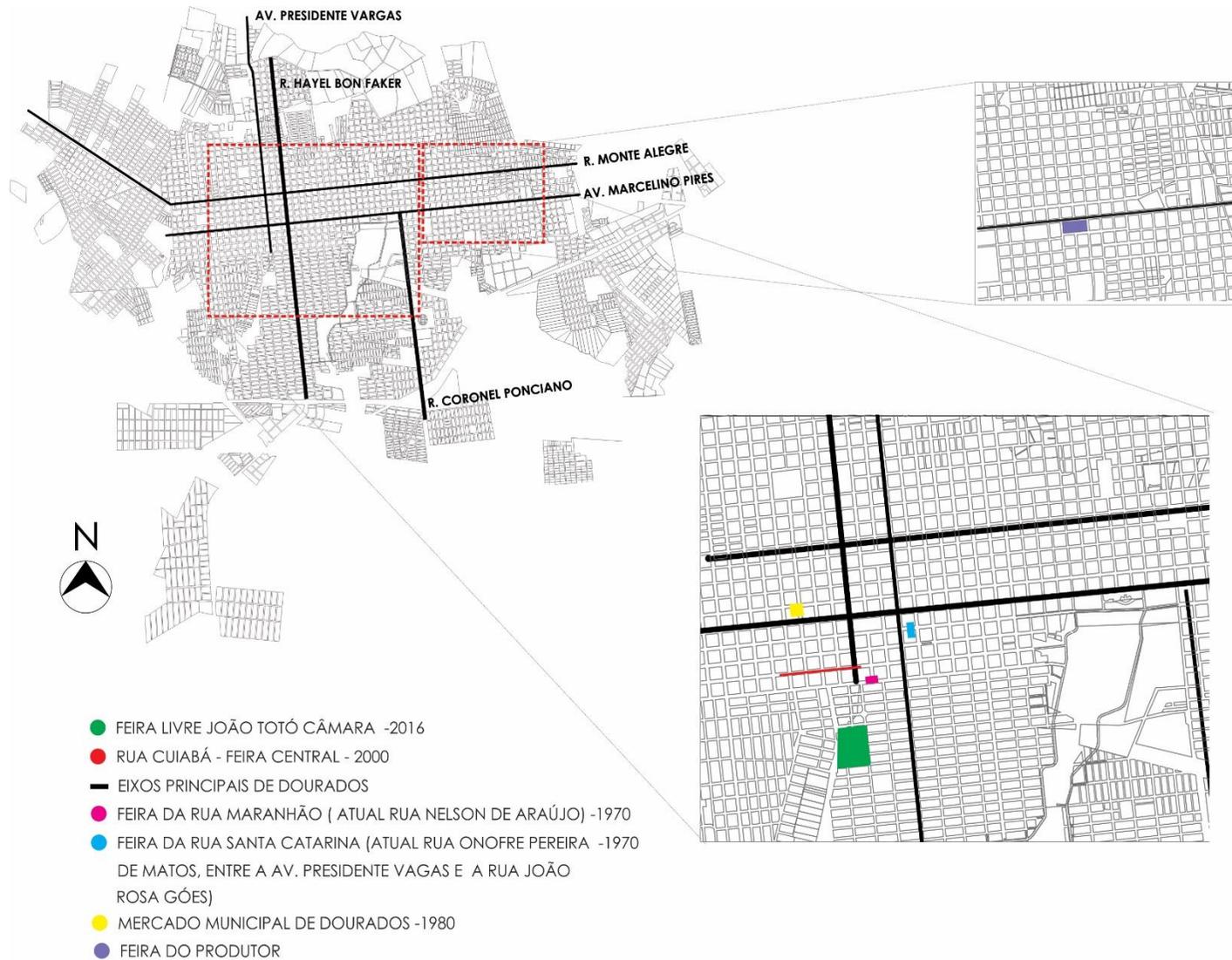
A Feira Livre da Rua Cuiabá mudou o significado de Feira Livre para Dourados; observou-se que o que inicialmente era “a chegada da melhoria”, com o tempo passou a ser um “problema”. Posteriormente aos projetos, voltou a ser encarada como um fator de mudança e tradição em Dourados, mas não agrada a todos (consideração feita a partir das entrevistas realizadas).

No primeiro capítulo da dissertação, enfocarei a metodologia adotada, destacando aspectos de trabalho de campo e pesquisa realizadas.

No segundo capítulo abordaremos a linha traçada com base em conceituações da geografia (território e territorialidade), e seu reflexo ao objeto de estudo: Feira Livre.

No terceiro capítulo, tratarei dos processos geográficos, sociais e culturais que a Feira Livre como personagem principal de estudo se insere, considerando explorar a relação Territorialização- Desterritorialização –Reterritorialização.

Figura 1: Localização da Feira Livre de Dourados e seu histórico



Fonte: Dourados, Brasil (2019): Mapa geral de Dourados/MS, levantamento de localização da Feira Livre.
Fonte: Considerações jornalísticas e destaques de feirantes a partir de entrevistas.
Elaboração Lima Santos, 2019.

No quarto capítulo, são elencados alguns acontecimentos da história da Feira Livre na cidade, a formação e algumas transformações pelas quais a Feira Livre de Dourados passou. Estabelece-se o recorte temporal da pesquisa, entre 1956, época em que se começam os projetos de Feira Livre de Dourados, até sua mudança de localização, em 2016 e adaptação ao espaço em 2018-2019.

No quinto e último capítulo, colocarei em destaque as vozes dos feirantes, fregueses e habitantes da cidade, o imaginário colocado em palavras. Intenciona-se sentir como todas as transformações da Feira Livre e da própria cidade influenciaram o cotidiano dos moradores, feirantes e fregueses. Assim sendo, as falas serão desconstruídas para que consigamos enxergar as linguagens que formam a cidade.

A mudança da Feira Livre de Dourados, em 2016, não foi apenas de endereço ou de organização. Mudaram, também, as relações dos douradenses tanto com a Feira Livre, no cotidiano, como com a própria cidade, palco e dinâmica de suas vivências. Faz-se necessário entender como a Feira Livre é e sua capacidade de representar um espaço praticado e lugar de memória, a cidade e sua história. O centro da pesquisa sobre a Feira Livre de Dourados e sua inserção no município, traçando interfaces com a tradição e o patrimônio, está em desvendar como os douradenses imaginam e inventam a cidade que repercute na realidade cotidiana.

Enfim, a dissertação divide-se em momentos, sendo que no primeiro procura-se fazer uma reflexão teórica sobre a metodologia e o objeto de estudo; num segundo momento realizar um resgate histórico do processo de formação da Feira Livre de Dourados e a geo-história do patrimônio, e a partir desse resgate considerar num terceiro momento a manifestação das territorialidades e as possíveis repercussões provocadas pela intervenção da Feira Livre e identidade territorial que esse objeto transfere para o município, para os moradores, feirantes e fregueses, diante das variedades de cores, cheiros e sabores.

CAPÍTULO 1

METODOLOGIA ADOTADA

1.1 Metodologia Exploratória

Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa – que é investigar a percepção de envolvidos com a Feira Livre de Dourados, decidimos adotar o método de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que consideramos o mais apropriado para o tipo de análise que pretendíamos fazer. Antes, porém, procuramos contextualizar o tipo de pesquisa escolhido para um melhor entendimento a respeito.

Quanto aos fins, o tipo de investigação escolhido para a realização da pesquisa qualitativa enquadra-se como exploratória baseada em trabalho de campo. Conforme destaca Vergara (2009, p. 42) essa metodologia é pautada em realizar em áreas na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado.

Por sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa, e foi adotada devido à dificuldade de dados sucintos da realidade da Feira Livre, que manteve-se por muito tempo em uma determinada localidade e tem passado por mudanças locais e de suas características com o decorrer dos anos.

No que diz respeito aos meios de investigação, optamos pela pesquisa de campo, que, também de acordo com Vergara, é: “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, fotografia e observação participante” (2009, p.43).

Assim, o interesse ao explorar essa metodologia, é prezar a variação das experiências, as relações entre os indivíduos e os aspectos da Feira Livre.

1.2 Seleção dos sujeitos

A seleção dos sujeitos das entrevistas aconteceu a partir da identificação de moradores e feirantes mais antigos, nos mais variados ramos comerciais, para sistematizar o todo da Feira Livre e complementar a história, amarrando os recortes de jornais, fatos comentados e vivências e experiências das pessoas que foram solicitadas a conversas informais durante a Feira Livre.

Durante o trabalho de pesquisa, ouvimos 08 feirantes, sendo 02 deles de cada subseção – importados e armarinhos, hortifrúti, laticínios e alimentação. Foram 05 homens e 03 mulheres, com idades variando entre 40 e 70 anos. Os entrevistados trabalham em sua grande maioria a mais de 30 anos na Feira Livre de

Dourados e foram selecionados pela receptividade e relação com o objeto de estudo, na qual foi realizada coleta informal, em finais de semana espaçados mensalmente, de novembro de 2016 até novembro de 2019.

Além da coleta por meio de entrevista informal, foi adotada uma análise quantitativa com base em questionário aplicado, sendo assim, foram abordados 37 feirantes, das diversas áreas/massas de comércios abrangidas. Inicialmente foram questionadas as temporalidades de vivência na Feira Livre, ao qual é interessante destacar que a maioria dos abordados trabalham e vivenciam a Feira Livre a cerca de 20 e 30 anos, o que possibilita saber que vivenciaram as duas territorialidades objeto de análise: a Feira Livre da Rua Cuiabá e a Feira Livre João Totó Câmara (Tabela 01).

Tabela 01: Temporalidade do feirante, sua relação com a Feira Livre

Há quanto tempo trabalha na Feira?				
Menos de 01 ano	Mais de 05 anos	Entre 15 e 20 anos	Entre 20 e 30 anos	Mais de 30 anos
5%	10%	25%	40%	20%

Fonte: Lima Santos (2019)

Ao questioná-los sobre a relação de produção, haja vista que conforme considerados os dados históricos o comércio de hortifrúti nas ruas douradenses pela família Oshiro foi o pontapé inicial para uma relação que apontava a necessidade de uma Feira Livre, percebe-se que muito se alterou.

Antes os próprios feirantes produziam e comercializavam, atualmente, grande parte dos produtos comercializados são produtos adquiridos de fornecedores externos, o que destaca que a atividade de comercio no município é bastante requerida e isso confirma a tradição da freguesia em comprar e visitar a Feira Livre. Observa-se que é rentável a venda, mesmo que de produtos fornecidos por terceiros, pois a Feira Livre é um atrativo comercial.

Tabela 02: Relação produtor x feirante

De onde vêm os produtos que você comercializa?		
Produção própria	Fornecedores	Grandes supermercados
25%	65%	10%

Fonte: Lima Santos (2019)

A Feira Livre de Dourados fez e faz parte da história douradense, da história dos feirantes e isso sempre se deu, tanto na Feira Livre João Totó Câmara, quanto na Feira Livre da Rua Cuiabá, mas, questionei e procurei abordar a observação dos feirantes sobre a Feira Livre inaugurada em 2016, sobre aspectos relatados nas entrevistas como as considerações das massas comerciais e resultados em relação às vendas com a mudança do local da Feira Livre, salientando que para a grande maioria das massas as vendas diminuiriam.

1.3 Coleta de dados

A principal fonte da coleta de dados para a análise deste estudo foram as entrevistas realizadas com os feirantes e com os fregueses, questionando-os quanto à percepção da diversidade e mudanças da Feira Livre de Dourados. As entrevistas foram todas gravadas em áudio, e, posteriormente, transcritas, integralmente, uma a uma. Elas aconteceram em um período de três anos, de novembro de 2016 até novembro de 2019, com duração de 20 a 35 minutos cada uma.

As perguntas foram feitas de maneira aberta, dando a possibilidade de o entrevistado escolher o caminho e as dimensões que deseja trilhar. Apesar de ter um roteiro de perguntas previamente elaborado (ver apêndices), de maneira informal, aberta é quase uma “conversa jogada fora”, mas tem um objetivo específico: coletar dados de que necessitávamos. A diversidade de perfil do quadro de sujeitos entrevistados permitiu que cada entrevista fosse diferente das demais, atribuindo uma riqueza singular à nossa pesquisa.

1.4 Tratamento de dados

Como optamos por um tipo de pesquisa qualitativa, escolhemos tratar os dados de forma, mas simples, apenas mensurando percentuais, mas sempre respeitando o modelo de abertura deste método, que permitiram encontrar diferentes perspectivas e variados olhares sobre a Feira.

1.5 Limitações do método

Todo método de pesquisa tem suas limitações, mas também possibilidades conforme destaca VERGARA (2009, p.59). Assim, uma das dificuldades foi encontrar e selecionar os sujeitos entrevistados, que precisavam ter experiência e vivência na Feira Livre – além de tempo disponível para a realização das entrevistas presenciais, haja vista que foram realizadas na Feira, em “horário expediente”, que duraram entre 20 e 35 minutos. Deve ser considerado que as opiniões e inferências são particulares dos indivíduos entrevistados nesta pesquisa, não podendo, portanto, ser generalizadas para todo o universo de gerentes de projeto, mas, considerando que trabalhamos uma geo-história, todas as opiniões foram válidas, acreditando que o resultado obtido, todavia, pode influenciar novas pesquisas e estudos a respeito do tema, de seus desdobramentos, gerando produção de conhecimento.

CAPÍTULO 2

**CONCEITUAÇÕES
PRIMÁRIAS E SEU
REFLEXO AO
OBJETO DE ESTUDO**

Uma feira (...) constitui num município um espaço que se caracteriza através de uma função social que muda a organização espacial urbana, e que, atualmente, representa uma das mais antigas e resistentes modalidades do comércio varejista (...).

BOECHAT e SANTOS, s/d.

A Feira Livre de Dourados, por mais de três décadas ocupou quatro quarteirões da Rua Cuiabá nos fins de semana (no canteiro central e nas calçadas de um trecho da rua), e essa sua territorialidade torna-se objeto de estudo, pois com base em informações coletadas *in loco* e considerações geográficas, o recorte espacial da Feira Livre da Rua Cuiabá mantinha uma relação de identidade e importância ativa para o município. Assim, numa abordagem conceitual, a dissertação corrobora com explorar a ocupação do território, e analisar pela vertente do processo de desterritorialização e, porque não, incorporar à dinâmica de reterritorialização, considerando sua abrangência local e disposição territorial atual, a Feira Livre João Totó Câmara, localizada na Chácara Rigotti, que foi concebida para tornar-se exclusiva ao uso, e abrigar apenas o comércio popular.

Neste trabalho, privilegiaremos trabalhar com os conceitos de território, territorialidade e cultura, pois partimos do princípio de que a análise e caracterização destes conceitos constituem-se em uma chave para compreendermos a estruturação do objeto de estudo no âmbito da geografia e, mais particularmente, para verificar em que medida as relações sociais e espaciais se dão e se modificam, tendo a Feira Livre de Dourados como recorte empírico de análise. Dessa forma, são utilizadas as obras de autores como Haesbaert (2004), Raffestin (1993) e Saquet (2010), que dão suporte teórico para a análise do território e seu valor para os atores envolvidos na dinâmica da Feira Livre (aí concentra-se a relação de des-re-territorialização).

Procuraremos, então, nesta primeira parte do trabalho elaborar uma sucinta revisão teórica dos conceitos acima citados e uma breve apresentação do recorte empírico: a Feira Livre.

2.1 Território

A discussão sobre território no âmbito da pesquisa se insere fundamentalmente a partir de Haesbaert (2010), que fundamentado em vários autores, em sua obra buscou delinear as múltiplas correntes de pensamentos agrupando-as em três dimensões distintas e fundamentais: política, cultural e econômica.

1. política – onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal;
2. cultural – que prioriza sua dimensão simbólica e subjetiva; o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço;
3. econômica – que destaca o território em sua perspectiva material, concreta, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital/trabalho (HAESBAERT, 1997, p. 39-40).

O autor complementa que, embora o conceito de território esteja geralmente associado à ideia de poder, tanto em referência ao poder público, estatal ou privado, nos dias de hoje as cargas identitárias e culturais ampliam tal conceito, considerando que por meio das relações sociais inseridas no território é que é possível compreender e definir o território. Haesbaert (2010) ainda trabalha essa importância da porção cultural e afirma que o território se tornou dinâmico, porque o homem o torna variante, apresentando num determinado espaço distintas territorialidades, pois ao territorializar determinado espaço os sujeitos emprestam ao local suas identidades particulares.

Dada ênfase à identidade, e refletindo sobre as dimensões de território de Haesbaert (2010) supracitadas a pesquisa focaliza-se em delimitar o território apenas na dimensão cultural haja vista que é possível considerar a dimensão da cultura na constituição dos territórios, o que significa admitir que, o território nessa concepção “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2005, p.2). Nesse sentido, o lugar abarca as cargas identitárias que influenciam na constituição de determinado território.

Para Souza (2006) é o uso do território e não o território propriamente dito que faz dele um elemento de estudo social e cultural. O território é constituído de formas, cores, sabores, odores, culturas, porém sem a ação vivida pelo ser humano

ele deixa de ser utilizado, e assim, deixa de ser construído, eis o viés e a importância da relação social e cultural na concepção do território.

Sendo assim, Souza (2006) discorreu sobre os territórios que são determinados pelas relações sociais projetadas no espaço, citando que estes podem formar-se e dissolver-se em tempos curtos (processo de efemeridade).

Percebe-se que a identidade territorial adquire duas características básicas sobre o referencial da Feira Livre: a da parcialidade, pois existem posições a favor e contrárias em relação a Feira Livre João Totó Câmara x Feira Livre da Rua Cuiabá e também relação de efemeridade, haja vista que as bancas anteriormente na Rua Cuiabá eram temporárias e se alteravam conforme a necessidade dos feirantes, o que era uma identidade da Feira Livre de Dourados.

Pinheiro (2014) afirmou em sua análise sobre a construção da identidade territorial sul-mato-grossense, que a identidade territorial faz frente ao contínuo embate das diferentes articulações sociais, que ocorrem durante o processo de sociabilização, tendo como resultado o adequar e a invenção/produção/construção de elementos simbólicos (materiais ou/e imateriais) que os representem identitariamente e que possam ser utilizados como referência identitária territorial para o restante da sociedade que ocupa determinado território.

Conforme supracitado, compreender a “realidade” a partir das formas com que os indivíduos vivenciam os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização significam/ressignificam suas experiências espaciais e, por isso, a identidade territorial é fruto da articulação de grupos sociais, mesmo que efêmeros como é o caso da Feira Livre de Dourados, um território hoje fixo determinado, mas por anos caracterizado efêmero, que durava apenas o final de semana, montado e desmontado na Rua Cuiabá, visto por apenas um momento.

Ao prosseguir com a conceituação de território, Saquet (2009) afirmava que espaço e território não estão separados. Para ele, as relações de poder multidimensionais (campos de força econômicos, políticos e culturais), a construção histórica, relacionada à identidade e o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR) são processos substanciais que caracterizam o território. Assim, a abordagem TDR adotada ao objeto de estudo possibilita questionar: Será que a Feira Livre de Dourados foi desterritorializada? Ou já se reterritorializou a Feira Livre da Rua Cuiabá no novo espaço com a nova

arquitetura? Qual a relação da Feira Livre João Totó Câmara, suas faces e planejamento no âmbito forma x funcionalidade e como isso influencia na reterritorialização? Ou não influencia? Reforça a desterritorialização? É importante pensar e agregar olhares, para considerar além do território de Raffestin (1993) – uma delimitação, do território de Haesbaert (2007) e Saquet (2010) que atribuem a relação da cultura e identidade do espaço, um olhar sobre a vivência que fundamenta, confirma e ou desmistifica a realidade de uma reterritorialização, que considera a efemeridade da Feira Livre, sua nova concepção e realidade.

Tanto os processos culturais inerentes às relações de poder como as identidades simbólico-culturais mais específicas, sobretudo os processos TDR, são aspectos utilizados em estudos de geografia quando se destaca o conceito de território, juntamente com relações econômicas e políticas (de poder), as redes e a natureza exterior ao homem (SAQUET, 2009. p. 82).

Enfim, a concepção de território tem o propósito de referir alguns fundamentos teóricos necessários para a análise da realidade estudada, em relação às principais formas de TDR que ocorreram nas últimas décadas e identificação das principais transformações territoriais decorrentes, com impactos na relação socioespacial douradense. Como referência o estudo enfatiza observar as realizações do/no território da Feira Livre, realizada todos os sábados e domingos, no município de Dourados, cidade localizada na Região sul do Mato Grosso do Sul.

Num diálogo com os autores mencionados, à vista do conceito “território”, observa-se que para Raffestin (1993) o território é tratado, principalmente, com um espaço medido e marcado pela projeção do trabalho humano com suas linhas, limites e fronteiras e o ato de se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o territorializam.

Haesbaert (2007) sugere a questão do conceito de território com um enfoque cultural, é adotado por e a partir da premissa de dimensões simbólicas, porém considera o território como um produto da apropriação de determinada identidade social sobre o espaço, de forma a criar várias multiterritorialidades, conforme cada relação identitária.

Complementando as duas visões, Saquet (2010), possibilita interpretar o território enfatizando os aspectos econômicos e políticos dos territórios, além de fazer uma relação com a vertente cultural.

2.2 Territorialidade

Conforme advertido por Haesbaert (2010), assim como o território, o debate em torno do conceito de territorialidade também assume dimensões múltiplas. Para tanto, Raffestin (1993) sustentava que a territorialidade deveria ser entendida como multidimensional e inerente à vida em sociedade.

Partindo desse princípio Raffestin (1993) sustentava que a “*territorialidade poderia ser definida como um conjunto de relações, modos, vivências, acontecimentos que ocorrem em determinada sociedade-espaco-tempo*” (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Dialogando sobre essa temática, Haesbaert (2007) afirmava que:

(...) a territorialidade, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2007, p, 22).

Nessa perspectiva o próprio território ganha uma identidade, não em si mesmo, mas na coletividade que nele vive e o produz, sempre em processo dinâmico, flexível e contraditório (por isso dialético) recheado de possibilidades que só se realizam quando impressas e espacializadas no território (RAFFESTIN, 1993).

Corroborando com essa ideia, Saquet (2010) acrescentou que a territorialidade traduz o conjunto daquilo que se vive cotidianamente: relações com o trabalho, com a família, etc., reafirmando a multidimensionalidade que Raffestin (1993) defendia.

Pode-se afirmar que a territorialidade manifesta-se em todas as escalas, desde as relações pessoais e cotidianas até as complexas relações sociais (SAQUET, 2010). Reconhecendo a importância da escala na análise da territorialidade, Saquet (2006; 2010) aponta que as territorialidades constituem o território de vida de cada pessoa ou grupo social num determinado lugar.

(...) a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2010, p. 129).

Enfim, as territorialidades são, simultaneamente, resultado, condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território. Dessa forma, a territorialidade se materializa no lugar e reflete as dimensões culturais, políticas, econômicas e sociais.

A territorialidade, para Raffestin (1993), reflete a perspectiva de várias dimensões do território vivido por membros de uma coletividade social. Haesbaert (2007) acrescenta a essa vertente o uso da noção de multiterritorialidade à dinâmica combinada de múltiplos territórios ao considerar a diversidade territorial representada pelas dimensões sociais, e Saquet (2010) reafirma a relação social, identitária e cultural de cada territorialidade.

2.3 Geografia Cultural

Na busca por compreender as relações sociais e o território cotidiano transformado, os estudos culturais são essenciais. Nesse sentido, Claval (1997) afirma que a Geografia Cultural, ao colocar a humanidade no cerne de sua análise, se incumbiu de uma complexa empreitada, sendo, inclusive, impelida a desenvolver novas abordagens, que se organizam por três eixos que são, também, convergentes e complementares:

Primeiro ela parte das sensações e das percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois, compreendida como criação coletiva; terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva (CLAVAL, 1997, p. 92).

Desde o início da década de 1990, os estudos com abordagem na geografia cultural têm sido fecundos e Claval (1999) afirmava que, as pesquisas relacionadas à geografia cultural contribuem para as discussões econômicas, sociais e políticas da Geografia, a cultura possui uma leitura plural.

Claval (1999) defende a cultura como um produto da história e uma realidade superior e, recomenda evitar o uso de critérios absolutos, afinal o paradigma sociocultural “cultura” é um fenômeno em construção permanente, complexo, raiz de discussões quanto às construções identitárias; interações entre categorias sociais e categorias culturais; desafios políticos e econômicos; materialização das dinâmicas na ocupação do espaço, etc.

Além disso, Claval (1999) transmite novas leituras de território para a atualidade devido aos debates sobre a questão das identidades e das relações de indivíduos e grupos com os lugares. Segundo o autor, os valores tradicionais e a mobilidade mais intensa facilitada pelas comunicações criam situações novas e redefinem a ideia de identidade com os territórios, observação pertinente à Feira Livre de Dourados que tem sua identidade territorial conflitante pós mudança – reterritorialização – conforme dados coletados *in loco*, abordados no capítulo 4.

A Feira Livre é um ambiente onde é possível fazer uma rica leitura dessa geografia que procura compreender a pluralidade cultural. A Feira Livre se consolida como um espaço onde acontecem negociações e sociabilidades plurais que traduzem tendências variantes. Para Vedana (2004), o espaço da feira se dá enquanto plano de relações múltiplas e de intensas trocas, onde a heterogeneidade dos modos de vida e a diversidade de trajetórias sociais são aspectos preponderantes configurando arranjos sociais que constituem cada território.

2.4 A Feira Livre enquanto Centralidade Efêmera e Identidade Territorial

De acordo com Almeida (2008, p.149) a identidade é o “conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la”.

Assim a autora, fundamentada em Claval (1995, p. 146) sugere considerar os seguintes elementos para a formação de uma identidade territorial: “a origem comum, o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa que repousa na articulação exercida de todos os aspectos de sua vida centrados na cultura”, (ALMEIDA, 2008, p.149) ou seja, assumir-se como parte de um grupo com dados valores culturais e praticá-los.

Para Bassand (1990), três são os tipos de identidades: a identidade histórica e patrimonial, construída em relação com acontecimentos passados importantes para a coletividade e/ou com um patrimônio sociocultural, natural ou socioeconômico; a identidade projetiva, fundada em uma representação mais ou menos elaborada do futuro do território, levando em conta seu passado; a identidade vivida, reflexo da vida cotidiana e do modo de vida atual do território. A identidade pode conter, em forma combinada, elementos históricos, projetados e patrimoniais.

Levando em conta esses tipos de identidade, é possível realizar uma abordagem de complemento entre a identidade vivida, a identidade territorial - territorialidade e a Feira Livre, haja vista que a feira é uma atividade cultural e de vivência, simbólica.

Ainda por isso, no que diz respeito à identidade territorial, Almeida (2005), afirma que o território é, para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas.

A cultura, portanto, inscreve-se assim no território, deixando marcas pela história e pelo trabalho humano, o que, no nosso caso, pode ser apreendido pelos diferentes processos de apropriação do território da Feira Livre de Dourados. Relembrando as discussões de Claval (1995, p. 148), os sentimentos de identidade criam territorialidades, porém,

[...] o cuidado de preservar sua identidade não impede a esses grupos sociais de ter relações com aqueles que são diferentes, adotando, todavia, limites protetores que os impeçam de aceitar o que ameaça seus valores essenciais. (CLAVAL, 1995, p. 148),

Esta discussão cabe bem na ciência geográfica, uma vez que o território é o lugar onde se aplica uma estratégia identitária. Para ilustrar, trataremos a seguir do caso da Feira Livre que exerce uma centralidade efêmera no espaço e uma identidade no território em que se insere. A Feira, tem suas materialidades, suas imaterialidades, exerce uma efemeridade, porém apresenta-se como contradição (ora, a Feira não é fixa e demarcada"? Por que então é denominada livre, desde a sua tradicional existência na Rua Cuiabá, em seus vários lugares na cidade, conforme destaca-se na geo-história dessa pesquisa, e agora, ao ser deslocada da centralidade – Rua Cuiabá, para a periferia da Chácara Rigotti, com área delimitada, como se materializa essa identidade territorial?

A territorialidade considera as questões de ordem simbólico-cultural, e o sentimento de pertencimento ao território. A identidade territorial nada mais é que o resultado de uma apropriação simbólica de determinado território, na qual a cultura à constrói e conforma vivências e significações. Bassand (1990) estabelece tipologias para a identidade dos habitantes para determinadas áreas, mas toda e qualquer identidade só é real se houver o sentimento de pertencimento. Quando Claval (1995)

apresenta a relação da identidade cultural sugere complementar essa abordagem geral da identidade, dando sentido ao território e delineando territorialidades.

Para Boechat e Santos (2011), o espaço das Feiras Livre é muito importante, pois ali ocorrem relações sociais que passam de geração para geração, assim como pela sobrevivência desta prática comercial tão antiga, que resiste até hoje, e permite que os pequenos produtores ou comerciantes ambulantes e informais negociem seus produtos.

Os autores afirmam que as relações de identidade nas Feiras Livre variam de acordo com cada indivíduo, alguns vão exclusivamente ou tradicionalmente comprar, outros vão para se divertirem, passearem, encontrarem e vários outros interesses que cabem perfeitamente no contexto da Feira Livre, em virtude desta ser um local diversificado humanamente e sujeito às variadas sociabilidades, as quais promovem as enriquecedoras trocas de saberes.

Em Dourados essa troca e relação se intensificam, os feirantes consideram-se família e os fregueses fiéis, costumam partilhar da realidade da feira semanalmente, e consideravam todo o processo da Feira Livre da Rua Cuiabá como algo muito familiar, algo que tem sido alterado devido a mudança e que gera algumas divergências, para alguns mudar foi algo bom, para outros foi prejudicial, e isso será melhor explorado nos capítulos seguintes, nos quais as “vozes da Feira Livre de Dourados” serão retratadas.

2.5 Objeto de estudo: A Feira Livre

Conforme abordado anteriormente, a relação do território e territorialidade pode ser explanado por meio da geografia cultural, para tanto, Haesbaert (1997, p. 42) ao refletir sobre território afirmou que:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico do espaço onde vivem (podendo ser, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: apropriação e ordenamento do espaço com forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. Assim, associar o controle físico ou a dominação objetiva do espaço a uma apropriação simbólica, mais subjetiva, implica em discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre qual se

constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social.

Assim, com base nas reflexões mencionadas, tem-se que o território é determinado e fruto de diferentes relações sociais, não só das pessoas que o habitam, mas, também daquelas que, mesmo de fora, têm interesses em determinado recorte espacial.

Portanto, pode-se considerar como territorialidade todas as ações diárias que transformam a realidade onde se encontram inseridos, de maneira tal que consigam melhorias na qualidade de vida e também avanços para o local.

Já a categoria conceitual territorialização refere-se:

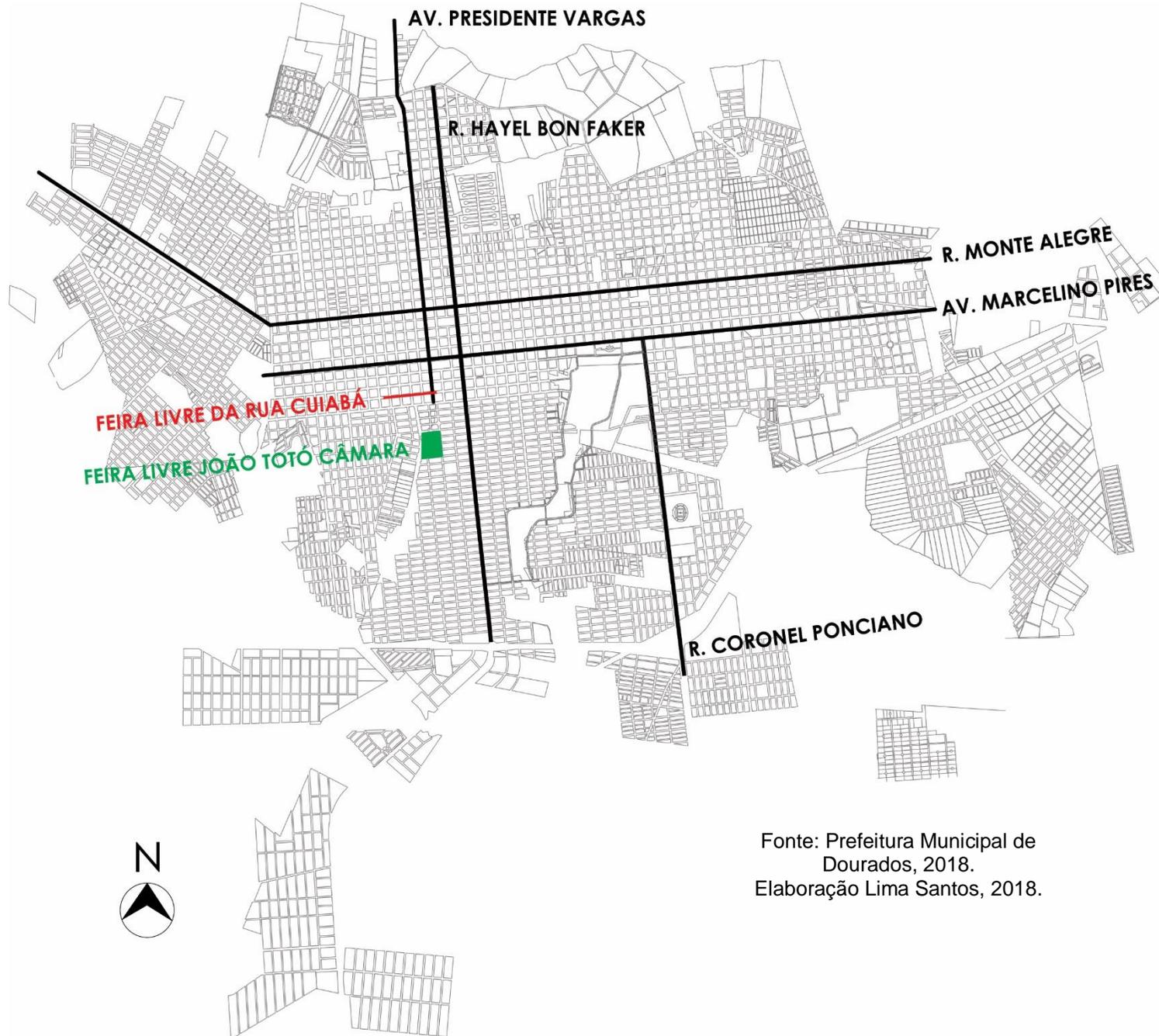
(...) ao processo de dominação e apropriação do espaço, para então, através do exercício de relação de poder, ser construído o território, este a partir de instrumentos materiais, culturais, jurídicos, econômicos, em conjunto, ou por vezes, separados e dicotômicos, porém baseados na territorialidade, nos símbolos de um território (HAESBAERT, 2001, p.121).

Assim, o espaço geográfico mantém sua produção como resultado imediato das práticas socioculturais dos grupos sociais que viveram e vivem num determinado território, onde o mesmo é tido como espaço vivido estando ligado a esses grupos por laços afetivos relacionados à sua vivência e identidade (SANTOS, 2013).

Diante disso, este trabalho objetiva refletir sobre Feira Livre de Dourados, enfocando sua importância, enfatizando a (re) apropriação como elemento central de análise, no sentido de que as práticas socioespaciais verificadas, definidoras de apropriação territorial mediante seus sujeitos socioespaciais e suas atividades comerciais e culturais possam ser discutidas enquanto uma territorialidade para usuários e feirantes, considerando que a realidade estudada foi objeto de transformações territoriais decorrentes, com impactos na relação socioespacial douradense.

A ser abordada nos próximos capítulos, o objeto de estudo contempla a formação da Feira Livre de Dourados em diversos espaços e tempos, enfatizando a Feira Livre da Rua Cuiabá (demarcada em vermelho na Figura 1) no contexto geográfico da cidade de Dourados e sua territorialidade marcante, com base na relação cultural e fundamenta uma discussão com base em estudo de campo sobre a nova territorialidade e transformações da tradição douradense (atualmente Feira Livre João Totó Câmara, localizada na Chácara Rigotti, em verde na Figura 2).

Figura 2: Localização das áreas de estudo



Fonte: Prefeitura Municipal de Dourados, 2018.
Elaboração Lima Santos, 2018.

2.6 Territorialidade da Feira Livre

Saquet (2007) abordou sobre o conceito de território e suas múltiplas formas de manifestações no âmbito socioespacial, considerando que:

se o território é um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação organização, ele tem duas funções principais: a) servir de abrigo, como forma de segurança e, b) servir como um trampolim para oportunidades. Segurança e oportunidade requerem uma organização interna do território bem como relações externas, de poder e dominação. Assim, o território assume distintos significados para diferentes sociedades e/ou grupos sociais dominantes.

A construção de territórios na cidade implica em distintos conflitos, seja entre os grupos que territorializam o espaço, seja entre estes e o Estado, como acontece com as Feiras Livres (o conflito na feira livre entre feirantes e Estado se faz nas dificuldades de adaptação, nas necessidades e divergências entre aqueles que buscam impor o território e aqueles que vivenciam o território). O território é desvelado como suporte material que permite a existência e o fortalecimento dos feirantes, no contexto de produção do espaço urbano (SANTOS, 2013) e, a partir de relatos obtidos e discriminados mais adiante, mantém-se especificamente essa relação de apropriação, produção e realização sobre o território e a atividade da Feira Livre.

Sabe-se que a maneira pela qual os diferentes grupos sociais participam da produção do espaço urbano é distinta. Conscientes ou inconscientes, os grupos sociais veem a cidade, como um espaço de possibilidades (SANTOS 2009; CORRÊA, 1995). Isto é, possibilidades que se transformam e significam a manifestação de diferentes territorialidades (SAQUET, 2007), diferentes formas de (co) agir, num mesmo território.

Nesse sentido, além de toda a questão de integração socioespacial, é possível explorar na Feira Livre sua significativa importância econômica e cultural, uma vez que é elemento estruturador das relações de troca que permeiam o território, sendo seu reconhecimento, por parte dos atores socioespaciais produtores do espaço, fortalecedor dos laços entre o feirante e o seu “território de trabalho” – espaço delimitado nas ruas e avenida da cidade e /ou área pública de convívio.

Sato (2012) revela a relação Feira Livre x território ao tratar da questão de serem efêmeras (itinerantes), pois as feiras ocupam provisoriamente logradouros –

ruas, praças, largos – que tem outra função nos outros seis dias da semana (situação da Feira Livre da Rua Cuiabá).

Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda; o viaduto é usado como local de passeio a pé [...] na realidade são práticas sociais que dão significados ou resinificam tais espaços (SATO, 2012).

Segundo Sato (2012) atualmente há distintas visões sobre a presença da Feira Livre no espaço urbano.

Nas matérias jornalísticas da mídia impressa a feira livre é objeto de polêmica: é alvo de críticas quanto às condições de higiene, cogita-se a sua extinção quando se discute o planejamento urbano e o acelerado crescimento da metrópole [...] por outro lado, a feira livre também aparece nas matérias jornalísticas como criadora e mantenedora de características singulares consideradas positivas. Tais características seriam: preservar um atendimento pessoal do comerciante aos clientes, comercializar maior variedade de produtos e de gêneros, preservar a variedade de produtos e de gêneros [...] (SATO, 2012).

Tal como Sato (2012) destaca na citação acima, percebe-se que isso se aplicava na Feira Livre da Rua Cuiabá, conforme observações e informações de pessoas que vivenciaram o espaço enquanto Rua Cuiabá e que se confirmam a partir das distinções jornalísticas existiam elementos negativos, como por exemplo: a dificuldade de acesso dos vizinhos, de descanso e sujeira que se apresentava após cada final de semana de Feira, porém, existiam elementos positivos em contrapartida, como o contato direto com os clientes, uma tradição criada e recriada aos finais de semana.

A Feira Livre João Totó Câmara também apresenta alguns elementos negativos que destacam a visão de Sato (2012) sobre a Feira Livre, tais elementos são reflexos e resultados de informações e observações sobre a realidade da Feira Livre João Totó Câmara, que hoje se aplicam devido às distinções discriminadas de localização, dificuldade de acesso devido ao trânsito, falta de escoamento de água correto, falta de proteção nas barracas, que passaram a se posicionar em área de grande incidência solar, o que estraga os alimentos e afasta a circulação de passantes, necessitando de adaptações técnicas dos próprios feirantes, mas também traduz elementos positivos como organização, higiene e distinção de atividades.

Assim sendo, impregnada de relações cotidianas mediante sua periodicidade de trocas comerciais, as Feiras Livres acontecem em espaços e tempos e são um campo propício às reflexões geográficas. A presença da Feira Livre na cidade de Dourados reforça a ideia de que o trabalho do feirante só tem sentido quando essa ação se materializa no espaço; quando o coletivo, o grupo enquanto organização de suas ações se territorializam, fixando-se temporariamente em determinados locais (SANTOS, 2013), por uma centralidade efêmera, portanto uma territorialidade efêmera e transitória e não uma territorialidade fixa e demarcada, que descaracteriza a essência de ser da “Feira - Livre”.

2.6.1 A territorialidade marcante da Rua Cuiabá

Segundo Kozlowski (1976) a diversidade de interesses demonstra que as feiras imantam um número de dimensões que possibilitam encontrar os costumes de um povo e de uma época, e remontam as relações comerciais baseadas no escambo.

De acordo com Verão (2010) a Feira Livre da Rua Cuiabá tratava-se de um local onde os visitantes encontravam de tudo: secos e molhados, hortifrúti, vestuário e presentes em geral, garaparias, artesanato e variados produtos de confecção caseira como café, doces, queijo, entre tantos outros, e por se manter por mais de três décadas na região central de Dourados, no ano de 2010 tornou-se patrimônio histórico.

Não há registro preciso sobre o surgimento da Feira Livre em Dourados, no entanto, Verão (2010) destaca que iniciou-se na Vila Industrial, na década de 1970, e depois migrou para a antiga Rua Santa Catarina, hoje Onofre Pereira de Matos, mas, para melhor acomodar os feirantes, na mesma época transferiu-se para a Rua Cuiabá.

Segundo Oliveira (2014), na cidade de Dourados haviam quatro feiras, sendo a principal delas a da Rua Cuiabá, por ser a mais tradicional e movimentada, e nela, no ano estudado, 33% dos feirantes produziam ou comercializavam produtos oriundos da agricultura familiar, responsável pela renda principal das famílias.

Oliveira (2014) afirmou ainda que a maioria dos feirantes estava no local desde a criação da feira, sendo que alguns são segunda geração da família de feirantes, e apesar de poucas mudanças na infraestrutura da Feira Livre da Rua Cuiabá num período de duas décadas, o território era conhecido pela diversidade de

produtos num só lugar, pelo espaço onde se podiam encontrar pessoas de todas as idades, seja a passeio ou em compras.

“A Feira Livre da Rua Cuiabá: é a minha vida e eu não vivo sem ela”.

(ANTÔNIO BENITEZ, em entrevista dada à VERÃO 2010)².

Uma territorialidade efêmera, que se fez marcante, a Feira Livre da Rua Cuiabá, atualmente é patrimônio histórico tombado³ e mesmo sofrendo um processo de desterritorialização, a Feira Livre continua presente na história do município e memória das pessoas.

Conforme Haesbaert (1997), os símbolos que compõem uma identidade não são construções totalmente eventuais; mantêm sempre determinados vínculos com a realidade concreta. Para o autor, a própria memória (coletiva) de um grupo social precisa de uma referência territorial.

“Recordo-me da Feira Livre da Rua Cuiabá com muito carinho, muita coisa mudou, mas lembro de meu pai comprando carne enrolada em jornal, lembro-me de como era um ambiente familiar e como era bom esses momentos em família, era uma grande alegria quando chegava o fim de semana e sabíamos que íamos à feira” (SANTOS, 2017)⁴

Enfim, a referência territorial da Feira Livre na Rua Cuiabá ainda é muito importante na cidade, e sabe-se que a mudança territorial da Feira Livre de Dourados não se restringe apenas ao uso e ocupação de um novo espaço territorial, mas também, de alguma forma, incide diretamente nas pessoas. De fato, incide em algo chamado de identidade territorial, a qual, segundo Haesbaert (2004):

“[...] trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para a sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto”. Outro aspecto pertencente ao território é a memória das comunidades instaladas em determinados territórios, pois sua característica é relevante para as futuras gerações advindas de intervenções do sistema econômico atual (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

² Vendedor de garapa na Feira a mais de 30 anos, destacando o que a feira era para ele, uma territorialidade e identidade de si.

³ A proposta de tombamento foi aprovada pela Lei 28/2010, em função de garantir que os feirantes continuem a atuar na Feira Livre, já que havia preocupação dos feirantes com a possibilidade de mudança do local de funcionamento da feira.

⁴ Moradora do município, filha de morador antigo (*in memorian*), relatando seu carinho e sua memória pela Feira da Rua Cuiabá.

A memória mencionada por Haesbaert (2004) hoje é aspecto de saudade, e a Feira Livre da Rua Cuiabá, que era tradicional, pode ser vista apenas em fotografias e recordações.

Figura 3: A Feira Livre da Rua Cuiabá: hortifrúti na rua (2016)



Fonte: Lima Santos (2016)

Na Rua Cuiabá, os fregueses circulavam livremente e realizavam suas compras, principalmente aos domingos, como pode ser observada na Figura 4.

Figura 4: A Feira Livre da Rua Cuiabá: clientela realizando suas compras na manhã de domingo pela rua (2016)



Fonte: Lima Santos (2016)

Figura 5: A Feira Livre da Rua Cuiabá: área de armarinhos e importados, e banheiros da feira livre (2016)



Fonte: Lima Santos (2016)

Figura 6: A Feira Livre da Rua Cuiabá: território tradicional (2016)



Fonte: Lima Santos (2016)

Determinados os usos, a Feira Livre da Rua Cuiabá mantém nas pontas da Rua a área de armarinhos e importados, seguidas por bancas de laticínios, hortifrúti e ao centro a praça de alimentação, usos múltiplos representados na Figura 9, que

condicionavam a realidade da Feira Livre em Dourados, possibilitando uma identidade e controle/organização.

Figura 7: A Feira Livre da Rua Cuiabá: área de hortifrúti (2016)



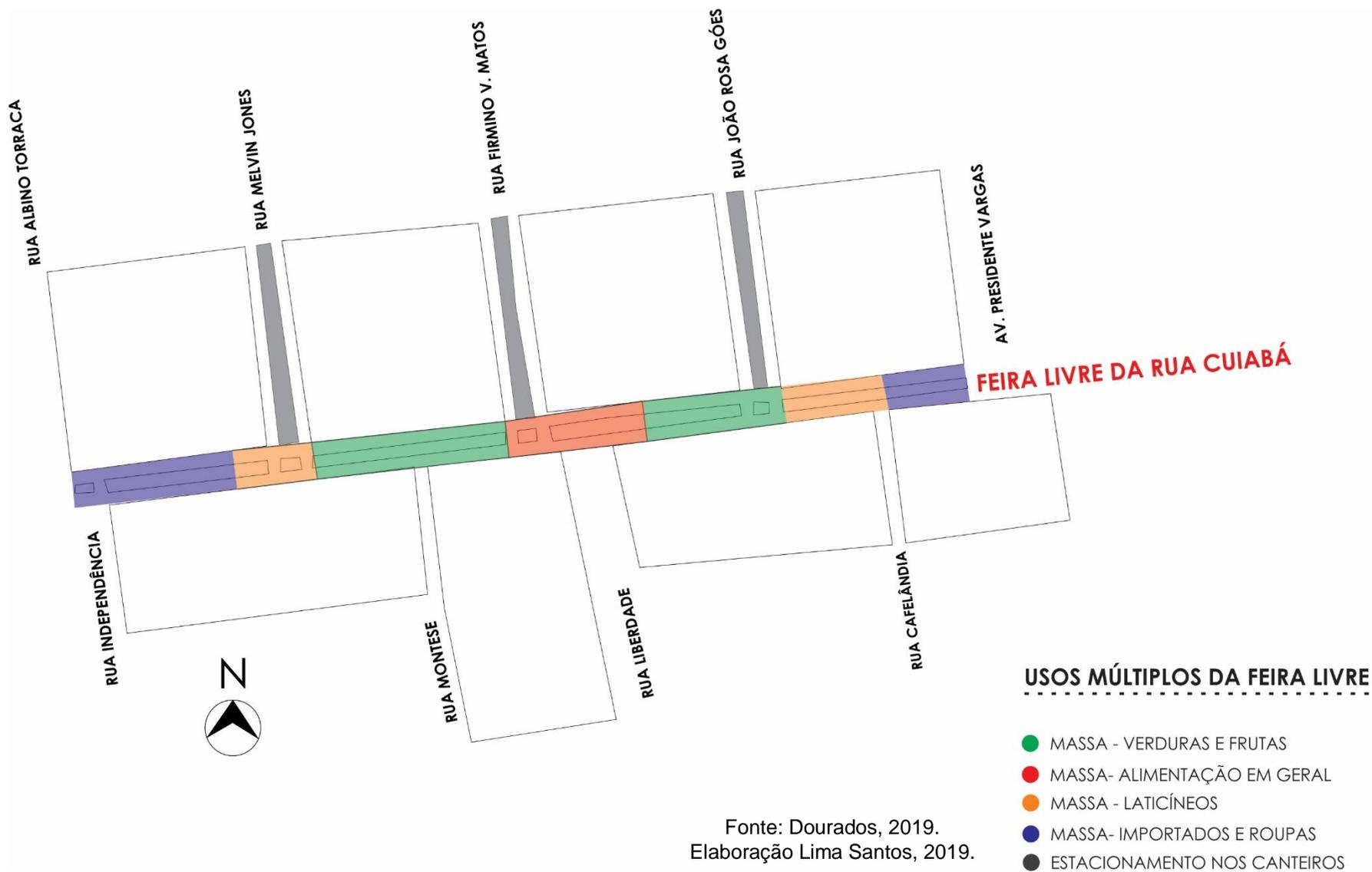
Fonte: Lima Santos (2016)

Figura 8: A Feira Livre da Rua Cuiabá: área de armarinhos e importados (2016)



Fonte: Lima Santos (2016)

Figura 9: Feira Livre da Rua Cuiabá e seus múltiplos usos



2.6.2 A territorialidade (será mesmo uma territorialidade?) criada (ou imposta?), a Feira Livre João Totó Câmara.

A inserção dos feirantes como novos atores sociais no espaço da Chácara Rigotti no ano de 2016 alterou relações sociais até então vigentes na região. Com esse novo processo, algumas relações tornaram-se mais complexas, como por exemplo, a relação de espaço das quitandas, que restringe o feirante e/ou a falta de cobertura ampla, o que dificultava, já que a luz solar incidente facilmente estraga as hortaliças e verduras.

Outro elemento importante que gerou enorme estranhamento na chegada foi o relativo isolamento geográfico da feira, o projeto procurou criar massas⁵ de feirantes, massas de quiosques de alimentos, massas de produtos importados e presentes e o maciço de preservação ambiental ao centro, uma vez que a história da feira livre é marcada por ser livre, onde a vida em comunidade possuía outro ritmo.

Figura 10: Feira Livre João Totó Câmara: hortifrúti no território atual (2018)

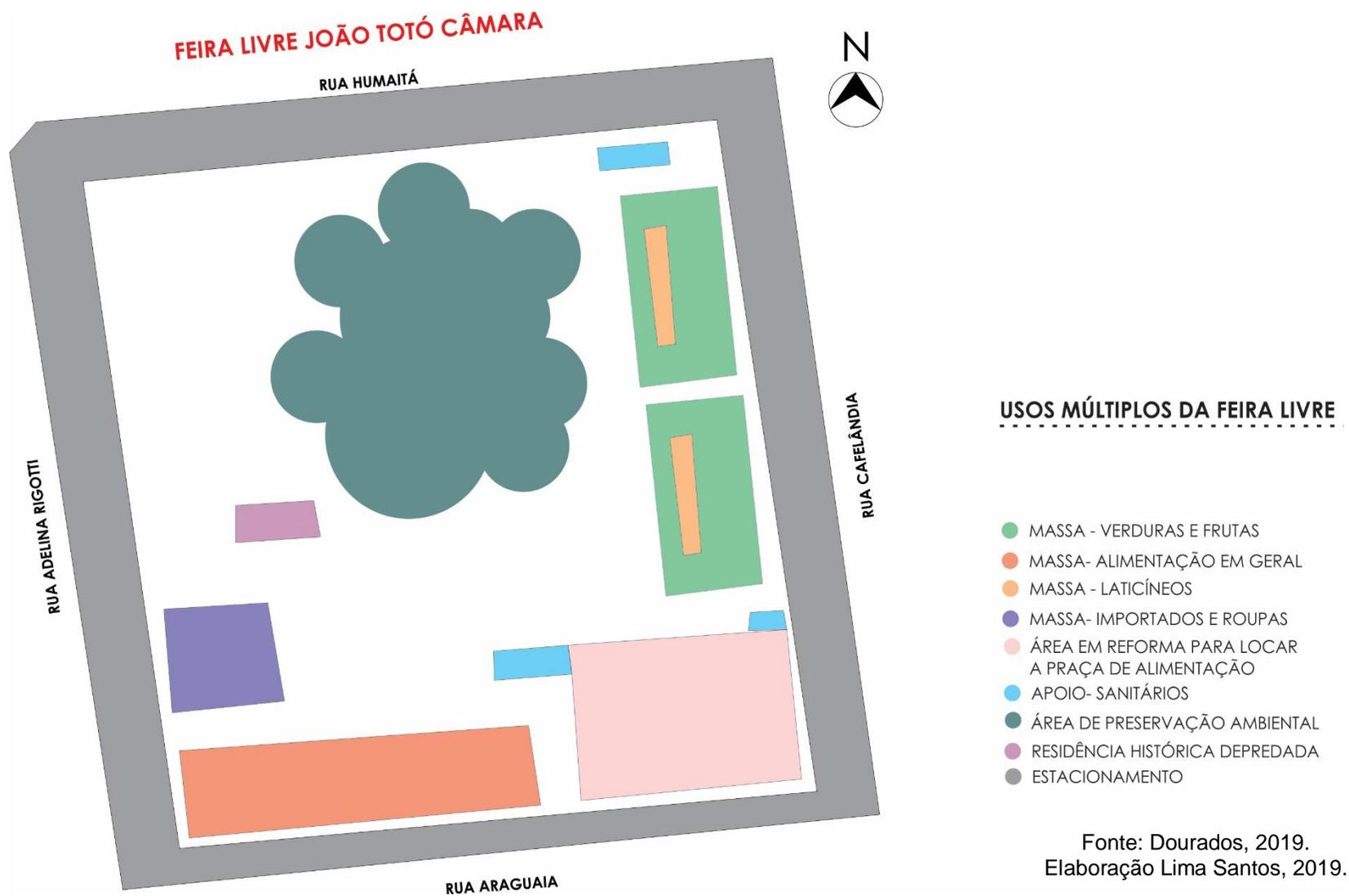


Fonte: Lima Santos (2018)

Os usos que antes na Rua Cuiabá era determinado por atividades de vendas, passaria a ser distinto e discriminado por massas, tal como mostra a Figura 11.

⁵ O termo massa refere-se à arquitetura. O plano de massa é o estudo preliminar da paisagem, quando se define a estrutura básica dos espaços a serem produzidos, suas características de uso, forma, cor, textura, os caminhos, etc. Um plano de massa serve de apoio para a configuração da paisagem a ser produzida.

Figura 11: Feira Livre João Totó Câmara e seus usos discriminados



Agora tem-se as áreas de verduras e frutas (Figura 12), as áreas de laticínios (Figura 13), área de importados e roupas (Figura 14) e área de alimentação (Figura 15).

Figura 12: Feira Livre João Totó Câmara: Hortifruti (2018)



Fonte: Lima Santos (2018)

Figura 13: Feira Livre João Totó Câmara: Laticínios (2018)



Fonte: Lima Santos (2018)

Figura 14: Feira Livre João Totó Câmara: armarinhos e importados (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

Figura 15: Feira Livre João Totó Câmara: praça de alimentação (2018)



Fonte: Lima Santos (2019)

Figura 16: Feira Livre João Totó Câmara: área destinada a circulação da clientela (2018)



Fonte: Lima Santos (2018)

Figura 17: Feira Livre João Totó Câmara: alguns equipamentos urbanos na área de circulação (2018)



Fonte: Lima Santos (2018)

Figura 18: Feira Livre João Totó Câmara: a feira e seu amontoado de produtos, pessoas e lonas no território atual (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

2.6.3. Quais as reais diferenças entre a Feira Livre da Rua Cuiabá e a Feira Livre João Totó Câmara?

Inicialmente, quem vê de longe parece ser igual, mas quem vivencia não tem essa mesma perspectiva.

Para a prefeitura de Dourados (2016) todos estão felizes e orgulhosos da Feira Livre João Totó Câmara, pois trouxe dignidade tanto aos que moram na rua Cuiabá, quanto aos próprios feirantes.

Para que as barracas permanecessem montadas, a rua Cuiabá ficava todo final de semana interditada num longo trecho. Um dos impactos positivos com a mudança é valorização tanto dos imóveis que estão nessa rua, quanto daquela região da cidade em que a Feira Livre João Totó Câmara está instalada (PREFEITURA DE DOURADOS, 2016).

A Feira Livre de Dourados é uma tradição, para a Câmara Municipal é importante e fundamental para o município pensar o espaço destinado a ela,

conforme observações e entrevistas com o poder público, que inclusive chegou a criar uma lei para garantir que a tradição fosse mantida.

Considerando essa premissa, foi pensado um espaço definitivo para os feirantes, que eles também deviam lutar para que se mantivesse em condições, já que referia-se a uma estrutura melhor para trabalhar e maior conforto para os consumidores, porém, o que era preciso e fundamental quando foi realizado transferiu divergências sobre as reais necessidades.

É possível elencar reais diferenças ente a Feira Livre da Rua Cuiabá e a Feira Livre João Totó Câmara e tecer considerações a partir da relação de exploração e coleta de informações dos protagonistas da Feira Livre. Sendo assim:

Quadro 01: Diferenças entre a Feira Livre da Rua Cuiabá e a Feira Livre João Totó Câmara

Feira Livre da Rua Cuiabá	Feira Livre João Totó Câmara
Bancas montadas pelos próprios feirantes, mera padronização espacial	Bancas fixas, espaço reduzido para atendimento ao cliente
Não haviam sanitários	Sanitários para atendimento ao público
Arborização e contato direto com a clientela de todos os usos	Arborização apenas no bosque
Usos dispostos numa organização por toda a extensão da Rua Cuiabá	Massas de usos discriminados
Visibilidade de toda a extensão da Feira	Nenhum contato com usos diversificados
Proximidade com residências e comércios (isentos de impostos)	Proximidade com residências
Estacionamento nas ruas que circundam	Estacionamento próprio
Poucos equipamentos urbanos, muitos já deteriorados	Equipamentos urbanos (postes de iluminação, bancos)
Área de alimentação ao centro	Projeto em execução de uma praça de alimentação fixa
Boxes conforme dinâmica de organização das vendas	Má distribuição dos boxes
Facilidade de acesso dos carregamentos	Dificuldade de acesso dos carregamentos
Escoamento de água de chuva por meio dos bueiros da rua	Escoamento da água de chuva precário

Fonte: trabalhos de campo 2016 e 2019. Org. Lima Santos (2019) .

A dinâmica da transformação de um território, uma territorialidade criada veio como algo que alteraria uma realidade para melhor, mas ao chegar e conversar,

vivenciar a Feira Livre de Dourados, muitos contrapontos se evidenciaram, tais como os fatos abordados no capítulo 04.

CAPÍTULO 3

GEO-HISTORIA DA FEIRA LIVRE DE DOURADOS E SUAS MUDANÇAS

A palavra feira tem sua origem no latim, “*feria, ae*, dia de festa, mais comum no plural, *feria, arum*, dias consagrados ao repouso, festas, férias; em latim vulgar, mercado, feira, porque os dias de festa religiosa eram aproveitados para o comércio no local daquelas manifestações; por via popular”.

SATO, 2012.

Esse significado, que apresenta a feira como festa e como diversão faz-nos buscar os seus usos para a vida social e cultural.

SATO, 2012.

O texto a seguir é o resultado da análise das transformações e trajetória pelas quais a Feira Livre de Dourados passou, relacionando-as com as transformações/localizações da Feira Livre vivenciadas no município (apontadas no capítulo 4), aqui entendida não como simples espaço de produção e circulação de mercadorias, mas, como cenário de interações sociais e identidade cultural, que quando necessário se reconstrói, se (re)territorializa, produzindo múltiplas representações sobre si mesmo. Em última análise, através da compreensão da maneira como, no decorrer do tempo, a Feira Livre em Dourados foi se modificando e se transformando, até chegar a sua realidade atual.

3.1 Caracterização de Dourados

A cidade de Dourados foi fundada em 1935, e é a segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul, possui área total de 4.086,237 km² e sua população é estimada em 218.069 mil hab., segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2017).

De acordo com o Perfil Socioeconômico (2012), a cidade teve um lento desenvolvimento até a segunda metade do século XX por causa das deficiências dos meios de transportes e vias de comunicação.

Com a implantação da Colônia Agrícola de Dourados (CAND), milhares de famílias de migrantes foram assentadas em Dourados. Esse movimento caracteriza a expansão das frentes pioneiras ocorrida no final da década de 1940. Em 1949, foi inaugurada no município de Dourados, a estação de Itahum da Ferrovia Noroeste do Brasil. Esta ligação ferroviária facilitou a chegada de paulistas e paranaenses, pela rápida expansão que teve, a partir dessa ligação Dourados conecta-se mais fortemente ao Estado de São Paulo. (ERNANDES, 2009, p. 41,42).

Existiram medidas importantes para o progresso da região e de Dourados: como a abertura de estradas de Porto Souza para Caarapó e a vinda de uma linha regular do serviço de Transporte Aéreo Nacional para Dourados (ERNANDES, 2009).

O autor ainda destaca que no final da década de 1940 ruas largas com canteiros centrais arborizados foram implantados. O plano enxadrezado estabeleceu quadras uniformes e os lotes foram ocupados gradativamente por construções que abrigaram o os primeiros comércios (ERNANDES, 2009, p. 59).

Com a abertura das rodovias, durante a década de 1950, houve uma aceleração no desenvolvimento da cidade e Dourados, que se tornou um importante centro agropecuário e de serviços, especialmente a partir dos anos 1970.

A partir da década de 1970, Dourados passou por significativas mudanças: a região de Dourados foi eleita pelo governo federal como polo de desenvolvimento regional, passando a receber investimentos e incentivos governamentais, que se revelaram decisivos para a consolidação dos interesses agroindustriais. Destaca-se que Dourados foi a única cidade da porção sul do estado a ser inserida no Programa Nacional Cidades de Porte Médio. Essa condição lhe propiciou receber investimentos em infraestrutura intra-urbana, visando consolidá-la como pólo de desenvolvimento regional (CALIXTO, 2000).

Algumas exigências eram feitas por esse projeto como planejamento básico para o crescimento urbanístico e o plano piloto desse crescimento. Inicialmente Dourados não atendia essas exigências impostas, contudo o prefeito vigente Eng. Jose Elias Moreira apresentou uma reformulação do zoneamento e instituiu a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) baseado no plano de complementação urbana

realizado pelo Arquiteto Jaime Lerner em 1979, fazendo assim com que Dourados estivesse adequado para receber o projeto.

Nos anos 1990, o incremento de tecnologias, como o plantio direto, auxiliou o desenvolvimento do comércio douradense. Além do crescimento da agropecuária, o desenvolvimento comercial e o de serviços na zona urbana foram decisivos para que Dourados se consolidasse como polo regional de desenvolvimento para uma região com quase 1 milhão de habitantes, incluindo parte do Paraguai, o que lhe confere o título de Portal do Mercosul.

Devido ao desenvolvimento da cidade, foram necessárias medidas que favorecessem o bem-estar da população, tornou-se então fundamental a organização de um plano diretor municipal para que a cidade seguisse um crescimento planejado e organizado, melhorando aspectos sociais e a qualidade de vida da população, ainda estando totalmente ligada ao desenvolvimento da estrutura do espaço urbano, de acordo com o planejamento da cidade e nessa vertente, tem-se a importância da desterritorialização da Feira Livre da Rua Cuiabá e implantação em localização fixa na Chácara Rigotti. Podemos pensar então a falta de planejamento urbano como condicionante para propor a Feira Livre João Totó Câmara, mas se ela é uma “solução para os problemas” por que não há uma assimilaridade ao novo território, ninguém se acostuma com o que é ruim, não seria diferente na Feira Livre de Dourados.

Lacerda (2014) afirma que a cidade de Dourados permaneceu sem plano diretor oficial até os anos 2000, usando como base o Plano Lerner, o que poderia explicar a situação territorial da Feira, considerada as datas da Feira na Rua Cuiabá (2000) e observada a necessidade de um plano para o município. A partir de então foi montada uma comissão para o desenvolvimento e elaboração do Plano Diretor oficial da cidade de Dourados que em 2003 foi concluído.

O Plano Diretor propõe teoricamente o desenvolvimento sustentável do município, a conservação e gerenciamento do meio ambiente com a recuperação de áreas degradadas e a reorientação das atividades econômicas de modo a reduzir as pressões antrópicas sobre os ecossistemas regionais urbanos e rurais (GOMES e SILVA, p.846, 2012).

Nesse sentido, conforme apontam Calixto *et al* (2010) algumas dinâmicas estabelecem-se no processo de consolidação e intensificação na cidade de Dourados e exigem a organização de novos serviços que atendam a esse mercado.

3.1.1 A Feira Livre de Dourados

A feira Livre de Dourados tem mais de três décadas de existência no município, alguns feirantes acreditam que sua primeira localização era na Rua Presidente Vargas, entre a ruas Major Capilé e Rua Weimar Gonçalves Torres, mas não há dados concretos que afirmem tal localização, o que se sabe é que a Feira Livre inicialmente localizou-se na Rua Nelson de Araújo (que na época era Rua Maranhão) entre a Avenida Marcelino Pires e a Rua Weimar Gonçalves Torres, pois haviam pontos comerciais distintos de hortifrútis nessas áreas.

Porém, a história da Feira Livre pode ser contada a partir de seu funcionamento na antiga Rua Santa Catarina (atual Rua Onofre Pereira de Matos entre a Avenida Presidente Vargas e a Rua Joao Rosa Góes) e ao seu redor acontecia todas as ações de grande importância para a comunidade local, logo após, buscou-se melhorias instalando na Feira Livre que passaria a atender teoricamente como antigo Mercado Municipal e localizar-se-ia onde atualmente se encontra o supermercado Abevê, na Rua Albino Torraca (MELO, 2010), mas fugia muito da roupagem Feira Livre, e a ideia não foi adiante.

Após isso, a Feira Livre realocou-se à Rua Cuiabá, onde se manteve por muitos anos, criando uma relação de identidade e cultura – esse processo de mudanças e realizações na Rua Cuiabá, serão explorados no capítulo seguinte, com o uso de imagens e informações coletadas em jornais do município.

Enfim, sobre a origem da Feira Livre de Dourados, nada parece ser mais concreto que as vozes de quem viu e viveu a Feira Livre. Em relato de Inagaki (2002) a ideia da Feira inicia-se em Dourados de forma espontânea, devido às necessidades cotidianas dos japoneses, a autora menciona entrevistas em que pode se perceber inicialmente a particularidade da Feira Livre de Dourados como um surgimento ligado às famílias pioneiras de Dourados. A autora coloca que o objetivo primário da criação da feira na localidade foi a geração de renda de forma mais fácil.

Desta forma, percebe-se imediatamente a ligação direta da história da feira com a história, costumes e particularidades do município.

De acordo com Inagaki (2002) a história da feira iniciou-se a partir da família Oshiro, que resolveu plantar verduras na Chácara onde moravam e Toshio Oshiro ou seu filho mais velho, Mauro, vinham à cidade de carroça e batiam de porta em porta oferecendo seus produtos. Passando a entrega-los em todos os hotéis da cidade (os hotéis daquela época ofereciam refeições aos hóspedes, pois existiam poucos restaurantes). Foi encontrado então um nicho de mercado importante. Inagaki (2002) relata que após entregar toda a verdura, os Oshiro faziam o caminho contrário recolhendo a lavagem para dar aos porcos. Com o tempo, o número de verdureiros aumentou e eles resolveram organizar a Feira Livre. Toshio Oshiro foi um dos pioneiros.

Os processos da Feira Livre e suas localizações são aspectos importantes para recordar, mas ao relacionar Feira Livre de Dourados, não há nenhuma pessoa que não lembre e considere a Feira Livre da Rua Cuiabá, que era patrimônio tombado do município (apesar de não existir mais), e no auge de seu funcionamento abrigava mais de 250 pontos de venda, e era conhecida pela diversidade de produtos num só lugar, onde era possível encontrar pessoas de todas as idades, seja a passeio ou em compras.

A Feira Livre da Rua Cuiabá era aberta aos sábados e domingos, e passou também a ser referência para as famílias, porém, em 2016, com base em informações coletadas, após 30 anos a Feira Livre passou a ser um empecilho no local de inserção – a Rua Cuiabá - assim, foi imposta a alteração da localização histórica da Feira Livre de Dourados.

Atualmente a Feira Livre do município está localizada à Rua Cafelândia, em uma quadra da Chácara Rigotti, a chamada feira livre outrora localizada na Rua Cuiabá, hoje se mantém circundada de gradis, e passou a ser reconhecida como Feira Livre Central de Dourados, João Totó Câmara. Essa mudança da territorialidade e paisagem da Feira, condicionou algumas considerações, reflexão que resulta na análise em campo abordada no capítulo seguinte, e que se conversa com a ideia de TDR.

De acordo com Mott, qualquer pesquisa sobre Feira deve começar pela reconstituição da sua história, ou seja, “[...] desde quando existe a Feira, quem

determinou sua instalação, que documentos informam sobre suas origens e evolução, o que os comerciantes ou compradores mais antigos podem informar sobre como era a Feira antigamente” (MOTT, 1975).

Dessas possibilidades, isto é, documentos e agentes reveladores da história da Feira Livre, os que tivemos acesso para o caso da Feira Livre de Dourados foram os comerciantes (feirantes-vendedores), compradores (feirantes-consumidores) mais antigos e referências de jornais, sendo o material da pesquisa coletado por meio de conversas informais com os mesmos, considerando década após década (nos meios de comunicação do município) ao passo que outras questões se deram com entrevistas e aplicação de questionários junto aos mesmos.

A Feira Livre de Dourados é a marca da ação humana no/do espaço geográfico douradense ao longo dos anos da (re) produção desse espaço, uma vez que, conforme Corrêa (1982), “A ação humana, que gera a organização do espaço, isto é, que origina forma, movimento e conteúdo de natureza social sobre o espaço”, se caracteriza, ainda, “pela ação de feirantes que, ao se apropriarem tornam-se capazes de impor sua marca sobre o espaço”. Tal marca, impressa no espaço urbano de Dourados, reúne as experiências humanas ao longo do tempo, numa dinâmica que está relacionada diretamente à produção, distribuição e circulação dos produtos hortifrúteis, produtos importados e alimentação.

A Feira Livre tem por si mesma uma história, assim como, a Feira Livre de Dourados possui uma geografia. Isso implica ver os fatos que envolvem essa atividade de forma relacionada. Significa entender que, se tomada isoladamente em sua realidade, ela apresenta-se como dependente “de sua inserção e sua existência geográfica é dada pelas relações sociais a que se subordina, que inclusive determinam as relações técnicas ou de vizinhança mantidas com outros objetos. Assim, a concepção acerca da Feira da Feira Livre de Dourados aproxima-se da visão de Santos (2002), ao falar do espaço geográfico como um híbrido, apontando a inseparabilidade entre os objetos e as ações.

A fim de sabermos a origem dessa atividade, mostrou-se necessário abordarmos sobre eventos com os quais ela se liga, desde a origem, eventos primeiros com os quais a história da Feira Livre está relacionada. É preciso, dessa forma, entender as transformações pelas quais o município passou, sobretudo em termos de disposição local e as repercussões disso na Feira Livre de Dourados.

Isso se fará mediante uma periodização histórica da Feira Livre de Dourados, destacando: a caracterização da feira e suas localizações; o período de inicialização da atividade; os fatores importantes que contribuíram para o desenvolvimento do objeto na cidade, bem como as principais formas de produção e comercialização. São destacadas, ainda, as experiências dos sujeitos desse espaço com a Feira Livre relacionando essas práticas ao contexto histórico da Feira Livre de Dourados, concluindo, assim, esse percurso metodológico.

3.2 Periodização histórica: A Feira Livre de Dourados e sua relação com o município

A Feira Livre existente na cidade de Dourados data da década de 50, alguns trechos de jornais e entrevistas possibilitaram explorar a história dessa atividade no município.

As informações abrangidas nas reportagens auxiliaram na composição de uma relação do município com a Feira Livre de Dourados. Com a definição de uma nova área para a Feira Livre os processos também se alteraram, e ao relacionar quem vivencia com o espaço vivenciado, muitas considerações podem ser destacadas.

Assim, determinado o tema – objeto, notou-se que não existia uma grande abrangência sobre o assunto, e por isso, iniciou-se nesse capítulo uma pesquisa exploratória, adquirindo uma familiaridade com o tema, considerando entender como funcionou e a relação com a história da Feira Livre de Dourados, confirmando hipóteses e considerações coletadas “in loco”.

No capítulo 4, iniciou-se a metodologia exploratória sugerida pela vivência da pesquisa *in loco*, na qual procurou-se utilizar procedimentos para validar as hipóteses ou não, possibilidades e sensações que o processo da Feira Livre de Dourados passou e se mantém. Assim, com um processo histórico foi preciso referenciar e montar o quebra-cabeças da história, assim como, considerar os diálogos realizados com feirantes, clientes assíduos, população envolvida diretamente, que tornam ainda cada dia mais a relação da territorialidade e identidade da Feira Livre de Dourados como um objeto histórico, geográfico e culturalmente importante.

3.2.1 A história em recortes de jornal

Inicia-se a busca por informações que pudessem trazer para a atualidade a realidade da Feira Livre de Dourados e retratar todo o histórico desse marco:

Assim, iniciamos retratando o anseio da população por uma Feira Livre na década de 50, na reportagem do jornal ‘O progresso’ de outubro de 1956, segundo o informativo, uma vontade dos agricultores e do povo em geral, e para atender as necessidades eis que inaugurava em 1956 a Feira Livre na esquina da Avenida Marcelino Pires com a Rua Maranhão, um “mercado que funciona nas próprias ruas, sem prejuízos do transito ou qualquer inconveniente que possa afetar a ordem pública” (JORNAL O PROGRESSO, 1956).

Figura 19: Feira Livre e muita reclamação (1956-1958)

14/10/1956

29/01/1958

FEIRA LIVRE

A vontade dos inúmeros agricultores é tamanha, e é grande a vontade do povo em geral para que tenhamos uma feira-livre, que este jornal, apoiando o povo trabalhador da nossa terra, convida a todos os interessados, agricultores, chacareiros, comerciantes e industriais, e todos afinal, inclusive as senhoras donas de casa, para a inauguração de uma feira — no próximo domingo, às primeiras horas da manhã, na esquina da Avenida Marcelino Pires com a Rua Maranhão.

Caso dê esta iniciativa, como é de se esperar, bons resultados, todos os domingos, desse dia em diante, teremos em Dourados, às mesmas horas, as mesmas feiras-livres, onde o processo de oferta e procura de artigos de primeira necessidade e de utilidades várias, estarão à venda ao distinto público douradense.

Concorram, senhores produtores, com o que puderem a esse mercado que, a exemplo de outras cidades, mesmo da Capital do País, funciona nas próprias ruas, sem prejuízo do trânsito e outros inconvenientes que possam afetar a ordem pública.

DOURADOS ANTIGO

Crônica da semana — 29-1-58

Armando da Silva Garmello

Perfeitamente conhecedor dos anseios da nossa população, notadamente dos nossos colonos e inúmeros agricultores; conhecedor do espírito progressista que anima a todos os nossos homens da lavoura em Dourados, é que, de longos anos a esta parte, vimos junto às autoridades batendo na mesma tecla — qual seja o da necessidade de termos, aqui, um MERCADO MUNICIPAL.

Dourados, cidade de grande vitalidade comercial, não podia, como não pode deixar de ter um MERCADO MUNICIPAL.

Este sistema de comércio a que aludimos, que favorece a todos desde os menos favorecidos da sorte, até os mais providos da fortuna, está hoje instituído em todos os recantos do País, em todos os centros urbanos, sob o patrocínio e orientação governamentais.

A pequena feira-livre, que se situa à Rua Maranhão, nesta cidade, está funcionando regularmente, todas as quintas feiras e domingos.

E, por que não atendê-la da maneira que ela merece? E por que deixá-la ao abandono, mormente quanto a limpeza que deve existir após o funcionamento da mesma?

Sabido é de todos que este intercâmbio comercial entre os colonos, chacareiros e agricultores em geral, e a nossa Praça é de grande alcance econômico, todos serão favorecidos.

Resta apelarmos para as autoridades municipais, para que olhem a feira que e deles como é do povo de todos nós.

A limpeza, principalmente, precisa ser feita naquele trecho de rua onde funciona a feira, a fim de que os nossos visitantes e mesmo os frequentadores de tão útil empreendimento, não se sintam acanhados diante desse impecilho que pode ser removível, bastante, para isso, da boa vontade dos nossos governantes.

Fica aqui, mais uma vez, o apelo deste comentarista de vocês de todos os dias.

E, até amanhã, caros leitores, se o Criador permitir.

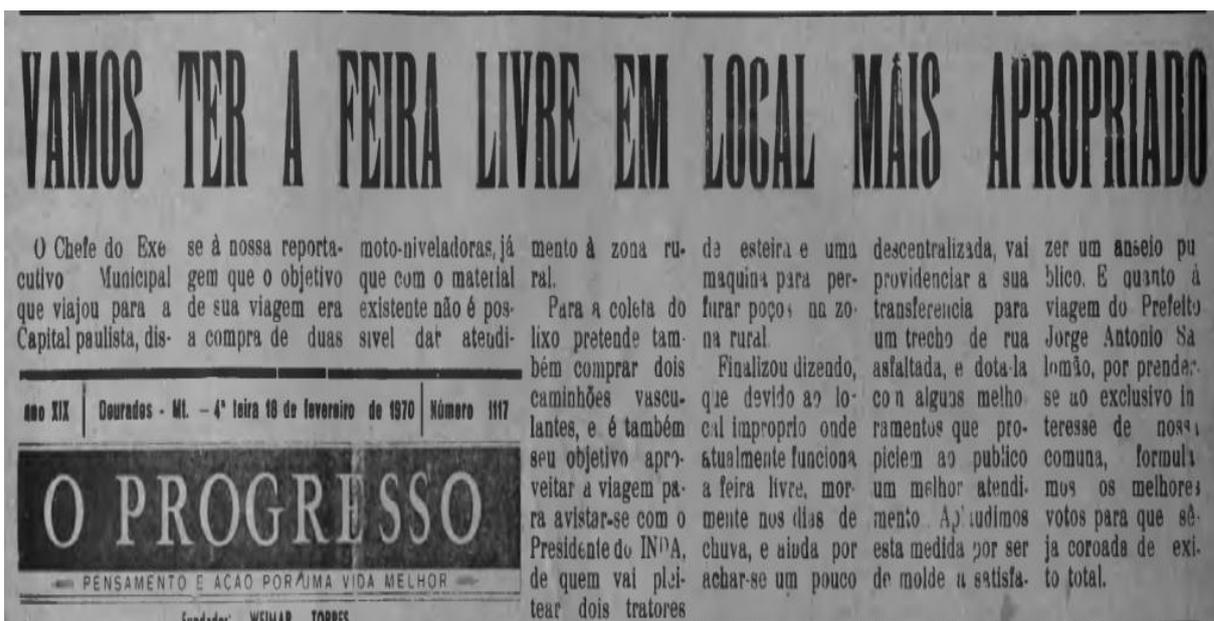
Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1956 -1958

Ainda é possível descrever a situação da Feira Livre no recorte acima que reproduz dados de 1958, pelo que o informativo traduz era uma necessidade a Feira Livre, mas era importante também a propulsão de um mercado municipal. Na crônica é mencionada a localização da Feira Livre (Rua Maranhão), os dias de funcionamento (quintas – feiras e domingos) e a falta de manutenção e limpeza após o término da Feira (JORNAL O PROGRESSO, 1958).

Desde então, a Feira Livre foi criando lugar cativo nos finais de semana douradenses, em 1970, inicia-se o ideal de interferência local da Feira Livre de Dourados, conforme mostra o Anexo B, que reproduz informação do Chefe Executivo Municipal Sr. Jorge Antônio Salomão da época, que salientava que o local onde funcionava a feira livre era impróprio e descentralizado, principalmente em dias de chuva e que esta deveria ser transferida para um trecho asfaltado, com melhor qualidade de atendimento ao público (JORNAL O PROGRESSO, 1970).

Figura 20: Feira Livre e seu local impróprio (1970)

18/02/1970

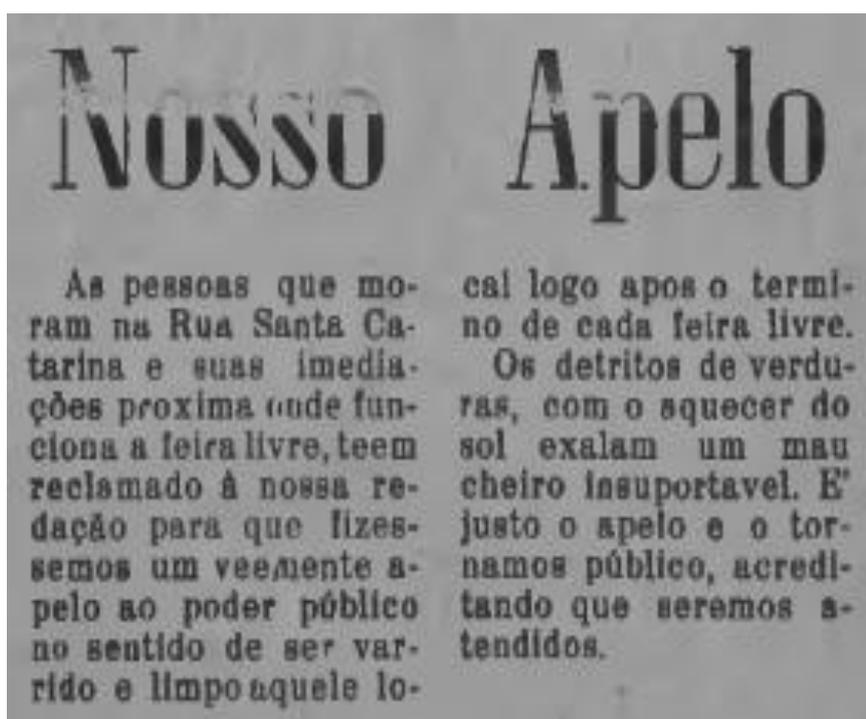


Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1970.

Da Rua Maranhão (atual Rua Dr. Nelson Becker de Araújo) a Feira alterou seu endereço para a Rua Santa Catarina (atual Rua Onofre Pereira de Matos), porém como mostra o informativo em 1971, passou a ser objeto de descontentamento, pois a população passou a reclamar da sujeira e restos da Feira, já que os detritos de verduras, com o aquecer do sol, exalam mau cheiro (JORNAL O PROGRESSO, 1971).

Figura 21: O apelo por melhorias na Feira Livre de Dourados (1971)

17/05/1971

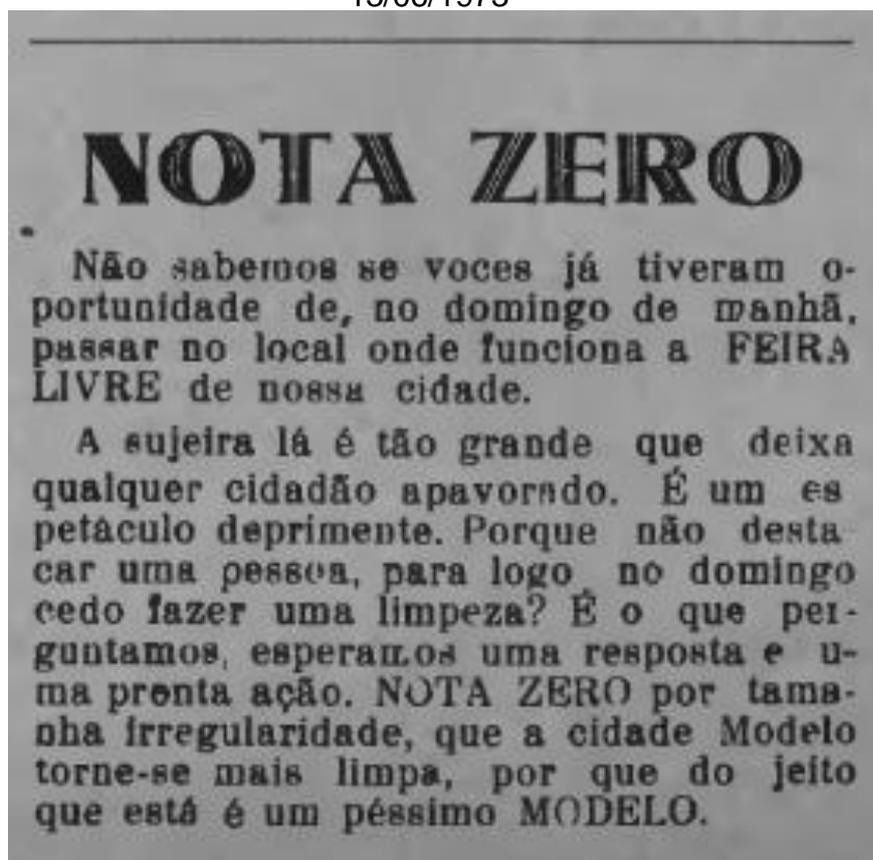


Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1971.

A incessante busca por melhoria continua a ser retratada, no informativo do Jornal O Progresso, que data de junho de 1973, é descrito “ A sujeira lá é tão grande que deixa qualquer cidadão apavorado. É um espetáculo deprimente... que a cidade Modelo torne-se mais limpa, e isso destaca que a insatisfação não era em torno da Feira Livre, mas sobre a falta de cuidados por consequência da Feira Livre, já que os órgãos municipais não se posicionavam quanto a limpeza e manutenção das ruas, e a Feira era um desejo e necessidade a população (JORNAL O PROGRESSO, 1973).

Figura 22: A Feira Livre de Dourados como péssimo modelo (1973)

13/06/1973



Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1973.

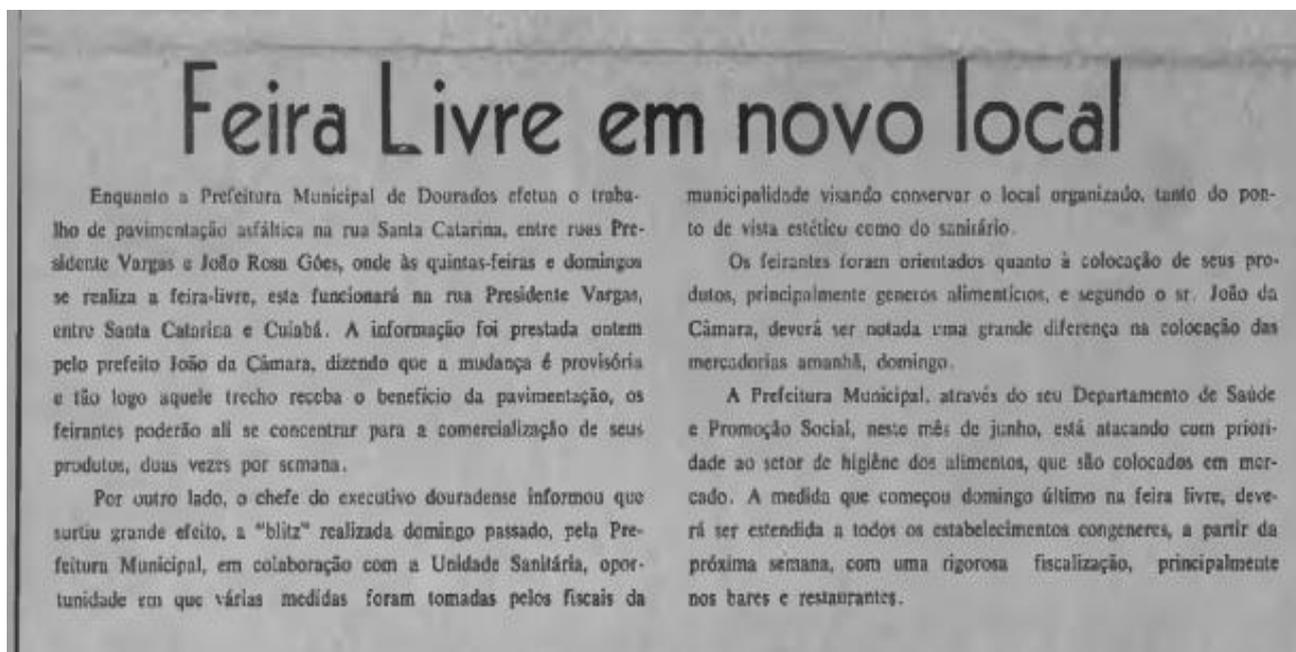
Diante do que é exposto, observa-se que de 1956 até 1971, a Feira Livre de Dourados só representava aspectos negativos praticamente, seja por sua sujeira, seja pela falta de organização, ou inúmeros motivos, mas, foram 15 anos de Feira Livre em Dourados, sem um olhar voltado para a Feira Livre de Dourados. O que por um lado me deixa hesitante ao realizar esse estudo histórico, por outro desencadeia uma relação de importância à Feira Livre no município, pois em 15 anos, com condições que deixavam a desejar, muitas reclamações e apelos, ainda assim, a Feira Livre de Dourados se manteve como algo da identidade douradense.

Já em 1976 o Jornal O Progresso destaca que a localização da Feira Livre de Dourados, na Rua Santa Catarina (entre a Rua Presidente Vargas e a Rua João Rosa Góes) estaria em adequação e pavimentação asfáltica e por isso a Feira livre passaria a ser localizada e funcionar na Rua Presidente Vargas, entre a Rua Santa Catarina e a Rua Cuiabá. Tratava-se de uma mudança provisória apenas durante o processo de pavimentação, mas, que salientava uma mudança e incentivo maior na

época para a manutenção/preservação do ambiente da Feira Livre, principalmente após a sua realização (JORNAL O PROGRESSO, 1976).

Figura 23: A Feira Livre e suas adequações para melhorias (1976)

19/06/1976



Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1976.

O objetivo de melhoria das condições da Feira Livre de Dourados se evidenciaram a partir daí, e em 1978 a Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio estipulou uma padronização na Feira Livre. A ideia da "Banca-padrão" inicialmente foi bem aceita pelos feirantes e pela população, que inclusive deu sugestões de melhorias (JORNAL O PROGRESSO, 1978).

Figura 24: Banca Padrão para a Feira Livre de Dourados (1978)

27/09/1978



Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1978.

Além da padronização da banca, a Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio preocupou-se com toda a repercussão e passou a estudar uma legislação para as Feiras Livres de Dourados, em 1979, a ideia inicialmente tramitava com 49 artigos que compreendia requisitos e meios de funcionamento da Feira Livre para Dourados, considerava novas Feiras Livres, com ponderações sobre funcionamento da ordem sanitária e legal. É notável a preocupação inicial em relação à higiene dos produtos. Assim, a Secretaria passaria a planejar e

supervisionar as Feiras Livres, organizando planta do local e estabelecendo número de feirantes em cada categoria, controlando as atividades e resolvendo eventuais problemas (JORNAL O PROGRESSO, 1979).

Figura 25: Legislação para a Feira Livre de Dourados (1979)

09/02/1979

O PROGRESSO PAGINA 9

Legislação para as feiras-livres

Está tramitando pela Assessoria Jurídica da Prefeitura municipal, a "Minuta de Legislação Sobre Feiras Livres", de autoria da Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio e a sua aprovação deverá ser oficializada até o dia 20 próximo.

A legislação consta de 49 artigos e compreende todos os requisitos e meios de funcionamento da feira-livre para Dourados. Fala da criação de novas feiras-livres, institui as exigências para o funcionamento na ordem sanitária e legal; as disposições das instalações e horário de feirantes e funcionários; sistemas de comercialização e outros aspectos de extrema importância para os consumidores e feirantes.

Nesta legislação é notável a preocupação da Secretaria em relação à higiene dos feirantes e dos produtos a serem comercializados, principalmente tratando-se de carne de animais abatidos, coisa que estava sendo feita até então sem as mínimas condições de higiene. Há também a possibilidade de criação de novas feiras-livres para Dourados, de acordo com a densidade da população, localização e interesses dos feirantes e Administração Municipal segundo informou, o assessor da Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio, Mário Júlio Cerveira.

A partir de então, as feiras-livres serão planejadas e supervisionadas pela Secretaria, que organizará a planta baixa do local e estabelecerá o número de feirantes de cada categoria. Devendo ainda, controlar a todas as atividades dos feirantes, objetivando sanar uma série de problemas normais da feira-livre de Dourados, localizada na rua Santa Catarina.

Feira-Livre de Dourados deverá ser transferida



Está tramitando pela Assessoria Jurídica da Prefeitura municipal, a "Minuta de Legislação Sobre Feiras Livres", de autoria da Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio e a sua aprovação deverá ser oficializada até o dia 20 próximo.

A legislação consta de 49 artigos e compreende todos os requisitos e meios de funcionamento da feira-livre para Dourados. Fala da criação de novas feiras-livres, institui as exigências para o funcionamento na ordem sanitária e legal; as disposições das instalações e horário de feirantes e funcionários; sistemas de comercialização e outros aspectos de extrema importância para os consumidores e feirantes.

A partir de então, as feiras-livres serão planejadas e supervisionadas pela Secretaria, que organizará a planta baixa do local e estabelecerá o número de feirantes de cada categoria. PÁGINA 9.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1979.

Em 1979, então, com a intenção de debate sobre a implantação de novas Feiras Livres, surge a possibilidade de mudança de local.

Após estudos de implantação de uma legislação específica, conforme observado a partir da coleta de dados, as informações se findam, mas em meados dos anos 2000, ressurgiu o tema Feira Livre de Dourados, agora não mais na Rua Santa Catarina, agora na Rua Cuiabá (a mudança fora realizada ao fim da década de 70). Logo após a eleição, o prefeito Laerte Tetila dá indícios de que o espaço da Feira Livre da Rua Cuiabá passaria por uma revitalização, garantindo infraestrutura adequada para o bem dos feirantes e da população.

Figura 26: Legislação para a Feira Livre de Dourados (1979)

16/03/1979



Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 1979.

A Feira Livre de Dourados já mantinha mais de 60 anos de tradição e tratava-se de um mercado importante para escoamento da produção. Tetila já havia elaborado uma pesquisa durante a campanha eleitoral, que destacava a necessidade de banheiros públicos, reforma da rede elétrica destinada às barracas, iluminação pública, pontos de fornecimento de água, reforma das calçadas e do canteiro central e mais segurança (JORNAL O PROGRESSO, 2000).

Figura 27: Revitalização da Feira Livre de Dourados (2000)

31/10/2000



Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2000.

Em 2001, Mario César Tompes, como secretário Municipal de Indústria, Comércio e Turismo da época, buscou conhecer os problemas existentes e pontuar sugestões de mudança a partir dos próprios feirantes, na intenção de desenvolver um projeto de revitalização e estimular a formação de uma associação de feirantes. Não havia o desejo de mudar a Feira Livre da Rua Cuiabá, e o secretário confirmou isso (JORNAL O PROGRESSO, 2001).

Assim, tornou-se enfatizada e possível a revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá, o que gerou grande expectativa entre os feirantes e freguesia, já que todos destacavam a necessidade de melhorias das condições da feira e importância do evento para a cidade, essa revitalização gerou grande expectativa entre os feirantes e os clientes, todos destacavam a necessidade de melhorias das condições da feira e importância (JORNAL O PROGRESSO, 2001).

Figura 28: Revitalização da Feira Livre de Dourados (2001)

16/01/2001



Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2001.

Figura 29: Revitalização da Feira Livre de Dourados (2001)

19/01/2001

A feira-livre

A informação de que a feira-livre de Dourados vai passar por um processo de revitalização, publicada ontem em O Progresso, página Dia-a-Dia 2, com toda certeza está gerando uma grande expectativa entre os feirantes e o público consumidor que frequenta aquele local nos finais de semana.

Realmente é preciso melhorar as condições da feira e isso é perfeitamente possível, necessário, importante para a cidade. É bem verdade que aquele local foi literalmente esquecido pela administração anterior e nenhuma melhoria foi feita. Aliás, sempre houve um certo descaso (para não dizer quase que total) em relação a essa questão, os feirantes também falharam na medida que eles se dispersaram e deixaram de ter uma associação forte e representativa e não pensaram em como a feira pode ser melhorada e com isso se tornar o ambiente mais agradável, mais acolhedor, mais animado.

Não se trata de se pensar também que aquele local pode ser transformado em um shopping center a céu aberto, mas aquele ar de improvisação, apesar do fator cultural e do clima de descontração, pode em muito ser melhorado. Aliás, deve-se levar em conta que o consumidor busca qualidade e que de certa forma a Vigilância Sanitária faz vista grossa para não complicar a vida daqueles feirantes que manipulam lanches sem muita higiene, sem o mínimo de cuidado necessário.

A primeira reunião para se discutir esse assunto passou a idéia de que há unanimidade nesse sentido e que a Prefeitura está disposta a ser uma parceira de verdade e não apenas uma coletora de taxas. Dentro de um plano maior, todos tendem a ganhar na medida que as melhorias forem sendo feitas de forma organizada e em

comum acordo com os feirantes, obedecendo obviamente regras ambientais, comerciais e sanitárias.

Espera-se que essa proposta seja levada adiante porque a feira-livre, além de toda tradição, é um ambiente alegre e um ponto de encontro entre as pessoas e um local onde pode-se comprar produtos frescos e de boa qualidade no setor de hortifrutigranjeiros. Independente disso, é um ambiente gerador de empregos, divisas, alimentando positivamente o comércio de alimentos, confecções, bijuterias e assim por diante.

Há uma consciência quase que irrefutável de que hoje em dia aquilo lá está parecendo mais um mercado persa do que qualquer outra coisa. A improvisação trouxe à reboque a sujeira, pois, muitas pessoas jogam papéis e plástico na rua, além de restos de alimentos, o cacarejo se mistura ao som mecânico de vendedores de CDs.

Um fator social constrangedor mas que precisa ser encarado de frente é a presença de flanelinhas nos estacionamentos e de muitos pedintes, principalmente índios. A falta de segurança também é uma realidade e a fiação elétrica que atende as barracas oferece um perigo constante tanto aos feirantes como ao público, isso para não dizer dos banheiros que são horríveis, na verdade uma fedentina assustadora.

É bom que tudo isso esteja sendo discutido e que haja consciência de que é preciso melhorar, dar uma "cara" nova para aquele local. Pensar de maneira retrógrada em relação a essa questão é o mesmo que dar um tiro no próprio pé. No mais, é preciso se aproveitar a oportunidade, o momento em que se abriu essa discussão e que as atenções se voltam para o óbvio, para o notório. Outro detalhe importante é que uma revitalização pode perfeitamente ser feita sem muitos custos e de maneira racionalizada. A expectativa, portanto, é bastante animadora.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2001.

Percebe-se a partir dos recortes de jornais que a falta de incentivo da administração pública e a falta de anseio dos próprios feirantes em criar uma associação dificultou o processo de melhoria, e mesmo com o interesse em marcar reuniões, nada saiu do planejamento. O consumidor busca qualidade e a Feira Livre além de ser um espaço efêmero, com ar de improvisação, clima de descontração, muitas vezes deixa de oferecer a qualidade e higiene necessária, assim, era preciso repensar e organizar ambiental, comercial e sanitariamente a Feira Livre, o que se tornava cada vez mais utópico (JORNAL O PROGRESSO, 2001).

A saga para revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá continuou e em 2005, conforme informativo foram obtidos recursos do Governo Federal para a obra. Em 2006 ainda não havia sido colocado em prática o projeto de reestruturação da Feira Livre, mas, já havia um grande furor sobre a questão da higiene e inspeção dos produtos comercializados, podendo indiciar que não tinha regularização junto aos órgãos fiscais (JORNAL O PROGRESSO, 2005/2006).

Figura 30: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2005)

11/11/2005

Obra

Tetila obtém recursos para a revitalização da feira-livre

DOURADOS - O prefeito Laerte Tetila anunciou ontem a liberação dos primeiros R\$ 100 mil para o projeto de revitalização da feira-livre da rua Cuiabá. Durante sua visita em Brasília, Tetila assinou o convênio com o ministério do Desenvolvimento Agrário, por onde o governo federal vai encaminhar os recursos para a obra.

O prefeito ainda assinou a liberação de R\$ 150 mil para construção de uma usina de processamento de resíduos sólidos, recursos provenientes do ministério do Meio Ambiente.

Para Tetila, “a revitalização da feira da rua Cuiabá é uma reivindicação antiga e uma obra que atende não apenas as dezenas de famílias de feirantes que

trabalham no local, mas os milhares de douradenses que têm na feira um lugar de compras e de lazer”. Tetila ressaltou que é mais um compromisso que ele cumpre com a população. “O início das obras deve acontecer tão logo os tramites legais sejam feitos, o que não deve demorar, já que o projeto está pronto”, disse Tetila.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2005.

Figura 31: Higiene e fiscalização na Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2006)

13/04/2006

Comércio

Feirantes podem fechar em 120 dias

Ministério Público Estadual dá prazo de quatro meses para feirantes fazerem registro de inspeção

Hedio Fazan



Feirantes não regularizados têm quatro meses para registrar produtos vendidos

Cristiane Guimarães

DOURADOS – O Ministério Público Estadual através da promotora de justiça, Cristiane Amaral Cavalcante, estipulou prazo de 120 dias para que os pequenos produtores e feirantes de Dourados façam o Registro de Inspeção dos produtos comercializados, principalmente na feira livre que acontece todo final de semana na rua Cuiabá. Segundo o coordenador da Vigilância Sanitária da cidade, Valdir Sader, “a venda de produto sem inspeção aumenta o risco de

transmissão de doenças, por isso é obrigatório o registro”, ressalta.

Na terça-feira uma audiência no plenário do Juri reuniu 135 feirantes, representantes da Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal de MS (Iagro), Vigilância Sanitária e das secretarias de Saúde; Desenvolvimento Econômico; Agricultura Familiar e Serviços Urbanos. Juntos eles discutiram e apontaram os problemas do comércio livre de alimentos de origem animal e vegetal.

Os comerciantes alegam que produzem pouco e por isso não se preocuparam com a regularização. De acordo com o

representante da secretaria de Agricultura Familiar, Humberto Paschoalick, existem cerca de 15 produtores e feirantes que vendem frango e ovos que precisam de registro. “Os produtores devem entrar num acordo com os órgãos de inspeção para a melhor forma de regularização”, disse.

De acordo com a ATA da reunião, os feirantes que vendem apenas em Dourados devem se regularizar na secretaria municipal de Agricultura. Aqueles que ainda não possuem o Alvara de funcionamento para trabalhar na feira devem procurar a secretaria de Serviços Urbanos. O documento tem validade de 6 meses a um ano e custa R\$ 58. Já os produtores que comercializam para outros municípios, o RI deve ser pro-

videnciado junto a Iagro.

FEIRA LIVRE

A falta de estrutura e higiene da Feira Livre da Cuiabá é também discutida. A reclamação dos produtores são muitas, entre elas, a questão elétrica e os banheiros que, segundo eles, não têm condições de uso, não possuem pias e nem água tratada. “A gente não tem estrutura nenhuma. Há duas semanas tem um buraco aberto na calçada”, conta a feirante Marlene Martins, que não participou da reunião porque já tem o Registro de Inspeção Estadual, mas garante que “para continuar trabalhando tem que haver melhorias”.

O secretário de Serviços Urbanos, Jorge Torraca esclareceu que a prefeitura estuda um novo espaço para organizar a feira. A prefeitura já tem um projeto de reestruturação para a feira na rua Cuiabá, que vai abranger implantação de banheiros, rede de fiação elétrica e futuramente a padronização das barracas. O projeto será desenvolvido com recursos federais na ordem de R\$ 100 mil, que já foram liberados em novembro do ano passado.

No dia 11 de agosto a Vigilância Sanitária deverá fazer vistoria para fiscalizar o cumprimento da legislação sanitária. Os produtos que não estiverem inspecionados serão apreendidos e os feirantes encaminhados à Delegacia de Polícia, onde responderão pela prática de crime contra as relações de consumo.

Produto sem inspeção aumenta risco de transmissão de doenças, diz Vigilância

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2006.

A prefeitura procurou realizar melhorias para os feirantes, mas, as reestruturações feitas geraram insatisfações, pois para passagem de tubulação elétrica valetas foram criadas e não foram tapadas, e muitas das tomadas destinadas a uso dos feirantes não funcionavam (JORNAL O PROGRESSO, 2006).

Em 2007 a feira passa a ser tratada como palco de apresentações culturais, ou pelo menos era o que se almejava, pois, apesar de ser uma Lei (2.458 de 05 de dezembro de 2001) pouco foi feito para incentivar a cultura e apresentações no ambiente da Feira Livre, que é um espaço de troca de relações bastante eficaz (JORNAL O PROGRESSO, 2007).

Figura 32: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2006-2007)

12/05/2006

Revitalização ▼

Cimatti quer reforma da praça e feira livre

Eder Gonçalves

DOURADOS - Em indicação ao prefeito Laerte Tetila (PT), com cópias aos secretários Ermínio Guedes dos Santos (Governo) e Jorge Hamilton Torraca (Serviços Urbanos), o vereador José Carlos Cimatti (PSB) está solicitando o conserto das calçadas residenciais no trecho que compreende a feira livre da Rua Cuiabá e reparos nas fiações elétricas das tomadas, em sua maioria danificada.

Cimatti explica que quando a Prefeitura realizou serviços de manutenção nas instalações elétricas da feira livre foi preciso abrir valetas nas calçadas, para a colocação de tubos (mangueiras que servem de suporte para entrada dos fios), distribuídos nas barracas dos feirantes. “O serviço já foi concluído há dias, no entanto, a Prefeitura não providenciou ainda o conserto das calçadas e isso tem gerado muita reclamação por



Ver. José Carlos Cimatti

parte dos proprietários dos imóveis”, diz, lembrando que, em relação às tomadas danificadas, estas oferecem riscos aos feirantes e às pessoas que costumam fazer compras no local.

PRAÇA

Em outra indicação, o vereador Cimatti cobra da Prefeitura que inicie logo os serviços de revitalização da Praça Antonio João. Segundo ele, é grande a expectativa da comunidade em relação a esta iniciativa, anunciada ainda no ano passado

08/05/2007

Novidade ▼

Feira livre terá palco para apresentações culturais

DOURADOS - A feira livre da rua Cuiabá vai dispor em breve de um palco e aparelhagem de som para apresentações culturais. A garantia foi dada na quinta-feira ao vice-presidente da Câmara Municipal, vereador Eduardo Marcondes (PMDB), pelo secretário Wilson Biasotto (Governo), durante reunião na sede da secretaria. A disponibilização do palco para apresentações culturais vai dar cumprimento à Lei 2.458, de 5 de dezembro de 2001, originária de projeto apresentado pelo vereador do PMDB.

Outros locais onde são realizadas feiras-livres, como os BNHs 1º e 2º Plano também receberão a estrutura. “Fico feliz em saber que, após “dormitar” por cinco anos, finalmente nossa lei vai sair do papel”, comemorou Marcondes após a reunião (foto) em que Biasotto afirmou que acertaria os detalhes da implantação

com o diretor-executivo da Funced (Fundação Cultural e de Esportes de Dourados), Raul Lídio Verão, e com a diretora cultural da fundação, Leliana Paschoalich.

Ele ponderou que a prefeitura já paga uma empresa terceirizada (W Som) para prestar serviços na área. “Só faltava vontade política e crédito que o secretário Biasotto, até por ser um militante da área da cultura, se empenhará para que os artistas da nossa cidade obtenham esse esperado benefício”, apostou o vice-presidente.

As apresentações dependerão de inscrições na Funced, que organizará o calendário e escala de acordo com os horários e locais da feira. Pela lei aprovada pela Câmara Municipal a implantação se dará através da Secretaria de Empreendedorismo, Indústria e Comércio, à qual está subordinada a feira livre.

Divulgação

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2006-2007.

Figura 33: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2008)

23-24/02/2008

Moradores temem queda de árvores na rua da feira

Hedio Fazan

DOURADOS – Famílias que residem na rua Cuiabá estão preocupadas com as obras de revitalização previstas para os próximos dias no trecho onde funciona a feira livre aos finais de semana. De acordo com moradores, há grande risco de que algumas árvores acabem caindo e provocando acidentes.

O aposentado Benedito Silva Ramos, de 73 anos, acredita que o projeto deve ser melhor reavaliado. “Estive me informando com os próprios funcionários que vão executar a obra e fui informado que durante os trabalhos as raízes das plantas serão cortadas. A árvore sem raiz perde a segurança e cai. Além de prejuízo ambiental isto oferece riscos à população”, ressalta.

Ele, que reside em Dourados há seis anos, disse que acompanhou o processo de plantio de muitas árvores na cidade. “Eu fico muito triste ao ver uma árvore sendo arranca-



Moradores temem que obras em via danifiquem as árvores

da ou quando ela cai. Acho um desrespeito para com a natureza e o ser humano. Não é este o exemplo que temos que dar

aos nossos filhos e netos”, desabafa, observando que o risco de queda atinge cerca de 15 árvores.

OUTRO LADO

O secretário de Infra-estrutura do município, Jorge Hamilton Torraca, garantiu ao **O PROGRESSO** que as árvores não serão prejudicadas com a revitalização do canteiro. Segundo ele, o projeto foi desenvolvido por técnicos especializados no assunto, justamente para garantir a preservação. “Estamos inclusive investindo em material orgânico e em proteção de alvenaria para assegurar a segurança das árvores”, explica.

De acordo com ele, as reformas na rua Cuiabá são reivindicações antigas, principalmente de feirantes. “Vamos reformar banheiros, sistema de iluminação, instalação de bancos e cerâmica em pontos do canteiro para que a área possa fornecer maior conforto às pessoas que utilizam o local”, disse. Ao todo, o custo da revitalização, que já está na segunda etapa, gira em torno de R\$ 82 mil, conforme o secretário. *(Colaborou Valéria Araújo)*

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2008.

Finalmente a revitalização se inicia e aparece com reivindicações e medos, os moradores dos arredores da Rua Cuiabá passam a se sentir inseguros, acreditando que o projeto de revitalização deveria ser melhor avaliado pois haviam árvores que seriam arrancadas, porém, o secretário de infraestrutura da época, Sr. Jorge Torraca, destacou que o projeto priorizava assegurar a segurança da época e que as reformas a ser realizadas eram resultados de reivindicações antigas, como reforma de banheiro, instalação de bancos, etc. (JORNAL O PROGRESSO, 2008).

Como foi realizada uma pesquisa anualmente percebe-se que pouco havia debates no município sobre a Feira Livre da Rua Cuiabá, apenas todas as abordagens consideravam a Feira Livre da Rua Cuiabá como um evento presente e fundamental da identidade douradense, haja vista que a Feira Livre se mantinha como memória da população, assim como, destacava Isaac Duarte de Barros Jr, em suas considerações sobre o passado de Dourados (JORNAL O PROGRESSO, 2008). Em 2008 continua o processo de revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá, agora com foco em revitalizar o calçamento dos canteiros centrais e instalações de energia elétrica para facilitar o atendimento ao cliente, outra questão que nessa época passou a ser observada com maior ênfase foi a relação de segurança na região da Feira Livre, já que se tratava de um evento de grande fluxo de pessoas, corriqueiro e bem quisto no município, por onde passavam várias pessoas e que condicionavam furtos e aspectos de violência (JORNAL O PROGRESSO, 2008).

Figura 34: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2008)

Infra-estrutura ▼ 09/05/2008

Prefeitura revitaliza a feira livre

DOURADOS – A Prefeitura de Dourados está realizando a revitalização da feira livre da cidade, localizada na rua Cuiabá, executando obras da segunda etapa dos trabalhos, que consistem na construção de calçadas nos canteiros centrais, no trecho entre a rua Albino Torraca e Avenida Presidente Vargas.

Segundo o secretário municipal de Habitação e Serviços Urbanos, Jorge Hamilton Torraca, na primeira etapa, concluída no ano passado, foram realizadas as trocas da fiação de energia elétrica e construídos terminais com tomadas para uso dos feirantes em toda a extensão da feira livre.

Além dessas melhorias, também será realizada uma reforma completa dos banheiros da feira livre e edificação de uma sala para fiscalização do setor de Postura do Município, bem como a instalação de rede elétrica para instalação de luminárias rebaixadas nos canteiros centrais e de lixeiras metálicas.

Torraca explicou que, nesta segunda etapa das obras na feira livre estão sendo investidos R\$ 128.725,00 por determinação do prefeito Larte Tetila, que assumiu o compromisso de revitalizar o setor para atender uma reivindicação antiga dos feirantes.

Atualmente, as obras de revitalização do calçamento nos canteiros centrais são realizadas no trecho final desses serviços, próximo à Avenida Presidente Vargas. Depois, segundo o secretário, serão implementadas as outras melhorias para a feira livre.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2008.

Figura 35: A Feira Livre da Rua Cuiabá, referência na história de Dourados (2008)

N'algum lugar do passado...

Isaac Duarte de Barros Jr *



Neste mesmo local, onde hoje funciona o meu escritório, há muito tempo no passado, foi uma área de propriedade do sr. Joaquim Rodrigues de Oliveira. Aqui havia duas grandes casas de madeira, onde funcionava o ginásio Oswaldo Cruz e a escola primária princesa Izabel, sob a direção do professor José Pereira Lins. Nos dias de atividade escolar, o mestre chegava para lecionar utilizando uma velha bicicleta escura.

Lembro-me, que no pátio daquele colégio, existiam dois grandes pés de abacates os quais sujavam o calçamento, com a queda dos frutos maduros. O aluno Osmar Milan Caspilé, advogado hoje residente em Cuiabá, adorava fazer traquinagens jogando abacates no seu tio "Zé" Milan, outro aluno. O obeso irmão de sua mãe, foi uma figura que durante longos anos freqüentou a frente do bar "Luchese" da família Olive, na avenida Marcelino Pires. Esse bar, era o único estabelecimento a permanecer aberto e funcionando a noite inteira. O "Zé", sofria de insônia e na companhia do Alberto Perdomo, ficavam às vezes trocando um dedo de prosa até pelas tantas da madrugada.

Em frente desse bar, do outro lado da avenida, existia a única casa de espetáculos da cidade, conhecida por todos como o cine "Ouro Verde". Os irmãos Rosa, apresentavam duas sessões cinematográficas com início às vinte horas. Um dos freqüentadores, que tinha cadeira cativa no cinema, era o "seu" Emydio Rosa, dono da empresa e pai de ambos. As sessões cinematográficas eram concorridas, principalmente se a película por ser exibida, fosse produzida pelo cineasta paulista Amácio Mazzaropi.

Na avenida Presidente Vargas, tendo ao lado a praça Antonio João, existia o ponto de charrete nº 1, comandado pelos irmãos Libório, onde trabalhava o sr. Nicolau Gnutzman e tantos outros saudosos charreteiros. Os "boêmios" douradenses, gostavam de se encontrar nas proximidades daquele cruzamento e dali

seguiam todos para o bar "galo fino", bastante conhecido e freqüentado no final dos anos sessenta.

Lá, nas noites de sábado, chegavam para afinar seus violões no recinto lotado de mesas de simca, os músicos Aral Melo, "camba-i", João "surdo", Cedario Vargas e até a dupla Milionário e Zé Rico. Estes últimos, ainda desconhecidos pelo grande público, eram apadrinhados pelo barbeiro Armando Perrupato, que apresentava um programa semanal na rádio clube de Dourados, sob o patrocínio das casas de tecidos buri. No horário destinado aos comerciais, o locutor afirmava: "...Adão e Eva, andavam nus no paraíso, porque não conheciam as casas buri...". Um dia, o Jorge Antonio Salomão, diretor, ouviu o texto do anúncio comercial e imediatamente o retirou do ar, porque o anúncio desagradava ao frei Teodardo Leitz, um vigário católico, que considerava a propaganda uma heresia acintosa.

A feira livre da rua Santa Catarina, agora rua Onofre Pereira de Mattos, era o fim de noite da moçada solteira, que moravam em uma cidade sem furtos e sem vícios proibidos. Naquela época, a polícia do capitão Benedito de Campos Couto, não tinha muito que fazer. Se alguém fosse autor de alguma contravenção penal, era preso e conduzido num jeep da polícia para o xadrez e lá levava uns cascudos do sargento "bairano", que colocava o meliante no outro dia, para fazer capinadas nos canteiros centrais da cidade. Essa decisão do militar, tinha o apoio de toda a população douradense.

Nos finais de semana, reunindo pessoas da sociedade douradense, o clube social era o point da população, marcado com a realização de grandiosos bailes, animados por músicos experientes, oriundos de grandes centros. Muitas orquestras desse nível, foram contratadas pelo seu último presidente, o Walter Brandão da Silva. Depois da sua gestão, esse local inesquecível de toda uma geração, encerrou as suas atividades, o prédio inteiro foi demolido, simplesmente desapareceu. A maioria dos associados, não sabe precisamente o que aconteceu, nem onde se encontram os seus títulos de propriedade. No lugar do clube na antiga

rua Paraná, ao lado do prédio central do Banco do Brasil, existe faz muitos anos, uma construção inacabada. A decadência do lugar festivo, começou na época das domingueiras com a presença de pessoas não associadas, num desses eventos, houve um assassinato na pista de baile, muito comentado.

Pescar em barranca de rios e lagoas, era uma das alternativas sociais de famílias douradenses na época. Sendo certo, que algumas delas gostavam mesmo em assistir as corridas de cavalos, com apostas em dinheiro que ficariam famosas. Porém, a estúpida contumaz violência de alguns apostadores, acabou com esses turfes rústicos dos populares, que era bastante concorrido e apreciado.

Quando chegavam os domingos, o estádio municipal da leda, funcionava como à distração masculina favorita. Principalmente, se o jogo de futebol realizado, envolvesse um encontro de Operário e do Ubiratan. Hoje virou lembrança e saudade, a inesquecível imagem atlética, dos irmãos Faker e Saldivar, se enfrentando em uma partida amistosa. O Norton Saldivar inclusive, foi o meu ídolo e grande amigo do meu pai. Lembro-me, mesmo depois de já transcorridos muitos anos, de cenas hilariantes que aconteciam na leda, às vezes. Tais como, o sírio Hayel Bour Faker, invadindo o campo de futebol brandindo um guarda-chuva e os protestos do paraguaio Raulpho Saldivar, com seus célebres gritos de "...adelante mis hijos, arriba operário...". Esses pioneiros, foram grandes dirigentes e folclóricos desportistas, simplesmente pais corujas daqueles fabulosos atletas amadores.

Realmente, foram bons tempos. Os grandes empreendimentos agora concretizados, eram apenas projetos enclausurados nas idéias dos arquitetos da história por acontecer. A nossa cabocla cidade de Dourados, ainda ensaiava os primeiros passos rumo a grandiosidade, começando a se desenvolver. Como ocasional observador disso tudo, confesso e tenho que reconhecer: "... eu na verdade, naquele tempo, era feliz, jovem e não sabia...".

*Advogado criminalista, jornalista. e-mail: isane_isane@hotmail.com

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2008.

Figura 36: Revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá em Dourados (2008)

20/05/2008

Operação GM e Juízo fiscalizam a feira livre

Ação ostensiva visa reprimir o tráfego nos corredores da feira, furtos, exploração e trabalho infantil

Dourados/MS

Maria Lucia Tolouei

DOURADOS - Atendendo a um pedido antigo dos feirantes, o comando da Guarda Municipal determinou uma varredura na feira livre da Rua Cuiabá, que acontece aos sábados e domingos. Sob o comando do sargento militar Rui Carlos Zanco, o GMLuiz Carlos Silva, os supervisores Vicente Chenkarek e Ademir Martins, além de dez aspirantes à Guarda em fase de formação, foram para a feira orientar condutores.

A reclamação é antiga. Ciclistas e motociclistas circulam sem restrição entre as pessoas que transitam entre uma barraca e outra. Fora o risco de acidentes, trafegar na feira é proibido. Zanco explica que

os ciclistas podem seguir empurrando a bicicleta, mas não conduzindo. Isto não vale para motociclistas. Quem desobedecer, está sujeito a multas.

A presença da Guarda no local também visa coibir os pequenos furtos que ocorrem com frequência em todos os setores, desde alimentos, roupas e especialmente na área de acessórios, CDs, DVDs e outros. O prejuízo é inevitável.

Zanco explica que um dos objetivos da Operação Feira Livre é orientar os flanelinhas que ficam naquela região para tentar garantir uns trocados. O problema é que alguns poucos chegam a constranger a clientela, que muitas vezes paga por medo de ter o carro ou motocicleta danificado.

Dois fiscais do Juízo

acompanharam a fiscalização na feira livre, no domingo pela manhã. A equipe percorreu os estacionamentos, para checar denúncias de trabalho infantil. "Adultos estariam explorando crianças e adolescentes que atuam como flanelinhas", diz Zanco. A Guarda Municipal e fiscais do Conselho da Vara da Criança e Adolescente de Dourados também querem verificar se há indígenas em situação de risco.

Conforme Zanco, a fiscalização será ostensiva todos os finais de semana. O comandante acredita que, com a formação dos novos guardas (26), a GM vai conseguir atender à expectativa dos feirantes.

De acordo com pessoas que trabalham na feira, mas que preferem não se identificar, pequenos furtos e abordagens de gatunos vêm afastando as famílias que costumavam frequentar o centro de comércio itinerante da Rua Cuiabá, considerada ponto



Alunos da Guarda e fiscais do Juízo durante abordagem na feira livre da Rua Cuiabá turístico de Dourados.

O local é famoso pelos pastéis, chipas, churrasquinhos, frangos assados, doces, comidas típicas e o artesanato, que atraem pessoas de toda região. Isto sem contar o colorido das frutas e verduras frescas produzidas na Grande Dourados, que os feirantes levam para as bancas todos os sábados e domingos.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2008.

O prefeito da época (Laerte Tetila), via a revitalização do trecho da Rua Cuiabá como algo necessário, pois a Feira tinha e tem importância para Dourados, ele destacava:

“ Organizar este espaço é resgatar as tradições da cidade, uma vez que este é um dos pontos mais antigos de comercialização do município” (TETILA, 2008).

Figura 37: Iluminação e revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá (2008)

01/10/2008

Iluminação

Feira livre da Cuiabá ganha novas luminárias

DOURADOS - A Prefeitura Municipal começou ontem a instalação da iluminação estilizada na Rua Cuiabá, dentro do programa de revitalização da Feira Livre de Dourados, uma das mais antigas do Estado.

Antes das luminárias a Prefeitura já havia entregando uma reforma completa no sistema elétrico da feira e reformado as calçadas, em duas etapas com recursos federais e municipais. Agora, para as novas luminárias serão mais investimentos, dessa vez de recursos próprios da Prefeitura para deixar o local mais agradável para as famílias que todos os finais de semana visitam a feira.

Segundo o prefeito Larterte Tetila, a obra nesse local tem uma importância a mais para Dourados, com caráter histórico. “Organizar este espaço é resgatar as tradições da cidade, uma vez que este é um dos pontos mais antigos de comercialização do município”, disse ele.

Já o secretário de Habitação e Serviços Urbanos, Jorge Torraca, explicou que a Prefeitura pretende, além de instalar as luminárias, pintar os meio-fios e as faixas das ruas, aperfeiçoar a sinalização de trânsito dos pontos da feira. “Vai ficar um trabalho muito bom, a Prefeitura vai entregar uma obra excelente para as famílias”, disse Torraca.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2008.

Realizada a revitalização, em 2010, percebi que haviam insatisfações quanto a manutenção e cuidados da Feira Livre da Rua Cuiabá. Braz Melo teceu considerações e lembrou aspectos da Feira Livre no passado, e a falta de gestão e manutenção cotidiana da época, ele cita inclusive a inclusão do serviço de

inspeção municipal (SIM), como alternativa de cuidados da tradicional Feira Livre de Dourados (JORNAL O PROGRESSO, 2010).

Figura 38: Manutenção e cuidados na Feira Livre de Dourados (2010)

04/02/2010

A feira-livre

Braz Melo*



Toda quarta-feira vou à feira-livre do BNH 1º Plano. No mínimo, vou comprar um queijo, pois apesar de estar em Dourados há quase quarenta anos, continuo mineiro e como tal sou doido por um e quando estou abastecido, por já ter comprado no sábado na feira-livre da Rua Cuiabá, pelo menos me delicio comendo um pastel. De queijo, é claro.

Com a minha ida constante lá, o que não falta é um papo agradável e desprezioso. A grande maioria é antigo na feirinha, conhecidos de há muito e por isso sempre me perguntam e questionam sobre o que está acontecendo em nossa cidade e no Brasil. O papo vai desde os Vereadores até o Presidente da República. Isso quando não passa a ser assunto internacional. Como em muitos lugares, conversa-se muito e solução mesmo é muito pouca. Mas nos divertimos. Quando eu saio devem perguntar para os outros o que perguntaram para mim.

Sou defensor ardoroso da feirinha e tudo que incentivava ao pequeno e micro empresário e talvez por isso, fez com que o Aroldo me pedisse para que eu escrevesse sobre as feiras de Dourados e resolvi seguir seu conselho.

A feira da Rua Cuiabá é tradicional e antes dali, funcionava na Rua Onofre Pereira de Matos.

Lembro que uma vez o Prefeito João Totó Câmara, em sua segunda administração, construiu um prédio para que pudesse abrigar e funcionar o Mercado Municipal, que substituiria a feira, como se achava importante na época. Foi construído com todo esmero, tanto que hoje funciona um dos maiores supermercados de nossa cidade, o Santo Antonio Abevê. Mas não deu certo.

Tem coisa que só funciona em alguns locais. Se mudar de lugar, passa a não ser como antes.

Quando Prefeito criamos a Feira do Produtor, que funcionou bastante tempo na Cabeceira Alegre, onde os produtores vendiam direto ao consumidor. Infelizmente o prédio adaptado para que funcionasse bem foi vendido pelo Estado e até hoje, toda quarta-feira, os produtores ficam na calçada do terreno da Petrobras vendendo os seus produtos com esperança que o poder público tome providências e consiga outro local para funcionarem adequadamente. Ninguém mexe uma palha para resolver este problema. Pena, pois na Feira do Produtor vendia-se bem mais barato que os outros locais, já que não tinha intermediário.

Também criamos as feiras do BNH 1º Plano nas quartas, o do BNH 3º Plano nas quintas e a do BNH 2º Plano nas sextas-feira. Estas funcionam até hoje. A que criamos no CSU atendendo o Jardim Água Boa, infelizmente não funciona mais.

Tinhamos um carinho especial pelas feiras e sua limpeza. Antes de começarem a montar os barracos era limpa toda sua área e quando terminava, antes dos barracos saírem do local os caminhões d'água já limpavam tudo para que não houvesse reclamação dos moradores.

E para que houvesse uma maior integração com os feirantes criamos o Distrito Verde, no Potreiroito na primeira e a Agrovila, em Formosa na segunda administração, o que fez baratear os custos das hortaliças e frutas. Naquela época quem imaginava comer morangos colhidos em nossas terras? Hoje Dourados é auto-suficiente nesta fruta.

Foi criado o SIM- Serviço de Inspeção Municipal, para que os micros e pequenos fabricantes de derivados de leite, como iogurte, queijo caipira, requeijão e outros produtos tivessem o selo de qualidade, dando aprovação para comercialização, após inspeção, aos produtos. Está completamente adormecido.

Infelizmente hoje o que vemos é um desprezo por esta classe de trabalhadores que tanto fez e faz para o engrandecimento de nossa terra. Tem tempo que só fazem obras e serviços com recursos advindos de emendas ou de convênios com recurso Estadual ou Federal.

**Engenheiro civil e ex-prefeito. <http://astoriasdedourados.blogspot.com>*

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2010.

O antigo prefeito Braz Melo também relatou suas considerações sobre a Feira Livre (JORNAL O PROGRESSO, 2010):

“Lembro que uma vez o Prefeito João Totó Câmara, em sua segunda administração, construiu um prédio para que pudesse abrigar e funcionar o Mercado Municipal, que substituiria a feira, como se achava importante na época. Foi construído com todo esmero, tanto que hoje funciona um dos maiores supermercados de nossa cidade, o Santo Antônio Abevê. Mas não deu certo. Tem coisas que só funciona em alguns locais. Se mudar de lugar, passa a não ser como antes” (MELO, 2010).

Melo (2010) destacou que quando prefeito criou a Feira do Produtor, que funcionou bastante tempo na Cabeceira Alegre, onde os produtores vendiam direto ao consumidor, infelizmente o prédio adaptado para que funcionasse bem e o mesmo foi vendido pelo Estado, assim, até 2010 todas as quartas-feiras os produtores ficavam na calçada do terreno vendendo os seus produtos, na esperança de que o poder público tomasse providencias e providenciasse outro local para funcionarem adequadamente, ao conquistar a revitalização da Feira Livre da Rua Cuiabá, os feirantes adquiriram também meio de comercializar organizadamente seus produtos.

Figura 39: Reestruturação da Feira Livre da Rua Cuiabá (2010)

14-15/08/2010

Espaço da feira livre vai ficar limitado

Com a nova reestruturação, do total de 400 feirantes cadastrados, 261 poderão utilizar o espaço na Rua Cuiabá

Valéria Araújo

DOURADOS – A reestruturação da feira livre da Rua Cuiabá vai limitar o espaço e ocupação dos boxes. De 400 feirantes cadastrados, será permitida a ocupação de 261. A delimitação de cada box será de no máximo 21 metros quadrados. A exigência é do Ministério Público Estadual (MPE), que estipulou um prazo de 60 dias para que a prefeitura reestruture a feira. O acordo foi firmado durante reunião na última quarta-feira entre a promotora Cristiane Amaral Cavalcante, os arquitetos Ana Rose Vieira e Fabiano Costa, além do secretário de Indústria e Comércio Márcio Rodrigues Peralta.

De acordo com a proposta apresentada pela prefeitura, a partir dos próximos dias as bancas saem das calçadas para serem destinadas ao meio-fio do canteiro central. O Município também terá que garantir a permanência da guarda Municipal no local, a limpeza, através da construção de boxes, banheiros e implantação de torneiras, além de fiscalização contínua e sistematizada quanto as leis sanitárias, que deverão ser cumpridas.

De acordo com a promo-

Adequação atende exigência do Ministério Público Estadual



Prefeitura começou a marcar os espaços que vão limitar o número de boxes na feira livre

tora de Justiça Cristiane Amaral Cavalcante, dentre muitas irregularidades, os transtornos causados para os moradores da Rua Cuiabá, também está sendo levado em conta na hora dos pedidos de adequação. Segundo ela, os problemas vão desde o uso das calçadas como banheiro até mesmo o impedimento dos moradores de chegarem em casa.

Apesar da adequação da feira livre, o impasse acerca do local de funcionamento dela continua. Enquanto a promotoria determina nova

área, a prefeitura não consegue aprovação do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Condam) nos locais sugeridos. Pelo menos quatro dos projetos foram reprovados até agora. Eles previam que a feira livre fosse destinada para o Parque Arnulpho Fioravante, Parque Antenor Martins, um terreno ao lado do Clube Ubiratã, e outro no entorno das ruas Cafelândia com a Monte Castelo.

FEIRANTES

O presidente da Associação dos Feirantes, Lindomar Lemos de Souza, disse ao O PROGRESSO que vem buscando informações acerca das mudanças da Feira Livre. Para

ele, os feirantes devem ser ouvidos em todas as decisões da prefeitura, uma vez que eles são parte envolvida no processo. Exemplo disso está relacionado a diminuição no número de boxes. "Queremos saber se quem não se cadastrou pela prefeitura pode atuar na feira livre e quais os procedimentos a serem tomados para regularizar a situação", conta.

Ele também quer saber com detalhes as mudanças e sugerir alterações. "Queremos ser ouvidos e garantir que tanto os moradores da Cuiabá quanto os feirantes sejam respeitados. Queremos um projeto que seja bom para todos", explica.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2010.

Com a revitalização, houveram reestruturações do espaço destinado à Feira Livre na Rua Cuiabá, o que era na calçada passaria a ser em demarcações na rua, gerando algumas insatisfações o que sugere o anseio de uma associação com voz

por meio de feirantes (já havia uma associação, mas os feirantes não debatiam, apenas acatavam o que o poder público impunha, o que mostra o informativo na Figura 38, onde Souza (2010) destaca:

“Queremos ser ouvidos e garantir que tanto os moradores da Cuiabá quanto os feirantes sejam representados. Queremos um projeto que seja bom para todos”.

(JORNAL O PROGRESSO, 2010).

Figura 40: Reestruturação da Feira Livre da Rua Cuiabá (2010)

16/08/2010

Feira livre da Cuiabá é reestruturada

Previsão é de que em 15 dias as barracas sejam retiradas das calçadas e levadas para a lateral do canteiro

Valéria Araújo

DOURADOS – Co-
meçou na sexta-feira
a reforma da estru-
tura da feira livre da

Rua Cuiabá, no
centro de Dou-
rados. A equi-
pe da Secretaria
Municipal de
Serviços Urbanos,
Transporte
e Trânsito (Se-
msur) deu início
ao processo de
marcação dos espaços
onde
devem ser instaladas
as barracas dos feirantes.
A ordem do
Ministério Público
Estadual
(MPE) é para que
todas as calçadas
sejam desocupadas
para garantir acesso
livre de pedestres.
Neste caso, os feirantes
estarão localizados
ao lado do canteiro
central.

De acordo com a arquiteta
Ana Rose Vieira, a previsão
é de que em 15 dias a feira
esteja adequada conforme as

recomendações do MPE. São
274 espaços, entre garapeiros,
alimentação, secos e molha-
dos, armarinho e hortifrutí.
Segundo ela, a população vai
começar a notar a diferença
logo que chegar
na feira. “Toda-
os os setores
estarão organi-
zados conforme
a modalidade”,
explica.

A reestru-
turação também
prevê limitação
de espaços
uniformes de 7m
para 3 metros,
garantia da
permanência da
Guarda Muni-
cipal (GM) no
local, além de
fiscalização
contínua e
sistemizada
quanto às leis
sanitárias, que
deverão ser
cumpridas.

IMPASSE

Apesar da reforma geral
da feira livre, o impasse
acerca do local de
funcionamento
dela continua. En-
quanto a

Promotoria determina
nova área, a prefeitura
não consegue local.
Pelo menos quatro
dos projetos foram
reprovados pelo
Conselho Municipal
de Meio Ambiente
(Comdam) até
agora. Eles previam
que a feira livre
fosse destinada
para o Parque
Arnulpho Fioravante,
Parque Antenor
Martins, um ter-
reno ao lado do
Clube Ubiratã, e
outro no entorno
das ruas Cafelândia
com a Monte
Castelo.

Para Ana Rose,
o problema está
em atender a
reivindicação dos
feirantes. “Eles
querem uma área
central para
atuar. No entanto,
não se encontra
espaço de mais
de quatro quadras
para implantar
a feira. O custo
imobiliário é
muito caro”, disse.

De acordo com a
promotora de justiça
Cristiane Amaral
Cavalcante, dentre
muitas irregulari-
dades, os transtornos
causados para os
moradores da
Rua Cuiabá, tam-
bém se destacam
o uso



Novos espaços foram marcados na última sexta-feira pela prefeitura de Dourados

das calçadas como
banheiro, até mesmo
o impedimento dos
moradores de che-
garem em casa.

O presidente da
Associação dos
Feirantes, Ludo-
mar Lemos de Souza,
disse ao O

PROGRESSO que
vem buscando
informações
acerca das
mudanças da
feira livre. Para
ele, os feirantes
devem ser
ouvidos em
todas as
decisões da
prefeitura,
uma vez que
eles são parte
envolvida no

processo. Exemplo
disso está
relacionado à
diminuição do
número de
boxes. “Queremos
saber como
ficarão os
espaços para
quem precisa
de 7 metros
e foi disponibilizado
apenas 3m”,
conta.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2010.

Na Figura 39, através de Souza (2010) é evidenciada a preocupação pois segundo os feirantes, com as alterações o cliente encontraria mudanças significativas na feira e o medo era que tivessem dificuldades em localizar as

barracas onde costumavam comprar. Afinal são quatro quarteirões, destacava Souza (2010).

Assim, em 2010 toda a Feira Livre havia sido demarcada e iria ser definida as disposições por categoria, sendo que a partir da Avenida Presidente Vargas, funcionaria todas as barracas de hortifrúti, no quarteirão da Rua Joao Rosa Góes iniciaria a sessão de secos e molhados, na Rua Firmino Vieira de Matos até a Rua Albino Torraca ficariam os armarinhos, praça de alimentação e garapeiras.

As barracas de venda de frango assado ficavam nas esquinas dos quarteirões, pois eram barracas maiores. Eram criadas então, medidas que beneficiavam o desenvolvimento da feira, os feirantes e a população, pois organizavam e padronizavam os 267 pontos de venda da Feira Livre da Rua Cuiabá.

Figura 41: Reestruturação da Feira Livre da Rua Cuiabá e seus receios (2010)

25/08/2010

Feirantes precisam de novo prazo

Período determinado pelo Ministério Público venceu dia 16 e feirantes continuam nas calçadas

Valéria Araújo

DOURADOS – O prazo de 60 dias para a prefeitura de Dourados reorganizar a Feira Livre venceu no último dia 16 e os feirantes continuam instalados nas calçadas. De acordo com o presidente da categoria, Lindomar Lemos de Souza, apesar de quase tudo pronto para as mudanças, os feirantes ainda não tiveram tempo para avisar os fregueses sobre os novos locais onde estarão concentrados.

“O cliente vai encontrar mudanças significativas na feira e o nosso medo é que tenha dificuldades em localizar as barracas onde costuma comprar. Afinal, são quatro quarteirões”, destaca.

Segundo Lindomar o prazo ideal para que os consumidores sejam informados é de pelo menos 30 dias. “É que nem todos vão todos os finais de semana; temos que manter uma campanha que alcance a todas as pessoas”, alerta.

Segundo ele, toda a feira livre já está sendo demarcada e o passo seguinte é definir as áreas por categoria. Até agora uma coisa é certa na Rua Cuiabá: a partir da Avenida Presidente Vargas vão funcionar todas as barracas de hortifrúti. No quarteirão



Hélio Frazar

Lindomar diz que feirantes precisam avisar fregueses sobre localização de barracas

da João Rosa goes inicia a sessão de secos e molhados. Na Firmino Vieira de Matos começa os armarinhos, praça da alimentação e garapeiras, até a Rua Albino Torraca. Estes últimos serão definidos amanhã, em reunião com a categoria. Todas as barracas de venda de frango vão estar nas esquinas de cada quarteirão. A medida é estratégica porque leva em conta o tamanho das

barracas. Outra novidade é que o comércio de flores naturais e artesanatos ficarão concentrados com os armarinhos.

Lindomar acredita que as mudanças vão beneficiar tanto feirantes como a população. “Tudo vai estar organizado. Futuramente vai ficar mais fácil ainda de continuar com as transformações como por exemplo a padronização das barracas”.

Ao todo, a feira livre da Rua Cuiabá vai contar com 267 pontos de venda. De acordo com a arquiteta da pre-

feitura Ana rose Vieira, para atender o pedido dos feirantes ela vai marcar uma reunião ainda hoje com a promotora de Justiça Cristiane Amaral Cavalcante. O objetivo, segundo ele, é pedir novos 30 dias de prazo para a adequação na feira. “Temos que resolver tudo nos próximos dias para aproveitar que a promotora ainda vai estar na cidade, uma vez que está sendo transferida para Campo Grande. Não queremos retroceder este processo, e por isto vamos ter que correr contra o tempo”, disse.

Grupo pede 30 dias para dar tempo de avisar fregueses

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2010.

Do ano de 2010 até 2015, a Feira Livre da Rua Cuiabá se manteve, ainda havia muita procura por produtos e a Feira Livre mantinha sua tradição, nesse período percebeu-se a ausência de dados e informativos que poderiam reproduzir possíveis descontentamentos, o que possibilita, mas conforme conversas realizadas com feirantes que atuavam na época, a Feira se estabilizou, se acostumou com a nova disposição e reestruturação, e mantinha-se como importante meio de comércio e interação douradense aos finais de semana.

Em 2015 surge então um projeto de nova Feira Livre, para 368 boxes, na área em que atualmente existe a Feira Livre João Totó Câmara. Então, como mostra a Figura 40, deixaria de ser na Rua Cuiabá e passaria a ser na Chácara Rigotti, próximo a área de preservação ambiental do Córrego Rego D'água. Foi então exibido e estimulado um sonho de Feira Livre diferente do corriqueiro, que tinha a proposta de atender anseios de produtores, feirantes e a população douradense. Como justificativa dessa mudança:

A proposta atende pedidos de diversos feirantes que hoje atuam na rua Cuiabá como de moradores daquela região, que reclamam, há muitos anos, dos problemas advindo da interdição da rua, nos dias de feira (REZENDE, 2015)

Então, passou a ser sugerida a Feira João Totó Câmara, que ampliaria o nível de atendimento, pois comportaria 88 bancas a mais, com espaço para comercialização de artesanato e produtos afins, área de estacionamento, e instalações que levariam em consideração as condições de saúde pública.

Figura 42: Uma nova idéia de Feira Livre de Dourados (2015)

07/11/2015

Nova Feira Livre de Dourados terá mais de 360 boxes, destaca Geraldo

Da Redação



Foto: Divulgação

Perspectiva de como ficará a feira livre de Dourados após a conclusão das obras.

A nova Feira Livre de Dourados terá 368 boxes para hortifruti, armarinhos e praça de alimentação. A estrutura terá 2.283,17 m² (metros quadrados) de área construída na antiga Chácara Rigotti, na Cafelândia, no Jardim São Pedro. Esta semana, o deputado federal Geraldo Resende, que é autor da emenda que vai liberar recursos na ordem de R\$ 2,5 milhões para a obra, comemorou a conclusão do processo de licitação, que habilita o município a contratar a empresa e iniciar a construção.

No local já estão sendo realizadas a abertura de novas ruas que atenderão a feira, além da lixterreno para início das obras. Essa semana a Prefeitura de Dourados informou que para melhorar o trânsito será continuada a Rua Adelina Rigotti cortando o fundo da área, respeitando-se o limite de proteção ambiental do Córrego Rego D'Água. Do lado norte, a Rua Humaitá também será cortada, se encontrando com a Adelina e, após, atravessando o córrego Rego D'Água e se ligando à Rua Visconde de Taunay.

Dentro da feira haverá uma área de preservação ambiental permanente. É uma área com vegetação nativa já existente. A maior parte das árvores existentes será preservada. A Prefeitura já obteve o licenciamento ambiental para a implantação e funcionamento da feira.

Sonho

A construção de uma nova feira livre em Dourados vem sendo articulada por Geraldo Resende desde 2010, inclusive com reuniões realizadas pelo deputado com os feirantes que hoje atuam na Feira. O Município elaborou proposta e firmou parceria com os parlamentares para a apresentação da proposta no Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) o qual empenhou por R\$ 2.437.500,00 no dia 25 de junho de 2014, referentes às emendas 1445006 (de autoria de Geraldo Resende) e 29150001 (do senador Waldemir Moka).

Resende) e 29150001 (do senador Waldemir Moka).

O projeto propõe uma estrutura ampliada para atender os produtores do entorno de Dourados que produzem grãos, produtos de origem animal, alimentos e hortifrúti. A atual feira livre comporta apenas 280 pequenos agricultores e comerciantes. O investimento total previsto para a segunda etapa é de R\$ 5 milhões. Além dos recursos federais oriundos de emendas de Geraldo Resende e Waldemir Moka, o PROCON/Dourados destinará os R\$ 3 milhões restantes.

Geraldo Resende comemora: "estou muito feliz em poder anunciar mais essa conquista para a população douradense, principalmente num espaço tradicional como a feira livre, que, além de proporcionar mercadorias de qualidade à população, ainda é um espaço onde os pequenos produtores podem colocar seus produtos no mercado local", destaca.

"Trata-se de um antigo sonho dos feirantes e da população douradense, principalmente dos moradores das adjacências da antiga feira livre de Dourados que começa a se tornar realidade. Será um novo local, com amplas e modernas instalações", diz o parlamentar.



O projeto de construção de uma nova feira livre em Dourados é a coroação de uma luta que o deputado Geraldo Resende começou em 2010, conquistando, posteriormente, a simpatia do governador Murilo Zauith, que abraçou a ideia e colocou sua equipe para elaborar os projetos e firmar as ações necessárias. A proposta atende pedidos de diversos feirantes que hoje atuam na Rua Cuiabá, como de moradores daquela região, que reclamam, há muitos anos, dos problemas advindo

interdição da rua, nos dias de feira.

O objetivo é implantar uma estrutura que vai atender os cerca de 560 produtores do entorno de Dourados que produzem grãos, produtos de origem animal, alimentos e hortifrúti. A atual feira livre comporta apenas 280 pequenos agricultores e comerciantes.

A nova estrutura também prevê espaços para comercialização de artesanato e produtos afins, para realização de capacitações dos feirantes em alimentação, pequenos eventos, área administrativa além de estacionamento. O objetivo é mudar o padrão da feira, onde os produtores têm a oportunidade de ampliar o mercado e de aumentar a competitividade.

"Estou muito feliz em poder anunciar mais essa conquista para a população douradense, principalmente num segmento tradicional como a feira livre, que, além de proporcionar mercadorias de qualidade à população, ainda é um espaço onde os pequenos produtores podem colocar seus produtos no mercado local", destaca o deputado Geraldo Resende.

"Trata-se de um antigo sonho dos feirantes e da população douradense, principalmente dos moradores das adjacências da antiga feira livre de Dourados que começa a se tornar realidade. Será um novo local, com amplas e modernas instalações, inclusive levando em consideração as condições de saúde pública", conclui o parlamentar.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2015.

Conforme mostra a Figura 41, essa nova proposta tinha uma aprovação local, já que aparentemente o projeto seria para uma área aconchegante e espaçosa, porém já em 2015 era sugerido que essa alteração da estrutura poderia “tirar um pouco da história do município”, ou seja, poderia romper com a identidade que a Feira Livre da Rua Cuiabá mantinha.

Figura 43: O local para a nova Feira Livre de Dourados (2015)

09/11/2015

Internautas aprovam local de nova feira livre de Dourados



Enquete realizada pelo **Dourados News** questionou os internautas sobre o local onde será a nova Feira Livre do município e boa parte aprovou a ideia. A opção 'concordo, o novo local se aconchegante e espaçoso' foi escolhida por 256 (58,58%) dos 437 que participaram da interação.

A nova estrutura ficará na rua Cafelândia, entre as ruas Humaitá e Araguaia, antiga Chácara R Jardim São Pedro e contará com mais de 360 boxes para a comercialização de produtos variados.

As obras já iniciaram e devem ser concluídas em 2016.

Com a nova opção, a tradicional feira da rua Cuiabá, na região central da cidade, deixará de existir e para 144 votantes, equivalente a 32,95% dos participantes, vai tirar um pouco da história do município.

Já 37 internautas (8,47%) se mostraram indiferente a mudança.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2015.

Iniciaram-se então em 2016 as obras para implantação da nova Feira Livre de Dourados, e quatro meses após, muito se esperava da entrega da obra.

Sudário (2016) destacava que:

A nova Feira Livre iria trazer condições adequadas para os feirantes no que tange infraestrutura, que com a instalação de boxes fixos, não teriam mais que

realizar a operação de montagem e desmontagem das barracas, como acontecia anteriormente, além de atender a critérios da vigilância sanitária.

Figura 44: Iniciam-se as obras da nova Feira Livre de Dourados (2016)

12/02/2016

Começam obras para a implantação da nova feira livre de Dourados

Da Redação



Foto: Ricardo Minella.

Trabalhadores iniciam obras de infraestrutura na área onde será instalada a nova feira livre de Dourados.

Depois das obras de terraplanagem que aconteceram no ano passado, estão em andamento trabalhos de implantação da infraestrutura da futura feira livre de Dourados, que será instalada em uma área de 56,3 hectares da antiga Chácara Rigotti, à rua Cafelândia (entre as ruas Humaitá e Araucária), Jardim São Pedro, região sul de Dourados. A previsão de término desta etapa é de aproximadamente oito meses.

Entre as mudanças previstas no entorno da futura feira, estão a abertura da Rua Adelina Rigotti cortando o fundo da área, respeitando-se o limite de proteção ambiental do Córrego Rego Dourado. A Prefeitura anunciou ainda que do lado norte, a Rua Humaitá também será continuada, se encimada com a Rua Adelina Rigotti e, após, atravessando o Córrego Rego D'Água, ligando-se à Rua Vitória Taunay. O Município também anunciou a construção de uma ponte sobre o córrego nessa rua com a finalidade de melhorar o trânsito na região.

Os recursos para esta etapa das obras, no valor de R\$ 2.563.253,85, são oriundos do PROCON Dourados. Para a fase seguinte, o deputado federal Geraldo Resende e o senador Waldemir Costa garantiram emendas individuais, cada um, de R\$ 1.250.000,00, totalizando R\$ 2,5 milhões. Em junho de 2014 o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) fez o empenho com o valor de R\$ 2.437.500,00, referentes às duas emendas.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2016.

“A nova estrutura, além de um espaço de comercialização, será um ponto de encontro, com comodidade e segurança tanto para os feirantes como para frequentadores”.

Sudário (2016)

Figura 45: A nova Feira Livre de Dourados (2016)

06/06/2016

Vereador Sudário pede celeridade na obra da nova feira livre

Da Redação



Foto: Divulgação

Feira livre de Dourados vai mudar da rua Cuiabá para a vila Adelina Rigotti

O vereador Nelson Sudário (PSDB) está cobrando das autoridades locais que intermedeiem j] órgãos competentes no sentido de acelerar os serviços de implantação da feira livre de Dourados, que sairá da rua Cuiabá para a vila Adelina Rigotti, com acesso pela rua Cafelândia.

A nova feira livre de Dourados, que já está em fase de construção, receberá uma estrutura moderna para abrigar 560 produtores. Além de 120 boxes para venda de hortifruti, a feira prevê espaço para artesanato, 224 boxes para o segmento de armazéns, espaço para realização de capacitação para feirantes, 24 boxes para a praça de alimentação, área administrativa, além de estacionamento para visitantes.

Sudário lembra que o projeto de construção da nova feira atende pedidos de diversos feirantes que hoje atuam na Rua Cuiabá, bem como de moradores daquela região, que reclamam, há muito tempo, dos problemas advindos da interdição da rua, nos dias de feira.

"Quando iniciou a terraplanagem, em fevereiro, a previsão de conclusão de todo o trabalho era para outubro, no entanto, o governo federal ainda não liberou R\$ 2,5 milhões em recursos e as obras estão em ritmo lento. Para ter continuidade nos trabalhos, o Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) precisa concluir a análise do projeto", observa o vereador.

Para Sudário, a nova feira livre vai trazer condições adequadas para os feirantes no que tange infraestrutura, que com a instalação de boxes fixos, não terão mais que realizar a operação de montagem e desmontagem das barracas, como acontece atualmente, além de atender a critério da Vigilância Sanitária. "A nova estrutura, além de um espaço de comercialização, será um ponto de encontro, com comodidade e segurança tanto para os feirantes como para frequentadores", afirma.

"A feira livre que conhecemos hoje, pouco mudou em termos de infraestrutura nas últimas décadas. A Prefeitura realocasse os feirantes em outro local, em razão da feira livre não haver boxes, banheiros públicos, local adequado para lavar as mãos e praça de alimentação segura", afirma Nelson Sudário, lembrando que a feira livre é tombada para patrimônio histórico de Dourados.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2016.

Numa esperança de melhoria, a população douradense aguardava a entrega da obra, que fora realizada em novembro de 2016, e desde então foi palco de muita contradição.

Não é possível desvincular a Feira Livre da Rua Cuiabá da memória dos feirantes, tal como descreve Ostapenko (2018) na Figura 44:

Na feira livre há aqueles que observam, pechincham e procuram algo específico, bem como há aqueles que criam laços de afetividade, próximos da amizade que rompe a relação comerciante- freguês, o que sustenta em grande parte a tradição de ir à feira toda semana, comer pastel e tomar caldo de cana, além da variedade e qualidade dos produtos ali encontrados. Todos nós temos uma história de identidade e lembrança de uma feira, seja no âmbito alimentar ou simples lazer.

[...] Assim a feira segue seu rumo como um organismo vivo, semana a semana com seus feirantes e seus clientes, cheio de histórias pra dividir e também em busca do melhor alimento para saciar a fome das suas famílias, ou apenas para aproveitar o momento [...]

A importância e identidade que a Feira Livre mantém na realidade douradense é tanta, que existem feiras em diversas regiões da cidade e sempre com muitos frequentadores. O histórico da Feira Livre de Dourados pelos informativos se findam, e passa a ser a voz e verdade de quem vivencia a luz para esse estudo, mas sem dúvida alguma, recriar situações, perspectivas e a relação da Feira Livre de Dourados desde 1956 até os dias atuais, reafirma a importância e necessidade do estudo sobre tal território.

Figura 46: A importância e a história da Feira Livre de Dourados (2018)

04/09/2018

Muito mais que barracas e feirantes, a feira livre é um afetivo

04 SET 2018 - 08:00 | POR ANA OSTAPENKO | Compartilhar



Se existe local mais democrático que uma feira livre, ainda não conhecemos, ali entre barracas com todo tipo de produtos, desde legumes, verduras, doces ou carnes, todo tipo de pessoa transita, desde o mais rico até o mais simples, todos buscam a saúde em forma de alimentos.

A palavra feira teve origem na palavra em latim *feria*, que significa "dia santo ou feriado" e a palavra *freguês*, usada para tratamento dos consumidores de feira livre, originou-se também do latim *filii ecclesiae* que significa "filhos da igreja". Assim, no início, as pessoas ou fiéis aproveitavam as festas religiosas para se reunirem e para trocarem mercadorias.

Na feira livre há aqueles que observam, pechincham e procuram algo específico, bem como há aqueles que criam laços de afetividade, próximos da amizade que rompe a relação comerciante-freguês, o que sustenta em grande parte a tradição de ir à feira toda semana, comer pastel e tomar caldo de cana, além da variedade e qualidade dos produtos ali encontrados. Todos nós temos uma história de identidade e lembrança de uma feira, seja no âmbito alimentar ou simples lazer.

Em Dourados não é diferente. Além da feira central, que funciona aos sábados e domingos, existem mais 4 feiras móveis, que acontecem em dias da semana nos bairros. A semana se inicia na terça com a feira de orgânicos no Parque dos Ipês, ela começa às 17h. Além de orgânicos, a praça de alimentação tem um papel importante no movimento da feira, lá você pode encontrar delícias para todos os gostos.

As opções são variadas, o pastel, que não pode faltar, é vendido numa barraca com uma fila interminável, com vários sabores, o cliente pede e espera ansiosamente pelo vendedor chamar o seu nome. Também tem coxinha, sanduiche vietnamita, macarrão na chapa, espetinhos, acarajé e até comida chinesa vegetariana. Sim isso mesmo, você pode comer uma porção de 5 guiozas (iguaria chinesa feita com massa fina e legumes) por apenas R\$ 5,00. Feira é tudo de bom!



Na quarta, já é tradição a feira do BNH 1º Plano, que começa cedo, com a venda de frutas e verduras e mais ao fim da tarde as barracas de pastel e yakisoba abrem e fazem a felicidade gastronômica dos frequentadores.

Na quinta, é a vez de feira no Parque Alvorada, ali no calçadão da Escola Aurora Pedroso, ao lado do parque. Visitamos de manhã e encontramos o senhor Aroldo Nantes Fernandes, de 61 anos, 20 deles dedicados à sua barraca de doces nas feiras dos bairros e as central. Seu Aroldo contou pra gente que não se vê se não for numa feira. Naquele local fez amizades pra vida inteira, “a feira é um comércio de afetividade, as vezes a pessoas nem compra nada, mas chega pra uma conversa boa e assim a gente faz um amigo”, comenta.



Na sexta, a feira acontece no bairro Izidro Pedroso a partir das 17h, lá mais uma vez encontramos moradores e feirantes numa simbiose única, onde compras, pechinchas e muita comida boa se misturam.

A Feira Central de Dourados guarda muita história, quem nunca passou de madrugada, depois de uma balada pra comer pastel ou frango assado que atire o primeiro repolho! No sábado de manhã já está lotada com clientes em busca dos melhores vegetais, farinha de mandioca e café à granel e também bolos, biscoitos ou cucas. À noite a praça de alimentação fica lotada de clientes em busca de uma refeição diferente fora de casa. No domingo não é diferente, muitas famílias passam na feira para tomar café da manhã e comprar verduras e frutas para o almoço.

Assim feira segue seu rumo como um organismo vivo, semana a semana com seus feirantes e seus clientes, cheios de histórias pra dividir e também em busca do melhor alimento para saciar a fome das suas famílias ou apenas para aproveitar o momento degustando um belo pastel de queijo com caldo de cana.

Fonte: JORNAL O PROGRESSO, 2018.

3.3 A Feira Livre de Dourados e sua relação com o poder público

Considerando explorar a relação do poder público com a Feira Livre de Dourados, foi proposto ouvir representantes do governo sobre a relação da Feira em seu novo território.

A Feira Livre conforme observado nos tópicos anteriores é também um espaço de memórias que são constituídas pela imprensa, pelo poder público, pelos feirantes, fregueses e pelos moradores, é um espaço material, mas também simbólico. Então questiono: será que a memória, os anseios e considerações sobre a Feira Livre de Dourados constituída nos jornais e na memória relatada pelos douradenses é a mesma pelo poder público? Quais as reais necessidades de mudanças e como o poder público se coloca diante da relação de existência da Feira Livre de Dourados, desde 1956 até 2019.

Foi preciso verificar os sentidos que os douradenses conferiam à Feira Livre de Dourados, que era localizada na Rua Cuiabá, realmente “livre” e o que consideram sobre a Feira Livre João Totó Câmara, caracterizada por ser referencial de mudança, condicionada a um novo território imposto pelo poder público.

O não reconhecimento das mudanças impostas pelo poder público pode ser verificado, na relação da Feira Livre de Dourados. O poder público mudou o nome, a localidade, a forma, a dinâmica organizacional, mas para alguns os feirantes e o que faz sentido são os contatos e as relações de identidade que mantinham nos muitos anos em que montavam suas bancas na Rua Cuiabá. Procurei ir à fonte, conhecer e entender o porquê das mudanças, e por isso procurei conversar com Elias Shy, vereador douradense, que mantém contato com as propostas e desenvolvimento do projeto da Nova Feira, assim como, do projeto de Lei nº 34/2019.

Shy (2019) esclareceu que desde quando apresentaram o projeto da Nova Feira Livre na câmara municipal, considerando o que ia ser feito na Chácara Rigotti, houve bastante adesão política e o anseio douradense era de criar uma feira tal como a da Capital, mas para ele, a realidade douradense é totalmente diferente de Campo Grande, que é uma feira de gastronomia.

Segundo Shy (2019) nenhum deputado, nenhum prefeito da época consultou a comunidade para alterar a Feira Livre da Rua Cuiabá.

“Chegaram lá e disseram é isso aqui, esse é o projeto e vai ser construído, mas muita coisa não contempla”.

Recortes de jornal evidenciam que a Feira Livre de Dourados mudou de local pois os vizinhos não gostavam, pois tinham dificuldades de acesso aos finais de semana e a Feira Livre resultava em lixo e descuido da região, porém, ao questionar o que ele achava que havia sido o real motivo dessa mudança, Ishy afirma que o projeto foi imposto e precisou ser engolido.

A Feira trazia sim uma proposta interessante, mas, para o olhar comercial, e para Ishy, o incomodo dos vizinhos nunca foi empecilho, já que a região tinha isenção de impostos (que passaram a ser cobrados após a mudança de local), tinha segurança, tinha vida e era apenas aos finais de semana, o que não prejudicava os moradores que já viviam essa realidade há mais de 30 anos.

O que o vereador destacou na conversa, de forma muito solícita seu apreço pela Feira Livre e o que ele expôs, traduz um pouco do que obtive nas conversas informais com os feirantes mais antigos, que salientavam que a Rua Cuiabá era patrimônio histórico e convivia na memória de todos, e por se manter a tanto tempo havia uma certa afeição e uma boa relação com o local, porém, os feirantes acreditavam que a mudança não foi sugerida por solicitação de vizinhos, mas sim devido ao poder público lançar um olhar mais atento sobre aspectos de vigilância sanitária e saúde, o que era algo excelente, pois melhorias das condições ambientais proporcionaria conforto aos feirantes e aos fregueses.

Após o diálogo contextualizando as duas faces da situação, procurei conversar com o secretário da agricultura familiar Junior Bittencourt, que tem trabalhado no processo de reorganização e legalização dos espaços das feiras públicas de Dourados. Bittencourt abriu e explicou o projeto de Lei 34/2019 que já está tramitando na Câmara Municipal e trata da regulamentação de todas as feiras livres de Dourados.

Para ele, a Secretaria de Agricultura Familiar de Dourados (SEMAF) está concluindo a elaboração de um projeto de lei que irá modernizar todas as feiras livres de Dourados e criar um marco regulatório para as próximas que surgirem no município. O secretário apresentou as seis feiras funcionando regularmente, com números de feirantes, produtores e pessoas atendidas pela secretaria que realizam comercialização nas feiras que ocorrem em dias alternados, de terça a domingo.

Ao questioná-lo o papel do feirante nesse projeto de lei, ele foi objetivo e claro ao afirmar que uma realização do governo atual é reunir toda a equipe que elabora a

proposta com grupos de feirantes para discutir o projeto e passar orientações diversas, considerando quem vivencia, minimizando conflitos e priorizando o melhor.

De acordo com o Bittencourt, o objetivo é unir-se aos feirantes, realizar parceria com aqueles que fazem a feira acontecer, padronizar os atendimentos e consolidar a regulamentação das feiras na cultura organizacional.

“A partir da regulamentação o poder público e feirantes terão deveres e direitos bem definidos, garantindo segurança jurídica aos feirantes, e mais apoio na produção e comercialização de alimentos e artesanato”.

A proposta do projeto de Lei está nos apêndices e foi sucintamente exemplificada, considerando novas realidades para a Feira Livre, como multas para quem não ocupa o ponto que foi contemplado, multas pelo descuido das áreas, novos valores e possibilidades para obtenção dos pontos de comercialização que anteriormente eram destinados por meio de sorteio, já que existem muitos feirantes na fila de espera, novas realidades para a área de alimentação, uma nova roupagem da Feira , no intuito de criar um ambiente de convívio organizado.

Sintetizando o que pude constatar pelas conversas com o poder público, já entende-se que a realidade e a melhoria só virá se houver um acordo entre as partes, que é preciso conversar e não impor uma nova realidade tal como foi feita, os próprios governantes observaram muitas falhas e precipitações na mudança do território da Feira Livre de Dourados, e isso é algo que os feirantes ainda se adaptam, ou reterritorializam,

CAPÍTULO 4

**GEO-HISTÓRIA DAS
FEIRAS LIVRES E O
PROCESSO TDR**

No decorrer do tempo, a Feira Livre em Dourados foi se modificando e se transformando, de forma a ser tratada a partir do processo de Territorialização – Desterritorialização – Reterritorialização (TDR), através da análise das transformações pelas quais a Feira Livre de Dourados passou no decorrer de sua existência e compreender os complexos processos que ensejaram as mudanças da Feira Livre da Rua Cuiabá, para a Feira Livre João Totó Câmara.

Paralelamente, pretende-se desvelar, a partir de fontes orais e dos registros documentais produzidos pela e sobre a Feira Livre de Dourados, a presença anônima, mas sempre constante, de outros agentes sociais urbanos, não apenas mandantes e mandatários, no processo de transformação urbana e transformações pelas quais a Feira Livre de Dourados passou.

4.1 O espaço urbano, território da Feira Livre

Antes de abordarmos a origem das feiras, é oportuno pensar sobre o espaço e território no qual as feiras livres se inserem. Nesse sentido, embora sabendo que muitos já tenham produzido conhecimentos e análises sobre esse espaço procuraremos mostrar o que ele é e como é produzido, enfatizando os atores que participam desse processo de produção, na tentativa de saber se o subsistema feira inserido nesse espaço é parte do processo de sua produção.

Segundo Carlos (2005, p. 70), “pensar a cidade significa pensar o espaço urbano”. Partindo dessa premissa, embora tenhamos a convicção de “que o espaço é total e deve, desse modo, ser considerado como indivisível” (SANTOS, 1985 [2008c, p. 81]), enfatizaremos uma categoria de espaço – o espaço urbano – produzido socialmente por um conjunto de agentes, quais sejam: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos (CORRÊA, 2000).

O espaço urbano é uma produção social e dialética, materializada na forma, na função, nas estruturas e nos processos desencadeados, pois reflete a sociedade que o produz (CARLOS, 2005).

O espaço urbano apresenta ações realizadas tanto no presente, como no passado, mediante o processo de sobrevivência e envolvimento de sujeitos que dele fazem parte e o produzem. Assim, sendo o espaço um produto social em constante

mudança a partir da interação entre os sistemas de objetos e os sistemas de ações, para melhor compreendê-lo é preciso considerar sua relação com a sociedade que, ao passo em que se modifica, também acarreta uma nova organização espacial ao designar novas funções aos objetos geográficos necessários à produção do espaço (SANTOS, 2009).

A apreensão do que é o espaço geográfico e, em especial, o urbano, torna-se necessária para discutirmos o assunto Feira Livre, já que esse objeto é formado por um sistema de requisitos (nesse estudo, os diversos feirantes e massas de vendas criadas) e por um sistema de ações (ações econômicas, sociais, culturais), maneira pela qual compreendemos o espaço e suas subtotalidades.

Complementando a discussão, Carlos (2005, p.26) afirma que

“[...] a cidade é a heterogeneidade entre modos de vida, formas de morar, uso dos terrenos da cidade por várias atividades econômicas”. Assim, a Feira Livre tem tudo a ver com modo de vida de sujeitos cidadãos, assim como a territorialização (uso) de terrenos da cidade, e corroborando com a ideia de que, “a cidade é um modo de viver [...]” (CARLOS, 2005, p.26),

explora-se a Feira Livre como objeto constituinte, como parte dessa condição/modo, embora envolva em seu acontecer sujeitos socioespaciais diversos e relações culturais e identitárias.

4.2 A Feira Livre

Mott (1975) fez uma extensa revisão histórica das Feiras, mostrando a sua existência em países de todos os continentes. Vistas pelo prisma da cultura, as Feiras são objetos de interesses diversos, atraindo estudiosos das áreas da economia, da arquitetura, da geografia, da agronomia, da antropologia e da sociologia, além de artistas e fotógrafos.

Essa diversidade de interesses demonstra que as feiras imantam um sem-número de dimensões que possibilitam encontrar os costumes de um povo e de uma época, e remonta às relações comerciais de trocas (SATO, 2012).

Para Huberman (1986) a Feira Livre era o centro distribuidor, onde os grandes mercadores compravam e vendiam as mercadorias oriundas do Oriente e Ocidente. As Feiras Livres constituem o princípio fundamental dos mercados. Numa

abordagem socioeconômica elas representam um ponto de encontro entre vendedores e compradores – feirantes e fregueses – para realizarem todo o tipo de troca de produtos (BRAUDEL, 1998).

Segundo Mott (1975) o comércio da Feira no Brasil inicialmente se limitava à troca de alguns bens raros ou de luxo, tais como certas pedras verdes e plumas de aves destinadas ao adorno corporal. Já Guimarães (2010) afirma que as primeiras referências às Feiras aparecem em meio ao comércio e às festividades religiosas, pois para o autor, os camponeses trouxeram o ideal de Feira a partir da troca de produtos nas ruas a um preço mais baixo. Percebe-se então, que ainda que não seja específica as informações sobre o início das Feiras, os dois autores exploram que os produtos comercializados e a Feira tem seu fundamento na relação de troca e posteriormente na relação capitalista informal.

Forman (1979) afirmava que as Feiras Livres com suas trocas tendiam a desaparecer, influenciadas pela ação dos atacadistas, já Carlos (1994) contra-argumentava que elas são uma fonte de subsistência de pequenos produtores e compõem um sistema de atendimento especial, e essa realidade pode ser notada nos dias atuais, pois, hoje, em 2019, as Feiras estão mais em evidência do que nunca, já que cada vez mais se busca hábitos e práticas alimentares saudáveis, conformr Gallina et al (2012), ao afirmarem que os consumidores estão cada vez mais preocupados com seus hábitos e práticas alimentares, buscando aderir a hábitos mais saudáveis, além de buscarem alimentos seguros para incrementar seu cardápio.

Sendo assim, Forman (1979) e Carlos (1994) já relatavam o que seriam as Feiras Livres atuais, destacando que a Feira é o espaço em que os consumidores, atento à saúde, utilizam para adquirir alimentos para compor sua dieta e garantir sua segurança alimentar e, atualmente, as Feiras Livres têm diversificado o oferecimento de produtos, pois dispõem de hortifrutigranjeiros, artesanato, quitandas, desde produtos sofisticados até mínimas coisas, como artefatos importados e eletrônicos. Existem as feiras mais sofisticadas, como as realizadas em bienais, exposições de animais, comuns em todo o mundo, cujo objetivo é o grande comércio e feiras bastante famosas, como as feiras do Nordeste, por exemplo, as feiras de gado em Feira de Santana, a Feira de Caruaru e da Paraíba, Feira de São Cristóvão no Rio

de Janeiro (feira de mercadoria e festa, que apesar de ser em um local específico e não mais livre, mantém a mesma dinâmica referencial), etc.

Pode-se dizer então que, as Feiras Livre são lugares de realização da vida, onde feirantes e consumidores realizam formas culturais e vivenciam determinado modo ou estilo de vida, que se mostra particular para um determinado grupo, o que conduz a crer que aquilo que se é colocado no prato, mais que alimentar o corpo, serve também como alimento para as formas de viver dos sujeitos constituintes desse espaço (BRITO; ALVES e AMPARO-SANTOS, 2017).

4.3 A Feira Livre no Brasil

A Feira Livre no Brasil surgiu com os portugueses e há registros de feiras desde a época colonial. Existia a presença das populares quitandas ou feiras africanas, que eram mercados em locais preestabelecidos que funcionavam ao ar livre. Vendedoras negras negociavam produtos da lavoura, da pesca e mercadorias feitas em casa. Do mesmo modo, uma grande variedade de produtos que chegavam de navio era comercializada informalmente na Praça XV, no Rio de Janeiro. Até que em 1711, o Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil, oficializou-as. Mas o comércio era, além de desorganizado, extremamente despreocupado com a higiene (GUIMARÃES, 2010).

A fim de confirmar tal comércio, possuímos apenas uma referência: Jean de Léry (1557) que nos diz que,

Os Tupinambá ao comerciarem com os Guaitacá postavam-se a uma distância de mais ou menos uns 100 metros uns dos outros. Mostravam de longe os objetos que queriam permutar e deixavam-nos por cima de uma pedra ou pedaço de pau a meio caminho entre os dois grupos. Vinham os Guaitacá, examinavam os objetos ofertados, deixavam suas pedras e penas e levavam em troca as coisas deixadas pelos outros. Feita, porém a troca rompia-se a trégua entre os dois grupos e apenas ultrapassados os limites do lugar fixado para a permuta, procurava cada qual alcançar o outro a fim de arrebatá-lhe a mercadoria (MOTT, 1975).

Atualmente os conceitos de feira livre constituem de uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos, mas não só isso, representam e desempenham

ainda hoje papel relativamente importante no abastecimento urbano, tal como mencionado anteriormente.

4.4 O território da Feira Livre – características e funções

Para Almeida (2009) a Feira enquanto espaço físico apresenta-se como um local amplo, aberto, que possibilita sua ocupação por diversos tipos de atividades que se caracterizam pela aglomeração de pessoas com intensa conformação e desconfiguração de micro eventos.

Uma característica peculiar das Feiras Livres é a utilização de uma área que é alterada com a sua realização e que, após, volta ao arranjo original, havendo, portanto, a necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde a Feira possa ser realizada – uma arquitetura efêmera.

4.4.1 A arquitetura efêmera

Através da observação sistemática da dinâmica das Feiras identifica-se uma identidade e um tocante cultural comum entre aqueles que as frequentam: feirantes e fregueses.

O processo de territorialização das Feiras baseia-se em aspectos do modelo colonial: traçado aparentemente irregular, passagens estreitas, poucos espaços amplos, resultando numa trama congestionada e ruidosa de comércio, num território marcado pela luta cotidiana pela sobrevivência (MASCARENHAS, 1997).

Raffestin (1993) argumentava que a territorialidade aparece então como constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade. [...] ela se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. [...]

Barbosa (2011) abordou que a territorialidade da Feira Livre também se dá a partir das relações de sociabilidade que nela se estabelecem, os saberes que se constroem e se firmam como característica social dos sujeitos, a sua estética particular e a sua ambiência – visual e sonora – que são elementos que configuram este “espaço vivido” e tecem uma vivência particular, inscrevendo-se na história das pessoas que constituem os espaços urbanos. Assim, a leitura imediata que se tem

da Feira Livre é de um espaço para atendimento das necessidades de feirantes e fregueses por vender e comprar produtos, mas a dimensão cultural e simbólica do objeto referência vai muito além dessa dinâmica.

4.5 Relações existentes na territorialidade da Feira Livre

As feiras e mercados são identificados como elementos importantes na estruturação social do meio urbano, pois são constituintes de uma dinâmica específica de ocupação do espaço.

Conforme Weber (1979), o aparecimento das cidades (entre 3500 a 3000 a.C.) está relacionado estreitamente às Feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial.

Braudel (1998) afirmava que, frequentada em dias fixos, a feira era “[...] um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; é nela também que nascem alguns incidentes [...]”.

A Feira é, ao mesmo tempo, uma instituição fragmentada e articulada, “fruto” dos processos produtivos desenvolvidos pelos agentes sociais que, ao se apropriarem materialmente e simbolicamente dos espaços, evocam uma multiplicidade de sociabilidades e territorialidades, de trocas materiais e sociais (ARAÚJO, 2006).

Para aproximar Dourados e a Feira Livre da Rua Cuiabá faz-se necessário entender as fontes que nos informam o surgimento da cidade e da Feira, e para tal lançou-se mão de escritos memorialísticos. Ressalta-se que, a história de Dourados e a existência da Feira Livre da Rua Cuiabá, por muito tempo só existiu nesses apontamentos, por isso, até hoje, a memória da população e confirmação a partir de conversas e entrevistas pautam a metodologia do trabalho historiográfico.

4.6 O processo TDR

Para discutir a incorporação dos processos de TDR partimos do reconhecimento dos conceitos de território e seus desdobramentos, como territorialidade e territorialização, e após isso, o TDR apresenta-se como importante viés analítico para interpretarmos a atuação social na realidade urbana e a

construção de novos territórios. No caso específico da Feira Livre de Dourados, evidencia-se o processo de T-D-R desenvolvidos após a instalação dessa em uma área fixa e definitiva do município (CHELOTTI, 2013).

Para Chelotti (2013) os processos geográficos de TDR configuram-se como processos dinâmicos inerentes à própria sociedade. Assim, o fato de uma Feira outrora popularmente reconhecida e territorializada em um ambiente específico ser reterritorializada - afirmação tecida a partir das abordagens e conversas informais com feirantes que participaram da transição e processo de retirada da Rua Cuiabá e incorporação na Chácara Rigotti, fundamentadas em Haesbaert (2010) - criando novos usos, novos costumes, não significa que ele tenha encerrado esse processo, pois, o que evidencia-se, durante a realização do trabalho de campo, é que apesar da propensão à adequação ao novo território, essa abordagem condiciona resultados não esperados (destacados no Capítulo 4) e assim, tem-se determinados territórios novamente desterritorializados, ou porque não dizer, modificados de tal forma, que perpassam dimensões materiais e imateriais.

As dimensões materiais dizem respeito às questões de infraestrutura, que geralmente é precária ou não acomodam confortavelmente, associadas à falta de compreensão das necessidades do público frequentador do objeto e da população envolvida – os feirantes, já no plano da dimensão imaterial, entram em cena aspectos culturais, em que falam mais alto os sentimentos de saudade em relação à memória afetiva, de estranhamento do novo lugar, de isolamento geográfico, dentre outros.

Nesse sentido, dividimos a análise em duas partes. Na primeira, realizamos uma pequena revisão da discussão teórica sobre a dinâmica TDR; na segunda, fizemos a transposição teórica da des-re-territorialização para nosso estudo empírico, por fim, tecemos algumas considerações.

4.6.1 Definindo Território para compreensão da desterritorialização

A partir da visão de Haesbaert (2010) tem-se que o território no sentido etológico é entendido como o ambiente de um grupo (...) que não pode por si mesmo ser objetivamente localizado, mas que é constituído por padrões de

interação através dos quais o grupo ou bando assegura uma certa estabilidade e localização.

O território de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo), e ao contexto histórico em que está inserido (HAESBAERT, 2010).

De uma maneira bastante sucinta, o território é entendido, sobretudo, como o resultado da ação do homem sobre o espaço, enquanto busca a reprodução de sua existência (LEFEBVRE (1974); RAFESTIN (1993); SCHNEIDER (2004); SABOURIN e TEIXEIRA (2002).

4.7 Desterritorialização e reterritorialização

O processo de desterritorialização, também analisado considerando Haesbaert (2010) atrela-se ao contexto à reterritorialização encontrada em seu estudo sobre a formação de uma rede “gaúcha” nos cerrados do Nordeste brasileiro, porém, observada na relação da Feira Livre de Dourados e sua mudança de local.

Para Haesbaert (2010), é preciso pensar a territorialização e a desterritorialização como processos fundamentais.

Na tentativa de sistematizar o discurso vigente de que a sociedade vive um período de desterritorialização, Haesbaert (2002) apontava cinco possíveis interpretações: a primeira, uma perspectiva mais economicista, defende a ideia de superação dos entraves locais ou de localização; a segunda, uma abordagem mais cartográfica, afirma que ocorreria a superação do espaço pelo tempo, ou seja, um encurtamento de distâncias; uma terceira entende que as relações seriam mais imateriais que materiais; uma quarta pressupõe que ocorreria um esvaziamento das fronteiras, permitindo o livre acesso; e a quinta acredita que a perspectiva cultural, referência simbólica, perderia sentido e se transformaria em não lugar. Porém, a realidade se exprime em torno de relações muito mais complexas.

[...] A desterritorialização que ocorre em uma escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra escala [...] (HAESBAERT, 2002).

A discussão teórica sobre os processos TDR encontra diversas abordagens para um mesmo processo, como aquelas que se dedicam a entendê-lo e na questão pretendida, procura entender a dinâmica mais por uma vertente cultural.

Saquet (2003) afirmava que simultaneamente à desterritorialização, ocorre a reterritorialização, pois são processos intimamente ligados na dinâmica socioespacial. Oliven (2006) trabalhava o termo de desterritorialização como determinação utilizada para designar fenômenos que se originam num espaço e que acabam migrando para outros. Para o autor, esse conceito só faz sentido se for associado ao de reterritorialização, pois as ideias e os costumes saem de um lugar, mas entram noutra ao qual se adaptam e se integram.

Em ambos os processos (desterritorialização/reterritorialização), forças sociais, econômicas, políticas atuam como elementos de manutenção, expulsão ou atração (quando no processo de reterritorialização) de grupos envolvidos. (MEDEIROS, 2007).

Mais do que um iminente processo de desterritorialização para Haesbaert (2010) evidenciamos na sociedade contemporânea um complexo mundo organizado por inúmeras “formas” de territórios, uma verdadeira multiterritorialidade quase que esquizofrênica.

Estariamos, aí, diante do “mito” da desterritorialização. [...] o que está dominando é a complexidade das reterritorializações, numa multiplicidade de territorialidades nunca antes vista, dos limites mais fechados e fixos da guetoificação e dos neoterritorialismos aos mais flexíveis e efêmeros territórios-rede ou “multiterritórios” da globalização (HAESBAERT, 2010).

Enfim, toda a abordagem do autor, parece transparecer que todo homem necessita do seu território, seja de cariz material ou simbólico e o território de cada indivíduo é característica e resultado de uma dinâmica cultural e identitária. O homem necessita do seu território, do seu espaço e de criar vínculos e ligações com ele.

Apesar disso, os territórios são sujeitos a alterações, a mudanças. E essas mudanças podem ocorrer por diversos fatores, como por exemplo no caso da Feira Livre: projetos de desenvolvimento, minimização de “reclamações” por parte dos vizinhos da Rua Cuiabá, nova ambientação e necessidade de equipamentos e serviços que comportassem a importância da Feira para a cidade, entre outros.

Quando esta mudança no vínculo que nos une ao território acontece estamos perante um processo de desterritorialização. Assim, o processo de desterritorialização pode ser definido como uma perda de território, um afastamento

dos nossos territórios simbólicos e afetivos. Tendo em conta que o Homem é social e sociável, este necessita de se adaptar às novas circunstâncias, aos novos territórios. Assim, ao processo de desterritorialização está (sempre) implícito o processo de reterritorialização.

A reterritorialização caracteriza-se por ser um processo que nem sempre é bem-sucedido, onde o homem se vai adaptar aos novos territórios, tornando-se num agente ativo do (novo) território. Com essa perspectiva, pretende-se abordar a reterritorialização da Feira Livre de Dourados, com a impressão sobre a chegada ao novo, divergências, anseios e desdobramentos.

4.7.1 Reterritorialização em um território diferente: impressões sobre a chegada

Existem algumas especificidades importantes nesse processo de reterritorialização que precisam ser destacadas, podendo-se enfatizar três: (1) a primeira refere-se ao fato de que os feirantes reterritorializados mantêm suas famílias a partir de suas vendas, com clientela formada e acostuada a realizar suas compras na Rua Cuiabá; (2) outro fator refere-se à concentração desses feirantes, de modo que, ao sofrer essa alteração os espaços destinados às vendas não seriam satisfatórios, devido à quantidade de produtos e de feirantes (apesar de melhores condições de higiene). No entanto, não é um processo que agrada a todos em plenitude; (3) e o terceiro é o que se refere às políticas públicas específicas, pois ao criar um novo ambiente inicialmente (impressões) não foi priorizado o melhor aos feirantes, trabalhadores, é um local amplo, moderno, mas ainda assim é objeto de discussões.

Ao identificar as impressões dos atores desde sua chegada à nova feira, denominada Feira Livre João Totó Câmara e reterritorialização num espaço diferente, estranho, o que evidencia-se é que havia uma forte carga sentimental nos depoimentos, fruto de uma longa trajetória que, em boa parte dos casos, é essência de vida.

“Impressão sobre a Nova Feira: Pra uma festa Junina isso aqui tá bom!”

(SOUZA, 2016)⁶

Ao analisar o processo de reterritorialização da Feira Livre de Dourados, dentre as características que mais chama a atenção, destacam-se questões associadas à chegada da Feira ao seu “definitivo” lugar, como: preconceito e discriminação por parte de setores da sociedade local, questão de mobilidade (a feira deslocou-se cerca de 6 quadras, mas para muitos deixou de ser de fácil acesso), moradores vizinhos insatisfeitos, trânsito com maior fluxo (o que incomoda), e a adaptação ao novo ambiente. Ao dialogar com os feirantes, facilmente percebe-se a insatisfação quanto à falta de espaço e bagunça.

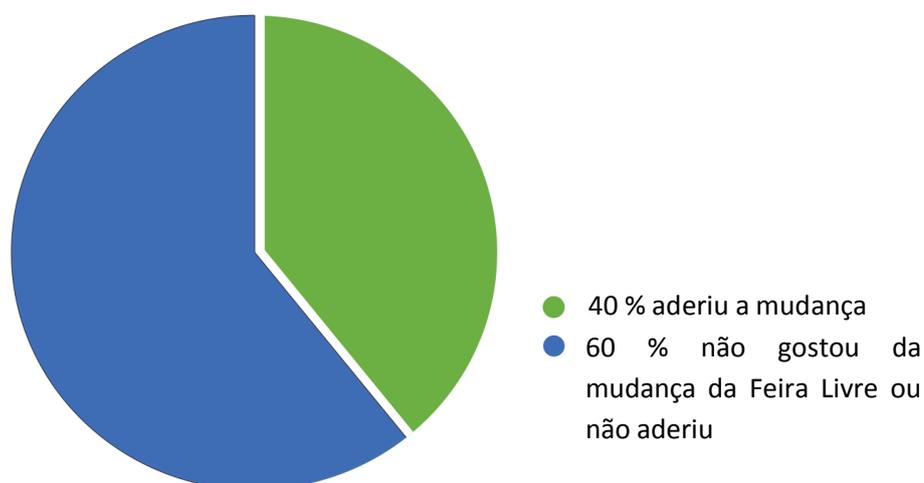
O processo de reterritorialização da Feira Livre provocou reações contrárias à sua vinda para a região, mas também a favor desta. A principal frente de reação contrária eram os feirantes. Os favoráveis encontravam-se nos moradores vizinhos de ambos os territórios (o anterior e o atual) e no governo municipal. Insatisfações foram sentidas pelos feirantes na chegada, questões que, subjetivamente, repercutiram diretamente em sua adaptação na nova localidade.

Constatou-se entre os feirantes um enorme estranhamento ao chegarem ao novo local. Inicialmente, destacaram que a paisagem era muito diferente da de seu local de origem, mas, de certa maneira, com o tempo, passaram a sentir uma sensação de tranquilidade e começaram a dar mais valor ao espaço e a boa circulação de ar propiciada pela área de preservação próxima.

Conforme as observações dos feirantes sobre a Feira João Totó Câmara, cerca de 60% dos entrevistados não gostou da mudança da Feira da Rua Cuiabá para a Chácara Rigotti, e os outros 40% acreditavam que poderiam recriar o que tinham na Feira Livre da Rua Cuiabá, com muito mais conforto.

⁶ Trabalhador há pelo menos 10 anos na Feira, entrevistado na data de inauguração da Feira Livre João Totó Câmara, destacando a insatisfação, salientando a bagunça e falta de espaço para as atividades e atendimentos da feira.

Gráfico 01: Feira Livre: considerações dos feirantes sobre TDR, mudança da Feira da Rua Cuiabá para a Chácara Rigotti (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

No antigo lugar, a Rua Cuiabá, não havia estruturas e os feirantes precisavam criar sua arquitetura, desmontando-as da faixa de passeio público e de veículos ao final do expediente. Os feirantes ao se inserirem na Feira Livre João Totó Câmara, muito se falou das características modernas, das barracas fixas, do conforto que as mesmas proporcionariam, mas a atualidade também necessitou adequações.

A necessidade de se adaptar ao novo território e de estabelecer uma nova relação entre homem e meio transformou-se em mais um desafio para os feirantes reterritorializados, talvez por isso não agradou de imediato como evidencia o gráfico 01. Assim, os saberes tradicionais foram revistos, já que se encontravam associados ao antigo ambiente, exigindo uma adaptação em seus ritmos de vida. As expressões da reterritorialização são múltiplas, entretanto, foi discutido aquela que surge em maior evidência: o espaço de relações denominado “Feira Livre de Dourados” e suas relações com o cotidiano e urbano do município ao sair de um lugar já tradicional para o douradense e se instalar em outro local, cria-se um novo território.

Sabe-se que símbolos podem ser destruídos e reconstruídos, pois, à medida que um território é destruído para dar lugar a outro, o mesmo deverá ser reconstruído em outro lugar, mas nunca será o mesmo de antes.

Diante disso, questiona-se se essas rupturas seriam consideradas catastróficas, por não permitirem a recriação de hábitos ou símbolos já tradicionais ou se o grupo poderia reconstruir, de certa maneira, a vida como era antes da

implantação do projeto? Seria possível falar de novos hábitos, uma nova cultura ou uma mistura de ambos, e isso é ideal para o contexto da cidade? Essa mudança territorial não se restringe apenas ao uso e ocupação de novos espaços territoriais, mas também, de alguma forma, incide diretamente nas pessoas, se considerando o que Bezerra (2007) destacava como identidade territorial.

Enfim, a reterritorialização dos feirantes pode ser identificada a partir de três grandes expressões: a economia, a política e a cultura.

- O papel da reterritorialização na economia pode ser identificado pela constituição de autênticos territórios para comercialização, gerando renda as famílias do município.
- O papel na cultura é verificado na maneira de organização do espaço e das quitandas, na construção das quitandas, na memória que não existe no novo espaço, etc. A princípio, não existia uma forte ligação dos feirantes com a “Feira Nova”. A sua cultura, pelo menos nos primeiros dez meses de reterritorialização era reproduzida de forma adaptada, adequando-se a outra realidade.
- Já o papel da reterritorialização na política é identificado pela formação e participação do governo como base de apoio, como idealizadores e realizadores do melhor para a cidade, ou apenas para usufruir do feito novo.

4.7.2 Reterritorialização: a (re) criação do território

Embora tenham sofrido processos de desterritorialização, ao se reterritorializar num determinado lugar, os feirantes estão procurando reconstruir seus territórios simbólicos, seja na criação de nova clientela, seja na forma de adaptações para minimizar as dificuldades, seja na criação de outras relações sociais com o espaço e sua produção. Nessa tarefa de desvendar os hábitos culturais presentes nos feirantes, constata-se que ainda há elementos que se mantêm no transcurso do processo de reterritorialização. A reprodução do território numa dimensão mais concreta ou no plano simbólico é mantida em associação aos antigos processos da Rua Cuiabá.

Portanto, no decorrer do processo de reterritorialização, evidenciam-se algumas diferenciações socioculturais, principalmente em relação ao uso e à ocupação da terra, uma vez que os feirantes da Rua Cuiabá montavam suas barracas – arquitetura efêmera em lona e estrutura metálica – e dedicavam-se a cultivar lavouras e vende-las ao ar livre por um determinado período, ao fim da jornada de um fim de semana desmontavam e tornavam a repetir o processo a cada cinco dias, e agora, na Feira Livre João Totó Câmara são disponibilizados quitandas fixas, bem menores (mas as bancadas e as lonas que os mesmos ainda estendem?), há sanitários, iluminação e maior comodidade (para a clientela) durante a realização da Feira.

A reterritorialização da Feira tem proporcionado ao território de intervenção, novas expressões culturais, símbolos, crenças, modo de vida, tornando o bairro um verdadeiro “ponto de cultura”. No entanto, a reprodução do antigo território da feira não é fiel, pois, no transcurso do processo de desterritorialização, novos elementos são incorporados e outros deixados de lado. Ao ocorrer a reterritorialização, mantêm-se os traços culturais, por sinal muito forte, mas com certo grau de com o passar dos anos, com as trocas entre as pessoas, muitos elementos são revistos e outros incorporados, por serem necessários para a sua reprodução no novo território.

Enfim, a manutenção da tradição e cultura local deve ser preservada em todas as suas raízes, e esse processo de reterritorialização que a Feira Livre de Dourados passa segundo os entrevistados ainda carece de pelo menos mais 30 anos de trocas para se tornar memória tal como é a Feira Livre da Rua Cuiabá.

4.7.3. Possíveis desdobramentos da reterritorialização

Sabe-se que com o passar do tempo, nem tudo pode permanecer associado às suas tradições, exigindo uma adaptação. O processo de reterritorialização não é um processo simples, pois implica mudança de vida, enfrentar o novo, o desconhecido. A (re) adaptação ao novo lugar tende a ser mais difícil quando se trata de um lugar totalmente diferente do de origem, tanto no que se refere à cultura quanto ao ambiente.

Mas a reterritorialização não modifica apenas a vidas das pessoas que estão chegando, modifica também o novo lugar, na medida em que novas relações necessitam de ser (re) estabelecidas, num constante processo de aprendizagem e descobertas.

Diante disso, uma reflexão a se pensar:

“A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando outros”.
(HAESBAERT, 2006, p.138)

CAPÍTULO 5

**VIVÊNCIAS DA FEIRA
LIVRE , CORES,
CHEIROS E
SABORES**

Neste capítulo a intenção é confrontar informações coletadas nos informativos, coletadas nas entrevistas e tecer considerações sobre as relações sociais que a Feira Livre condiciona. É um processo árduo, pois a Feira Livre de Dourados apesar de fazer parte da história de muitas pessoas, na composição deste trabalho, é retratada como uma “colcha de retalhos”, não limitada pelas poucas informações coletadas nos arquivos e órgãos municipais, mas constituída também pelos relatos orais, pelas fotografias, pelos mapas e jornais; assim, a Feira Livre de Dourados vai sendo constituída dos vários olhares do espaço, do tempo e das relações, em um exercício de construir, desconstruir e reconstruir, enquanto as fontes vão sendo utilizadas.

Das fontes orais, neste trabalho, surgem as experiências de vida das pessoas, as relações de trabalho e consumo na Feira Livre, como olham, vivem e sentem a Feira Livre, enquanto olham a realidade desse território através do passado e presente.

Os entrevistados trafegam em suas lembranças e recriam a Feira Livre da Rua Cuiabá, sua história, as ruas e apresentam suas relações sociais no espaço, o que pode ser percebido também pelo entendimento do levantamento histórico, no capítulo 3.

Nas entrevistas, busco abranger os muitos olhares sobre a Feira Livre, sem, no entanto, almejar alcançar todos os olhares; procuro obter das falas, dos olhares, as muitas realidades na mesma Feira livre: vivo o presente da Feira Livre João Totó Câmara, considerando o passado e os anseios do futuro. A partir dos vários feirantes e clientelas, as entrevistas abrangem uma Feira Livre dinâmica que, sob os diversos olhares, apresenta pessoas que moram, movem-se, recreiam-se e divertem-se diferentemente nos espaços da cidade e ao longo do tempo estudado.

Além das entrevistas realizadas para este trabalho, faço uso das imagens produzidas por mim durante todo o mestrado, entendendo que aqueles sujeitos sociais e figuras me revelaram muito do que era e é a Feira Livre de Dourados, desde a época da Rua Cuiabá, até a sua reterritorialização, o que me despertou o interesse por esse tema. Essas entrevistas foram realizadas no ano de 2016 a 2019.

Nessa ocasião, uma das pessoas que fez parte da rede de entrevistados foi a minha mãe, que chegou a Dourados em 1956, filha de pioneiro. Utilizando-se da sua fala é exposta a lembrança das experiências dela e de minhas próprias experiências

de viver e vivenciar a Feira Livre de Dourados, uma relação que é reproduzida de geração em geração. Em meio às entrevistas, exponho a minha própria experiência, conjuntamente à Feira Livre, que foi se alterando à medida que os espaços foram se transformando. Buscando os muitos olhares, também valorizei os feirantes que estão a mais tempo em atividade na feira, como o Sr. Marcolino, a Sra. Paulina, feirantes há mais de 30 anos.

A fotografia foi uma fonte utilizada para representar a Feira Livre, assim como as suas mudanças. São fotos do meu trabalho de campo, de arquivos pessoais, de instituições, de propagandas, todas retratando situações temporais ou transformações da Feira Livre de Dourados; fotografadas por interesses pessoais ou mesmo profissionais.

Figura 47: Feira Livre João Totó Câmara: praça de alimentação (2018)



Fonte: Lima Santos (2018)

Figura 48: Feira Livre João Totó Câmara: área de comércio hortifruti (2018)



Fonte: Lima Santos (2018)

Figura 49: Feira Livre João Totó Câmara: área de comércio de laticínios e doces (2018)



Fonte: Lima Santos (2018)

Assim, reconstruo a Feira Livre através de fotografias que materializam os espaços dos entrevistados perante a Feira Livre. Dessa forma, a fotografia é uma das fontes que representa a cidade e por isso é utilizada para analisar os espaços, as mudanças, a Feira Livre em si.

Utilizo, ainda, como fonte neste trabalho os mapas/figuras, pois possibilitam representar as mudanças na Feira Livre desde a primeira representação gráfica de localização encontradas nos relatos e registros históricos. Tais figuras revelam o nascer da Feira Livre, a expansão, os projetos e meios de organização da Feira Livre.

Os documentos oficiais, gerados pelos poderes públicos, Planos Diretores, Lei de Uso do Solo, Leis e Projetos de Lei relativos aos espaços urbanos, são referenciados neste trabalho. Na busca por essas fontes, o Arquivo Público Municipal de Dourados, pouco favoreceu o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que se encontra em local desapropriado, desorganizado e sem as devidas sistematizações das informações. Diferentemente, no Centro de Documentação Regional (CDR), da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), busquei e encontrei documentos essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Em especial, destaco o jornal *O Progresso* que foi a fonte de pesquisa na imprensa – veículo que está disponível em formato digital no CDR e teve circulação ininterrupta no período estudado. Nessa fonte sistematizei as buscas em: Feira Livre de Dourados. Outros jornais, quando citados, fazem parte de recortes ou matérias encontradas em arquivos pessoais.

Ainda no CDR pesquisei nas seguintes coleções: Prefeitura Municipal de Dourados; Feira Livre; Memória Fotográfica de Dourados. A produção acadêmica sobre a Feira Livre de Dourados não representou uma importante fonte de pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho, pois os trabalhos de graduação, as dissertações e as teses que abordam e tratam do cotidiano dos indivíduos e da Feira Livre são superficiais e nem relatam as memórias dos feirantes e/ou discutem a história da Feira Livre no município. Destaco, sobretudo, o uso da dissertação: *Campo Grande e sua Feira Livre Central: conhecendo a cidade através da feira*, de Lenita Maria Rodrigues Calado, *O papel do Shopping Avenida Center no processo de redefinição da centralidade urbana em Dourados – MS*, de Hamilton Romero, e a tese: *Dourados: planejamento, experiências, olhares sobre a cidade (1970-2003)* de

Marina de Souza Santos. Enfim, em meio a toda essa diversidade de material bibliográfico, especificamente não há nenhum material que se propõe a discutir o tema: Feira Livre de Dourados.

5.1 A feira e suas relações

5.1.1 Os feirantes

Os feirantes, que levantam cedo, as 4:00 horas ou 5:00 horas da manhã iniciam a maratona, esticam a lona no improvisado, com ânimo, são os protagonistas dessa colcha de retalhos. Para muitos deles é uma vida inteira de andanças, vendas, dificuldades e alegrias pela Feira Livre.

Percorrendo e conhecendo o objeto-espço de perto, me deparei com muitas histórias, algumas elencadas nessa parte do trabalho, suscintamente por setores (massas). Conforme mencionado anteriormente, a Feira Livre de Dourados é local de variados tipos de comércios, de frutas, hortaliças, verduras, laticínios, artesanatos, produtos alimentícios e produtos importados, e procurei explorar cada um desses setores. Procurei abordar feirantes antigos, de maneira a acrescentar no levantamento histórico e alguns destes destacam-se, como por exemplo, a Sra. Paulina Oshiro, feirante há 30 anos (Figura 50), proprietária da maior banca de verduras da Feira Livre João Totó Câmara, logo na entrada, com toda a simpatia e alegria ao trabalhar possibilitou sanar algumas dúvidas em relação à posicionamento das barracas, custos de produtos, necessidades e anseios.

Destaco que Sra. Paulina, que é integrante da Família Oshiro, família tradicional na cidade, a mesma que iniciou o processo de vendas de verduras em carroças pelo município, citado outrora por Inagaki (2002), a mesma não precisa exercer o árduo trabalho da Feira (falava a mesma em cima de um caminhão, carregando mercadoria sozinha), que a atividade que exerce é porque gosta.

Para Paulina, são pelo menos 12 a 15 horas de trabalho na Feira Livre de Dourados por dia, que são realizadas com alegria. No passado a feirante plantava suas hortaliças e revendia, atualmente apenas repassa de fornecedores, mas, Paulina afirma:

“Para ser feirante todos os dias tem que gostar do que faz, na vida de feirante eu conquistei várias freguesas, clientes e amigos, é gostoso o contato de vida”.

(OSHIRO, 2019)

Sra. Paulina esclareceu em nosso diálogo como foi realizada a escolha das bancas na mudança da Feira Livre da Rua Cuiabá, para a Feira Livre João Totó Câmara, segundo ela, tiveram prioridades os feirantes que possuíam caminhões, devido ao acesso, assim, estes ficaram mais próximos aos acessos da Feira. O espaço é pago anualmente à Prefeitura Municipal de Dourados (investimento que hoje está em média R\$ 150,00).

Figura 50: Feira Livre João Totó Câmara: Sra. Paulina Oshiro e sua alegria em ser feirante (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

O que percebi pelo que Sra. Paulina dizia, as vendas dela se ampliaram quando houve a mudança, mas a mesma destaca que isso deve-se à disposição de sua barraca, que fica logo na entrada, e que muitos fregueses entram, compram e já vão embora, então ela entende que não foi um aumento considerável, já que produtores e feirantes que também vendem hortaliças, mas não estão nas “pontas”, que é onde entram os fregueses reclamam muito de queda nas vendas.

Quando questionei sobre o que a mesma achava da alteração do local, ela afirmou que não diferiu muito da Feira Livre da Rua Cuiabá, que para ela apenas a relação de acesso de caminhão, carregamento de produtos que se alterou um pouco, mas em contrapartida, não era mais preciso “montar as bancas”. Sobre a estrutura, ela afirmou que disseram para ela que essa seria uma estrutura provisória, que poderia ser melhorada, mas, que tem conseguido conciliar tudo e obter boas vendas.

Se para Sra. Paulina as vendas aumentaram, para Nelson Souza (Figura 51), feirante a 15 anos, a banca de hortaliças e verduras em que ele trabalha apresentou queda de vendas. É interessante destacar, que no início da pesquisa, no dia da inauguração da Feira João Totó Câmara, conversei com esse mesmo feirante, e ele estava tão abismado com a bagunça que comparou a Feira Livre João Totó Câmara a uma festa junina. Em 2019, suas reclamações ainda não cessaram, mas foram diminuídas. Segundo Nelson, as bancas precisam de melhorias, que são um descaso com os feirantes, pois o ideal era que fossem realizadas em estrutura pré-moldada de concreto, que cobrisse tudo, conforme é a que estão executando para a praça de alimentação, assim não haveriam problemas como alagamentos, que é algo comum quando chove, devido à falta de escoamento d’água.

Figura 51: Feira Livre João Totó Câmara: Nelson Souza e suas insatisfações como feirante (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

Além das hortaliças fresquinhas temos delícias, laticínios e produtos que são comercializados por feirantes como a Sra. Zeni (Figura 52), feirante a 24 anos, que tem uma banca de doces caseiros.

Figura 52: Feira Livre João Totó Câmara: Sra. Zeni e sua alegria em atender sua clientela (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

Sra. Zeni, comunicativa e alegre, produz e vende seus doces e é bastante receptiva, mas ao que tange a Feira Livre João Totó Câmara, foi enfática em nossa conversa: “Ficou ruim demais, tenho vídeos da nossa Feira alagada, que mostram como foi mal planejada, preferia na Rua Cuiabá, já nem sabemos com quem reclamar”.

Assim como Sra. Zeni, o feirante Nelsinho também comercializa produtos naturais, como mel, melado, compotas de doces e café torrado (Figura 53) e ele destaca, corroborando com o que Zeni também afirmou, que não observou queda de vendas, já que, como se trata de um produto específico, a clientela vai procura-los especificamente, pois sabem que encontram o que gostariam de encontrar na banca deles. Os dois oferecem produtos que somente a freguesia que se interessa compra, não são produtos que “saem tanto” quanto as verduras e hortaliças.

Nelsinho, como gosta de ser chamado pelos colegas de Feira Livre, há 22 anos feirante em Dourados, afirma que a banca que ele expõe seus produtos o

satisfaz, pois, como seus produtos são pequenos ele não precisa chegar cedo, e nem precisa de caminhão, então monta sua banca um pouco mais tarde, e gosta muito do resultado das vendas, que para ele é um acréscimo no orçamento de aposentado. Outro fato que ele destaca é a falta de ética de alguns colegas, pois é realizada a destinação das bancas conforme uma lista, e possuem pontos que estão sendo repassados por valores acima do preço, e poderiam ser passados para feirantes que estão na lista de espera, mas se mantém vagos.

Questionei sobre a associação de feirantes, ele logo emendou com outra história (um diálogo com feirante nunca é apenas um diálogo rápido, é um emaranhado de histórias, situações, alegrias, tristezas, que toda pessoa deveria experimentar conhecer). Assim, Nelsinho diz que houve um projeto de implantação de uma associação de feirantes desde a Feira da Rua Cuiabá, mas os feirantes não tinham postura, os que tomavam frente logo eram “comprados” pelo poder público, e as reclamações nunca eram ouvidas. Logo após a mudança da localidade da Feira, esse projeto voltou a ser estimado, porém quem estava à frente da proposta, um feirante há muitos anos, muito reconhecido e estimado, faleceu em meio dia a dia da Feira. Ele inclusive ao contar a história disse: “Nosso amigo enfartou fazendo o que mais gostava, onde ele mais gostava, aqui na Feira”.

Figura 53: Feira Livre João Totó Câmara: Nelsinho em sua banca de produtos caseiros (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

Figura 54: Feira Livre João Totó Câmara: Sr. Nelson em seu carrinho de “garapa” (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

Outro feirante, agora Nelson Gonçalves, garapeiro a mais de 30 anos (Figura 54), também participou assiduamente da pesquisa. Sr. Nelson, assim como Sr. Antônio, já mencionado anteriormente (pág. 27), manteve seu carrinho de moer cana de açúcar em frente a Pastelaria Nippon, durante 30 anos, e comenta o apreço que tinha pela Rua Cuiabá. Ele diz que, seus clientes reduziram muito, pois falta estacionamento e foi realizado um projeto e eles achavam que não seria como é hoje, que falta muito.

Na área de alimentos, os feirantes e fregueses que estive entrevistando consideram que tudo ficou “longe”, antes as pessoas iam fazer suas compras de frutas e verduras, sentiam o “cheirinho de frango assado” ou viam o pastel e paravam para se alimentar. Agora, com as massas de serviços distintas, quem vai à praça de alimentação é apenas quem tem interesse de se alimentar. Mas, todos acreditam que a nova praça (ainda em construção, Figura 53) vai transformar a Feira Livre em uma referência de alimentação e convívio de qualidade.

**Figura 55: Feira Livre João Totó Câmara: a praça de alimentação dos sonhos
(2019)**



Fonte: Lima Santos (2019)

**Figura 56: Feira Livre João Totó Câmara: Seu Marcolino, e seus muitos anos
de Feira (2019)**



Fonte: Lima Santos (2019)

Seu Marcolino relembra do Mercado Municipal (que ele diz nunca ter sido Feira, apenas um protótipo de local para abranger os feirantes, mas que nunca deu

certo, e hoje é onde localiza-se o Abevê da Rua Albino Torraca), ele disse que desde pequeno vivencia a Feira (um vizinho fazia a Feira, e o levava para ajudar), ainda por isso, seu diálogo foi marcante e essencial. Marcolino, 63 anos (Figura 56), cita que desde os 13 anos já vivia como ajudante de feirante. Ele comenta da primeira Feira Livre de Dourados, que localizava-se próximo à Loja Centauro, na Nelson de Araújo, logo após foi à Rua Santa Catarina (próximo ao Fórum de Dourados, e logo à Rua Cuiabá).

Em matéria de local, o feirante diz:

“Não é certo na rua, mas não é correto também nessa estrutura que existe, e é fácil resolver os problemas. É uma tristeza trabalhar em uma estrutura como a da Feira atualmente. Chego às 3:30, sou produtor, sou aposentado do governo, mas ajudei a criar os netos e filhos, por meio da Feira”. (MARCOLINO, 2019).

Marcolino cita que já houve uma associação, mas já mudou muito e hoje falta uma associação forte, que incentive o povo a vir a Feira Livre.

Algumas reflexões do feirante intensificaram o interesse, ele foi pontual sobre a questão projeto e estrutura da Feira Livre João Totó Câmara, o que como arquiteta, já havia percebido desde a primeira ida à nova Feira Livre.

O projeto original não era assim, o projeto inicial ia ser um barracão tipo aquele da alimentação, mas acho que por uma questão financeira não foi realizado. (MARCOLINO, 2019).

Seu Marcolino, diz que,

“após a entrega da Feira Livre, foi preciso muito diálogo e entendimento, e muitas quebras de paradigmas, pois tudo ficou errado. A cobertura não deveria ser como é, as grelhas não deveriam ficar atrás, é preciso um ralo. A Feira de Campo Grande é bonita e aqui ficou feio, e essa Feira era pra ser o cartão de visitas de Dourados. Eu diria que foi a obra mais feia que eu já vi!”
(MARCOLINO, 2019).

O enfoque de quem vive e é integrado ao espaço é importante para explorar considerações e destacar dificuldades.

Segundo Marcolino, atualmente, são 06 feiras livres, nos bairros de segunda a sexta e nos fins de semana no espaço João Totó Câmara, mas antigamente, eram realizadas apenas às quintas-feiras e aos finais de semana na Rua Cuiabá, porém ficavam muito próximas e nunca deu muito certo. Seu Marcolino afirma que as

exposição. “Agora estamos escondidos, e falta freguês”. A tabela 3 apresenta os dados que obtivemos de maneira muito prática sobre os resultados de vendas após a mudança da Feira Livre da Rua Cuiabá para a Rua João Totó Câmara, na qual é possível salientar a partir das entrevistas realizadas que apenas na área de alimentação houve uma efetiva alteração positiva das vendas, nas demais massas as vendas foram reduzidas.

Tabela 03: Resultados da mudança do local nas vendas dos feirantes

Resultados da mudança do local da Feira Livre	
Alimentação	Aumentou 30%
Importados/Vestuário	Reduziu 60%
Hortaliças e Verduras	Reduziu 40%
Artesanatos	Reduziu 10 %
Laticínios	Não notaram diferença

Fonte: Lima Santos (2019)

Essa relação de isolamento ocasionada pela produção projetual é visível e poderia ser evitada. Vê-se que o que era para ser organizado, gera prejuízos, gera desorganização, e não observar os anseios dos protagonistas foi errôneo, e tem sido caro e desgastante para quem vive a Feira.

Figura 58: Feira Livre: Messias, o feirante dos importados (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

Messias (2019) acredita que quando a praça de alimentação for realmente inaugurada, eles poderão ser transferidos para uma área mais próxima (local onde estão dispostos os boxes de alimentação atualmente, e isso poderá atrair a clientela), mas para o feirante, sem dúvidas, essa “melhoria não foi das melhores”.

5.1.2 Os fregueses

Os fregueses são quem usufruem do espaço da Feira, para quem toda a festa e alegria da Feira é realizada.

Percorrendo e conhecendo o objeto-espaço de perto, me deparei com fregueses que não perdem uma Feira, são mais que clientes, são amigos.

Na Feira Livre de Dourados é possível perceber sociabilidades e territorialidades. Semanalmente, o espaço da Feira Livre é ocupado por inúmeros sujeitos sociais, que o frequentam para realizarem suas atividades econômicas, sociais e culturais. No âmbito da feira, observa-se um movimento constante de pessoas, indo e vindo.

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das experiências, das compras, vendas e permutas, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana (MORAIS e ARAÚJO, 2006).

De acordo com Braudel (1998, p.16), frequentada em dias fixos a feira é “[...] um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; é nela também que nascem alguns incidentes (...)”.

Assim, nas feiras é criada uma complexidade de relações econômicas, sociais e culturais. E nessa trama complexa de dinâmicas, as feiras livres não se constituem como um espaço único, mas, como um espaço fracionado em territórios delimitados. No âmbito das feiras, são erigidos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente pelos indivíduos que frequentam esses espaços (MORAIS e ARAÚJO, 2006).

Para os autores, através dessas atividades desenvolvidas no interior da feira livre, sejam elas comerciais ou culturais, dão-se a construção de territórios, que ora são delimitados fisicamente ou materialmente, ora são circunscritos simbolicamente.

Concernente à função das feiras, além do econômico, Braudel (1998, p.14) expressa que “[...] seu papel é romper o círculo demasiado estreito de trocas normais. Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem”. Continua Braudel dizendo que, pelo menos, essas instituições ditas arcaicas continuam sobrevivendo e resistindo aos processos modernizadores, de maneira imbatível e, “[...] em dias fixos, antes nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais”.

Ao explorar a freguesia, há unanimidade sobre a importância da Feira Livre para Dourados, todos trazem consigo suas memórias, e isso salienta e reafirma a territorialidade e identidade criada pelo objeto de estudo.

A relação social dos “coadjuvantes da Feira”, é se apropriar da Feira, imprimindo usos e significados, assim como os feirantes. Ao se apropriarem dos espaços, os sujeitos sociais constroem os territórios. No caso do espaço da feira livre, este é apropriado de diversos modos, mas é uma relação de troca, o feirante precisa da freguesia e vice-versa.

Assim como foram questionadas as temporalidades de vivência dos feirantes na Feira Livre, ao qual é interessante destacar que a maioria dos abordados trabalham e vivenciam a Feira Livre a muitos anos, procurei considerar a relação de frequência dos fregueses, para confirmar a identidade territorial do objeto, para aqueles que são os clientes e que são os principais mantenedores da Feira.

Sobre a identificação da amostra observou-se que a grande maioria dos feirantes costumam ser frequente todos os domingos na Feira Livre de Dourados, o que consolida e reafirma a relação da Feira Livre com a população douradense.

Tabela 04: Identificação da amostra

Relação frequência dos fregueses			
UMA vez por mês	DUAS vezes por mês	TRÊS vezes por mês	TODOS os domingos
5%	30%	35 %	60%

Fonte: Lima Santos (2019)

Questionei os entrevistados sobre o que lhes atraía na Feira Livre, e o que mais foi elencado foram as hortaliças e verduras, seguidas dos ramos de alimentação e laticínios. São produtos comercializados em vários supermercados em diversas áreas do município, mas que ainda mantém uma grande procura na Feira Livre devido aos preços e produção sem conservantes.

Tabela 05: O que mais atrai os fregueses na Feira João Totó Câmara, considerações por massas comerciais

O que mais lhe atrai na Feira Livre	
Alimentação	40%
Importados/Vestuário	10%
Hortaliças e Verduras	50%
Artesanatos	15%
Laticínios	30%

Fonte: Lima Santos (2019)

Para finalizar, questionei-lhes informalmente sobre o que acharam sobre a mudança da Feira da Rua Cuiabá para a Chácara Rigotti, e foi possível constatar que todos os entrevistados mantinham –se neutros, uns gostaram, outros não, mas no geral, o percentual se mantinha em 50% sim, aderiram e estão satisfeitos com a nova feira livre e 50% não, não gostaram e percebem muitas falhas.

5.2 Posições de moradoras/es da Rua Cuiabá sobre a Feira Livre da Rua Cuiabá

Para se entender os fenômenos geográficos precisa-se entender o mundo no conjunto de sua dinâmica espacial, dos movimentos, identidades, e relações sociais que se encontram nos lugares, e porque não, na Feira Livre?! Por esse motivo, percebeu-se que era preciso que a geografia une-se à percepção de espaço de arquiteta, a relação afetiva com a Feira Livre de Dourados e o interesse de explorar a história douradense, para se orientar e se localizar espacialmente, considerando um objeto/território tão importante: a Feira Livre.

Ouvi o lado dos feirantes, o lado do poder público e o lado da freguesia, e questionei-me, se uma identidade é algo próprio da localidade, sobre a Feira Livre da Rua Cuiabá, uma identidade tão marcante, o que sobrou? E o discurso dos moradores qual seria se eu voltasse à Rua Cuiabá?

O homem é agente transformador do meio onde vive através da realização do seu trabalho, “imprimindo suas próprias marcas, a paisagem, que nada mais é que uma expressão de seus modos de vida” (CORRÊA, 1990, p. 43) e tal relação confere às pessoas maior conhecimento do meio onde habitam e melhor percepção das mudanças ocorridas, especialmente na paisagem, dado que “a princípio, essa ligação interna que une os elementos da paisagem é a presença do homem e o seu envolvimento nela” (CABRAL, 2000, p. 39)

Assim o fiz, estive em contato com os moradores da região da Rua Cuiabá, pós mudança da Feira Livre, e ao que se refere à percepção sobre mudança na paisagem, a maioria dos entrevistados, observou mudanças, as quais estão relacionadas ao meio estrutural, já que de acordo com os relatos, houve construção de comércios. Porém, muitos consideram que a mudança da Feira Livre não exprimiu muita diferença, inclusive eles já haviam se acostumado e agora acham os finais de semana muito calmos.

As descrições que os moradores fizeram da Feira Livre revelam o passado e, ao mesmo tempo, o presente, e são carregadas de sentimentos positivos e negativos conforme os acontecimentos. Porém, todos os entrevistados foram enfáticos ao afirmar que acreditavam que após a mudança a área pudesse passar por uma reestruturação e ser valorizada, afinal é uma área disposta ao centro do município, muito antiga, mas isso aparentemente não ocorreu e ainda por não ocorrer, todos afirmaram que sentem saudades dos anos de Feira Livre.

Figura 59: A Rua Cuiabá sem a Feira Livre: uma saudade (2019)



Fonte: Lima Santos (2019)

Na Figura 59, pode-se observar a Rua Cuiabá, em um dia de feira (domingo), deserta, os sanitários demolidos, a inexistência dos totens de pontos de iluminação, das placas informativas, uma região que antes tinha vida, que era vivenciada, como pode ser vista na Figura 58, uma imagem tirada do mesmo ângulo no ano de 2016, agora sem o afeto, sem o contato humano, sem a alegria da Feira.

Sobre a valorização do local, os moradores destacam que não perceberam acréscimo, a não ser no carne de impostos, já que eram isentos de imposto predial e territorial urbano (IPTU) e passaram a pagar após a mudança.

Figura 60: A Feira Livre da Rua Cuiabá: mesmo ângulo, outra realidade (2016)



Fonte: Lima Santos (2016)

Para os moradores, a Feira João Totó Câmara só possibilitou demarcar um território fixo para a Feira, mas na relação com a paisagem, muito faz falta para a Rua Cuiabá, essa percepção obtive principalmente quando conversava com comerciantes, que tiveram seus lucros reduzidos, já que as pessoas iam a Feira e adquiriam seus produtos, e essa realidade se alterou, porém, estão se adaptando e acostumando com a nova realidade da paisagem em que vivem, aguardando o dia em que o poder público vai olhar com bons olhos para a região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por considerar a dinâmica espacial, dos movimentos, identidades e relações sociais que se encontram nos territórios, percebeu-se um nicho de pesquisa, ao qual, uniu-se à percepção de espaço de arquiteta, a relação afetiva com a Feira Livre de Dourados e o interesse de explorar a história douradense, para se orientar, conhecer, e se localizar espacialmente, considerando um objeto/território tão importante: a Feira Livre.

Considerando que a partir das relações cotidianas e dos processos históricos possa-se apresentar a geo-história da Feira Livre de Dourados, assim como, pensarmos a dinâmica da identidade territorial a pesquisa se fez.

Entende-se que a Feira Livre desenvolve as relações e encontros ao pronunciar suas sensações e importância para a comunidade, percebendo que essa dinâmica de interação entre o próprio espaço acontece em suas diferenciações e são diferentes para cada um, que carrega consigo uma trajetória.

A Feira Livre é parte territorializante no processo de construção das espacialidades e na concepção do território. Mediante a esse universo de pensamento é que se constituem as diferentes formas de pensar as territorializações e os sentidos de perceber a Feira Livre na realidade em que os feirantes, fregueses e douradenses, encontram-se inseridos.

Ao pensarmos as imagens e as relações que foram retidas no viver a Feira Livre, transpondo para os contextos geográficos, procuramos entender e localizar a Feira Livre dentro das variáveis que a compõe. Ou seja, vivemos a Feira Livre e a partir dela é que as premissas de estudo se evidenciam, nas contextualizações dos múltiplos acontecimentos e nas ações e manifestações da população. Ao salutar imagens, procurou-se abrir o pensamento para as várias possibilidades de leitura da Feira Livre e da dinâmica do território. As intenções, vivências e afetividades se despertam e possibilitam criar uma imagem territorial que identifica a Feira Livre de Dourados.

Assim, percebe-se que a produção do espaço urbano é marcada por suas relações de trocas. Trocas entre atores (feirantes e fregueses), idéias e projetos de

cidade (poder público) e o território. O que faz uma identidade territorial são os símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-la. E os símbolos mudam como mudam as fantasias que uma coletividade elabora para fazer sua a urbanização de uma cidade. (SILVA, 2001, p 25).

Assim como Silva (2001) destaca, o estudo identificou que não há a ideia de Feira Livre sem a participação dos habitantes que nela produzem, vivem e se afirmam na coletividade. As intensidades das relações nos conectam e fazem-nos pensar as contextualizações espaciais, e é partir desse intento que colocamos as entrevistas, pois possibilitam outras formas de leitura do espaço, agenciando elementos que condizem com as percepções, sensações e práticas de vida, de vivências na multiplicidade da Feira Livre.

Muitas alterações ocorreram na cidade; conjuntamente, muitas transformações foram ocorridas na Feira Livre, cujo nome deixou de ser livre, em sua formação de comércio popular. Os feirantes sentem uma ligação com o passado da Feira Livre da Rua Cuiabá (relação afetiva) e conhecer a cidade através da Feira Livre Central, posta como viva em memórias, nas palavras dos entrevistados, foi enxergar Dourados como um território, que pode ser visitado, mas são, profundamente, pois é identidade e característica própria das ações humanas e vivências.

Enfim, dessa forma, compreender e perceber a dinâmica espacial da Feira Livre, as condições com que o espaço encontra-se configurado em suas múltiplas relações. Entendendo que a geografia, é um processo que visa possibilitar discutir a localização e relação social e que são complexadas pelo território que vivenciamos e interagimos, criando sentidos que reverberam na territorialização, intensificado pelas nossas ações, manifestações e experiências o estudo em questão possibilitou pensar as práticas de vivências nas multiplicidades espaciais da Feira Livre, e torna-se um pontapé para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. G. et al. (orgs.) **Geografia e Cultura**. Os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: UFG, 2008.

ALMEIDA, S. P. N. de C. e. **Fazendo a Feira**: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. 136 f. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento Social), Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, MG. 2009.

ARAÚJO, M. A. A. de. **Territorialidades e sociabilidades na Feira Livre da cidade de Caicó (RN)**. Caminhos de Geografia 23 (17) 244-249, fev/2006.

ARRUDA, Â. M. “A Feira é livre?”, In: **Revista ARCA**. Campo Grande. N° 5. Outubro 1995.

BACHELARD, G. **A poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, M. **Narrativas, conversações e alguns ritornelos em meio à feira livre**. Ponto Urbe [Online], 8 | 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1766>> Acesso em: maio de 2019.

BERNARDO, J. **Dias de feira**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BEZERRA, A. C. A. et. al. **Festa e Identidade**: a busca da diferença para o mercado da cidade. In: ARAÚJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. (Orgs.). **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

BOECHAT, P. T. V; SANTOS, J. L. dos. **Feira Livre**: dinâmicas espaciais e relações identitárias. In: EVENTO Programa de Pós Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da UESB. Universidade do Sudoeste da Bahia. *Anais...* Bahia: UESB, s/d.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembrança de Velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

BRAUDEL, F. **Os jogos das trocas**. v. 02. São Paulo: MartinsFontes,1998.

BRITO, I. C. S. R. DE; ALVES, J. DE A.; AMPARO-SANTOS, L. **A construção social do gosto alimentar em uma feira livre de Salvador-BA**. 2017. Disponível em: <<https://obha.fiocruz.br/index.php/2017/05/25/construcao-social-gosto-alimentar-em-uma-feira-livre-de-salvador-ba/>>. Acesso em: outubro de 2018.

CABRAL, L. O. **A paisagem enquanto fenômeno vivido**. Revista Geosul, Florianópolis,v. 15. n. 30. p.34-45, 2000.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. SP: Aleph, 2002.

CARLOS, A. F.A (org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo), 1994 . 390 p.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.(Repensando a Geografia).

CASTELL, M. **O poder da identidade**. (a era da informação: economia, sociedade e cultura). Tradução Klauss B. Gerhardt. Prefácio de Ruth C. L. Cardoso. São Paulo: Paz e Terra, v.2, 1999.

CALIXTO, M. J. M. S. **O papel exercido pelo poder público local na (re) definição do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano em Dourados-MS**. Presidente Prudente, 2000. (Tese de Doutorado em Geografia)-FCT/UNESP.

_____. **Produção, apropriação e consumo do espaço urbano: uma leitura geográfica da cidade de Dourados, MS**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

_____. Os desdobramentos socioespaciais do processo de expansão territorial urbana. In: CALIXTO, M. J. M. S. (Org.). **O espaço urbano em redefinição: cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade**. Dourados: Editora UFGD, 2008, p. 21-44.

CALIXTO, M. J. M. S.; MATUSHIMA, M. K.; SILVA, V. F.; BERNARDELLI, M. L. F. da H. **Análise dos agentes econômicos e da reestruturação urbana e regional em Dourados, uma cidade média do estado de Mato Grosso do Sul**. In: Workshop da Rede de Pesquisadores Sobre Cidades Médias - ReCiMe, VII, 2010, Rio de Janeiro. Anais do VII Workshop da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias - ReCiMe, Rio de Janeiro: ReCiMe, CNPq, 2010.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo: Bertrand Brasil, 1990.

CHELOTTI, M. C. A dinâmica territorialização-desterritorialização e reterritorialização em áreas de reforma agrária na campanha gaúcha. **Campo-território: revista de geografia agrária**, v. 8, n. 15, p. 1-25, fev., 2013

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Região e organização espacial**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis, EDUSC, 1999.

_____. **A geografia cultural**. Tradução: Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CLAVAL, HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. *et al* . **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ERNANDES, M. A. **A construção da identidade douradense: (1920 a 1990).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS: UFGD, 2009. 117f.

FORMAN, S. **Camponeses: Sua Participação no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FUINI, L. L. **Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos.** Terr@Plural, Ponta Grossa, v.8, n.1, p.225-249, jan/jun. 2014.

GALLINA, L.S. et al. **Representações sobre segurança alimentar e nutricional nos discursos de um conselho de alimentação escolar.** Saúde Soc. São Paulo, pag.89- 102, 2012.

GOMES, S. de T., SILVA, C. A. da. Dourados: Urbanização e Dinâmica Climática. **REVISTA GEONORTE**, Edição Especial, V.2, N.4, p.844 – 856, 2012.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GUIMARÃES, O. **O papel das Feiras Livres no Abastecimento da Cidade de São Paulo.** Dissertação de mestrado, São Paulo, Instituto de Geografia USP, 1969.

GUIMARÃES, C. A. **A feira livre na celebração da cultura popular.** Gestão cultural e organização de eventos. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste.** Niterói: Eduff, 1997.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

_____. **Territórios Alternativos.** São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **“Da Desterritorialização à Multiterritorialidade”.** Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR. 2001

_____. **“Da Desterritorialização à Multiterritorialidade”.** Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo. 20 a 26 de março de 2005.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. *et al.* **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 4ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem.** 21 ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 1986.

INAGAKI, E. M. **Dourádossu: caminhos e cotidiano dos nikkeis em Dourados (décadas de 1940, 1950 e 1960).** 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

KOZLOWSKI, I. **O Significado da Feira Livre no Espaço Urbano de São Paulo.** Trabalho de graduação interdisciplinar, São Paulo, FAU –USP, 1976.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade.** Tradução; Rubens Eduardo Frias. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MASCARENHAS, G. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea.** Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 4, p.72-87, 2008.

MEDEIROS, R. M. V. **Re-territorialização e identidade: o significado dos assentamentos para a economia dos municípios: os casos de Hulha Negra, Aceguá e Candiota na Campanha Gaúcha (RS).** In: IX COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 2007. Porto Alegre: Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 1-17.

OLIVEIRA, K. V. de. **Avaliação do perfil dos feirantes da cidade de Dourados-MS na comercialização de produtos alimentícios.** 8º ENEPE UFGD. 5º EPEX UEMS, Dourados: UFGD, 2014.

OLIVEN, R. G. **Território, fronteiras e identidades.** In: SCHULER, F.; BARCELLOS, M de A. (Org.) **Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo.** Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 157-166.

PAZERRA J. E. **A Feira de Itabaiana – PB: Permanência e Mudança.** 2003. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA, C. S. S. **A nova geografia do comércio e do consumo em cidades médias: produção do espaço urbano e reestruturação da cidade.** XVII ENANPUR. São Paulo, 2017.

_____. **“Mudar a Vida”**: da Revolução Urbana à Revolução do Espaço – O Projeto de Henri Lefebvre. GEOgraphia, vol. 20, n. 43, 2018: mai./ago.

_____. **Centro, Centralidade e Cidade Média**: O Papel do Comércio e Serviços na Reestruturação da Cidade de Juazeiro do Norte/CE. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e tecnologia. Presidente Prudente: [s.n], 2014. 328 f.

PINHEIRO, R. S. **Geografia e literatura**: diálogo em torno da identidade territorial sul-mato-grossense. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Grande Dourados – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 156p.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

ROCA, Z; MOURÃO, J. C. **Identidade e desenvolvimento territorial entre a retórica e a prática**. Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n. 9, dec. 2010. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rhumanidades/article/view/1295>>. Acesso em outubro de 2018.

ROMERO, H. **O papel do Shopping Avenida Center no processo de redefinição da centralidade urbana em Dourados – MS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

ROSA, E. F. de; SILVA, M. A. da; RAMOS, O.D.; MANGELARDO, G. **Documentário Em Áudio “Feira-Livre De Dourados – Uma História Cheia De Sons, Cheiros E Cores”**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Prêmio Expocom 2012 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Centro Universitário da Grande Dourados – Unigran, Dourados, MS, 2012.

SANCHEZ, F. **Cidade Espetáculo**: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra, 1997.

SANTOS, J. E. **Feira livre e circuitos da economia urbana**: um estudo da Feira da Pedra, em São Bento (PB). Natal, 2012. 294 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Ciências sociais).

_____. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008a. (Coleção Milton Santos; 11).

_____. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2008b. (Coleção Milton Santos; 2).

_____. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009a. (Coleção Milton Santos; 1).

_____. Pobreza urbana. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2009b. (Coleção Milton Santos; 16).

_____. Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, J. E. **Feira livre e circuitos da economia urbana: um estudo da Feira da Pedra, em São Bento (PB)**. Natal, 2012. 294 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

SANTOS, J. E. **Feiras livres: (re) apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional**. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 17, n. 2, mai./ ago. 2013.

SANTOS, M. S. **Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser nordestino(a) em Dourados-MS (1940-2002)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

_____. **Dourados: planejamento, experiências e olhares sobre a cidade (1970 – 2003)**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

SATO, L. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SCAPINELLI, C. **Feira Central é marco em Dourados**. 2014. Disponível em: <www.ferroscapinelli.adv.br>. Acesso em agosto de 2017.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo. Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A; BRISKIEVICZ, M. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial**. Caderno Prudentino de Geografia, nº31, vol.1, 2009.

SILVA, M. C. T. da. **Os novos rumos da política habitacional e o processo de urbanização de Dourados-MS**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – FLCH/USP.

SOUZA, M. L. de. A prisão e a ágora. **Reflexões sobre a democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SPOSITO, M. E. B. **Multi(poli)centralidade urbana em Bauru, São José do Rio Preto e Presidente Prudente**. Projeto de Pesquisa Integrada, Presidente Prudente, 1996.

TREVISAN, E. **A feira livre em Igarassu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência do formal e o informal.** 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

VEDANA, V. **Fazer a feira: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre.** 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VERÃO, F. **Feira reúne variedades num só lugar.** 2010. Disponível em: <<http://www.progresso.com.br/especiais/edicoes-especiais/>>. Acesso em agosto de 2017.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo, Editora Atlas, 11ª ed. 2009.

Referências jornalísticas

O Progresso. Acervo do CDR/FCH/UFGD.

Gazeta Popular. Suplemento Especial. Dourados 12, de junho de 1991. Folhetos sobre Dourados. Acervo do CDR/FCH/UFGD.

Diário MS. Disponível em: <<http://diarioms.com.br/>>. Acesso em janeiro de 2019.

Dourados News. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br>>. Acesso em janeiro de 2019.

Dourados Agora. Disponível em: < <http://www.douradosagora.com.br/dourados/>>. Acesso em janeiro de 2019.

Fontes Orais

BITTENCOURT, J. Secretaria Municipal de Agricultura Familiar. **Entrevista informal.** [janeiro. 2019]. Entrevistadora: Mileny de Lima Santos. Dourados. 2019.

ISHY, E. Vereador do município. **Entrevista informal.** [janeiro. 2019]. Entrevistadora: Mileny de Lima Santos. Dourados. 2019.

FERREIRA, Z. A. Feirante. **Entrevista informal.** [janeiro. 2019]. Entrevistadora: Mileny de Lima Santos. Dourados. 2019.

OSHIRO, P. T. M. Feirante. **Entrevista informal.** [fevereiro. 2019]. Entrevistadora: Mileny de Lima Santos. Dourados. 2019.

SANTOS, S. M. de L. Professora aposentada. **Entrevista informal.** [julho. 2017]. Entrevistadora: Mileny de Lima Santos. Dourados. 2017.

SOUZA, N. Feirante. **Entrevista informal**. [novembro. 2016]. Entrevistadora: Mileny de Lima Santos. Dourados. 2017.

_____. Feirante. **Entrevista informal**. [fevereiro. 2019]. Entrevistadora: Mileny de Lima Santos. Dourados. 2019.

Outras fontes

DOURADOS. Prefeitura Municipal. **Dourados 60 anos de emancipação 1935-1995**. Elaborado por Lori Alice Gressler. Dourados, 1995.

DOURADOS. Prefeitura de – **GeoDourados Banco de Dados Multifinalitário**. Disponível em: <<http://geo2.dourados.ms.gov.br/geodourados/map.phtml>>. Acesso em junho de 2018.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2017. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/geodourados/map.phtml>>. Acesso em junho de 2017.

PANORAMIO. Paulo Yuji Takarada. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/>>. Acesso em junho de 2016.

REPORTAGEM CANAL G1. **Jornal MS TV**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/mstv-1edicao/videos/v/feirante-e-tema-do-quadro-dia-de-feira-em-dourados-ms/6101512/>>. Acesso em janeiro de 2019.

APÊNDICES

A – Questionário Feirante

Sexo : () Masculino () Feminino

1- Cidade

2- Idade?

3- Bairro?

4- Grau de Escolaridade:

() Fundamental completo

() Fundamental incompleto

() Médio incompleto

() Médio completo

() Técnico

() Superior incompleto

() Superior completo

5- É uma tradição familiar trabalhar na Feira?

() Sim () Não

6- Há quanto tempo trabalha na Feira?

() Menos de 1 ano

() Mais de 2 anos

() Mais de 5 anos

() Entre 15 e 20 anos

() Entre 25 e 40 anos

7- O que comercializa?

a) Verduras/Legumes ()

b) Frutas ()

c) Artesanatos ()

d) Laticínios ()

e) Alimentação ()

f) Vestuário ()

g) Animais ()

h) Outros ()

O que? _____

8 – Só comercializa na Feira apenas pelo lado financeiro?

() Sim () Não

9 – Se NÃO, por quê?

a) Encontrar amigos

b) Encontrar parentes

c) Gosta do clima da Feira

10 – Gosta de trabalhar na Feira?

() Sim () Não

11 – Sua renda mensal depende exclusivamente do seu trabalho na Feira?

() Sim () Não

12 – Se NÃO, qual a outra função que exerce?

13 – Trabalha apenas na Feira João Totó Câmara?

() Sim () Não

14 – De onde vem os produtos que você comercializa?

() Produção própria

() Fornecedores

() Grandes supermercados

() Grandes centros comerciais

15 – Você como feirante, acha importante que se preserve a Feira Livre de Dourados tal como ela é?

() Sim () Não

16 – A mudança de local ao seu observar:

ANEXOS



Dourados (MS), 15 de março de 2019.

Projeto de Lei nº 034/2019
MENSAGEM DE PROJETO DE LEI Nº 06/2019/PGM

FOLHA nº: 04

Ao Excelentíssimo Senhor

Alan Aquino Guedes de Mendonça

MD. Presidente da Câmara Municipal

Dourados-MS

Câmara Municipal de Dourados
Protocolo N° 1339/19
Data 25-03-2019
Hora 12-03
Mila
Assinatura

Senhor Presidente

Senhores Vereadores.

Para apreciação e aprovação desta respeitável Casa de Leis encaminha-se o incluso Projeto de Lei que tem por escopo a regulamentação das feiras livres neste Município, bem como o objetivo de estimular a venda direta ao público consumidor de produtos e gêneros alimentícios por produtores e lavradores, sob fiscalização do Município.

O Projeto contempla a organização, classificação, localização, horário, condições de higiene, ordem, disciplina, controle, fiscalização, permissão e alvarás aos feirantes, infrações, penalidades e demais requisitos relativos ao funcionamento das feiras livres.

Importante esclarecer que o Código de Postura do Município não contém normas pertinentes às feiras livres, mas apenas faz menção de que o assunto deverá ser regulamentado por Decreto.

Contudo, optou-se por Projeto de Lei específica, vez que há necessidade de impor sanções em caso de descumprimento de algumas normas, bem como a criação de direitos, ainda que a título precário, e imposição de obrigações, tornando indevido o uso de edição de decreto para tal fim, posto violaria os princípios da legalidade e tipicidade.

Cabe destacar que o Ministério Público Estadual vem acompanhando a elaboração de referido projeto por meio do PA nº

[Handwritten signature]



09.2016.00003368-6 a respeito da feira livre neste Município, sendo certo que o Executivo está atendendo requisição ministerial.

Assim, dada necessidade de se regulamentar o uso dos espaços públicos pelos feirantes e o exercício da atividade econômica, a bem da população em geral, ordenando a distribuição, fornecimento e comércio de alimentos no local, envia-se este Projeto de Lei para apreciação, discussão e votação.

Ressalte-se que as regras de conduta e procedimentos impostos buscam o bom funcionamento e organização da feira livre, atendendo ao interesse público e eficiência administrativa.

Certos de contar em mais esta oportunidade com seu precioso apoio, quanto ao objeto do presente, e para o qual se espera aprovação submete-se à elevada apreciação de Vossa Excelência e seus nobres pares.

FOLHA n°: 02


Délia Godoy Razuk

Prefeita


Sergio Henrique Pereira Martins de Araújo
Procurador Geral do Município



PROJETO DE LEI Nº 06 DE 15 DE MARÇO DE 2019.

“Dispõe sobre regulamentação das feiras livres no município de Dourados.”

FOLHA nº: 03

A PREFEITA MUNICIPAL DE DOURADOS, Estado de Mato Grosso do Sul, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ela sancionou a seguinte lei:

**CAPÍTULO I
DAS FEIRAS LIVRES ESUA ORGANIZAÇÃO.**

Art. 1º

As Feiras Livres que se encontram em logradouros de uso público no município de Dourados/MS constituem centro de exposição, produção e comercialização a varejo, principalmente, de gêneros alimentícios de primeira necessidade, hortifrutigranjeiros, produtos provenientes da floricultura, apicultura e piscicultura, artesanatos, comidas típicas, bebidas, congelados, temperos, cereais, produtos típicos regionais, obras de arte, livros e revistas; incluídos ainda, artigos de pequenas indústrias, de instituições de caridade, de portadores de necessidades especiais ou instituições beneficentes do município, além de artefatos de uso doméstico e pessoal, manufaturados ou semimanufaturados, considerados de primeira necessidade.

§ 1º Compete a Administração Municipal setorizar os produtos a serem comercializados, de modo a organizar as instalações das bancas, barracas, boxes, reboques e veículos adaptados, sem que haja a invasão de setores diferentes.

§ 2º A disposição interna das feiras se dará por natureza dos produtos comercializados, havendo os


3



setores de hortifrutigranjeiros, praça de alimentação, secos e molhados e armazinhos, não podendo haver a venda de produtos em local diverso do designado nesta Lei, ficando setorizada da seguinte maneira:

I - o setor de hortifrutigranjeiros será composto pela venda dos produtos provenientes da horticultura, fruticultura e de granjas-ovos.

II - A praça de alimentação terá seu espaço reservado, podendo haver a venda de produtos alimentícios para o consumo local e para viagem, mesmo que congelado.

III - O setor de secos e molhados será composto pela venda de produtos de origem animal, produtos derivados do leite, produtos embalados, ervas, farinhas, temperos, panificação, confeitaria, grãos em geral e demais *commodities*. Não será permitida a venda de produtos para consumo no local.

IV - O setor de armazinhos será composto de espaço para comercialização de artigos de confecção, cama, mesa e banho, importados, brinquedos, artesanatos e eletrônicos.

§ 3º Os vendedores ambulantes, as garapeiras, os carrinhos de churros, brinquedos, pula-pula e atividade recreativa, somente serão instalados nos setores indicados e aprovados pela Secretaria Municipal de Agricultura Familiar.

Art. 2º

A Administração Municipal, a seu critério ou a requerimento dos interessados, poderá criar novas feiras sempre que ocorrer, conjunta ou separadamente, as seguintes condições:

- I - densidade razoável de população;
- II - localização viável;
- III - interesse da população local;
- IV - interesse da Administração Municipal; e
- V - interesse dos feirantes.



§ 1º Não será permitida a localização de Feiras Livres nas proximidades de hospitais, postos de saúde, estabelecimentos escolares, unidades de segurança pública e templos religiosos no raio de 500 (quinhentos) metros.

§ 2º A distância de que trata os parágrafos anteriores só se aplicarão às feiras a serem criadas e às feiras que forem transferidas de local após a publicação desta Lei.

Art. 3º

As Feiras Livres funcionarão nos locais, dias e horários preestabelecidos pela Administração Municipal, respeitada as suas especificidades nos seguintes termos:

I – as Feiras Livres funcionarão sempre de terça-feira a domingo, sendo os horários de funcionamento estabelecidos de acordo com o interesse da Administração Municipal;

II – em hipótese alguma as Feiras Livres poderão instalar-se nas vias de tráfego de ônibus.

Parágrafo único: As normas dispostas nesta Lei não se aplicam às feiras agroecológicas, especificamente a feira realizada no Parque dos Ypês e na Rua Mozart Calheiros, as quais serão regulamentadas por Decreto.

Art. 4º

São proibidas a entrada e a permanência no recinto das Feiras Livres de qualquer veículo, durante o seu funcionamento.

Parágrafo único: Também estarão impedidos de adentrar na feira os veículos que não estiverem cadastrados.



Art. 5º

As Feiras Livres serão planejadas e organizadas pelos órgãos competentes da prefeitura que, através do cadastro dos feirantes, estabelecerá o número mínimo e máximo de participantes, local, medidas dos pontos e horário de funcionamento.

§ 1º A implantação de novas feiras poderá ocorrer mediante estudo e requerimento de no mínimo 15 interessados, mediante análise e aprovação do órgão competente, SEMAF (Secretaria Municipal de Agricultura Familiar).

§ 2º Atendido o número de feirantes que for determinado, a feira será considerada lotada, só sendo admitido o aumento do número de feirantes em caso de ampliação da feira mediante autorização do Poder Público.

§ 3º Todo feirante que for contemplado com espaço nas feiras deverá dirigir-se à Central do Cidadão para preencher a ficha de Cadastro de Atividade Econômica "CAE" e retirar o alvará de feirante, preenchidos os requisitos legais.

Art. 6º

As bancas, barracas, boxes, reboques e, se possível, veículos especiais serão localizados, tendo-se em vista os ramos de comércio, estabelecendo-se assim os diversos setores de acordo com as espécies de mercadorias.

Art. 7º

As bancas, barracas, boxes, reboques e veículos adaptados deverão, obrigatoriamente, ter toldos de proteção das mercadorias dos raios solares, das chuvas e serenos; a lona utilizada não poderá obstruir a visualização de outras bancas.

Parágrafo único: Nenhum feirante estará autorizado, mesmo em épocas de ventos, chuvas e frio, a fechar seu espaço de maneira de impeça a visão dos visitantes a todo o restante da feira.



Art. 8º

Mediante prévio projeto da Prefeitura Municipal por meio da Secretaria de Planejamento (SEPLAN) e com aprovação da Secretaria Municipal de Agricultura Familiar poderão os feirantes, sob seus encargos, realizar adaptações em geral nos boxes e barracas das feiras livres padronizadas, desde que não altere as características de padronização das feiras.

Art. 9º

As feiras Livres serão divididas para efeitos de administração, em oficiais, experimentais e agroecológicas.

Parágrafo único: As Feiras Livres antes de oficializadas funcionarão como experimentais por um período de 60 dias. Somente poderão nelas promover atos de comércio os feirantes previamente autorizados pelo órgão municipal competente SEMAF.

Art. 10

Deverá a SEMSUR através dos Fiscais de Postura, a Vigilância Sanitária e a Superintendência de Proteção e Defesa do Consumidor – PROCON realizar a fiscalização de rotina nas Feiras Livres, devendo sempre que necessário informar o órgão municipal competente a relação dos feirantes autuados, bem como os referidos prazos para cumprimento.

Parágrafo único: A fiscalização dos espaços e alvarás será executada pelos Fiscais de Postura do Município, em consonância com a Secretaria Municipal de Agricultura Familiar.

CAPÍTULO II DOS PRODUTOS OFERTADOS

Art. 11

As bancas, barracas, boxes, reboques e veículos adaptados deverão estar localizados de acordo com o regulamento do órgão público competente e de conforme os produtos oferecidos e as seções respectivas, devendo ser obedecido o Código de Defesa do Consumidor e demais legislações sanitárias.



Parágrafo único. A mudança de segmento de ramo de produtos ofertados deverá ter autorização prévia do órgão municipal competente, bem como a troca de espaço.

Art. 12

Os produtos para comércio nas Feiras livres deverão ser acondicionados e acomodados nos espaços de acordo com a sua especificidade, vendidos em bancas, barracas, boxes, reboques e veículos adaptados.

CAPÍTULO III DA FISCALIZAÇÃO

Art. 13

A Prefeitura Municipal de Dourados poderá instalar nas Feiras Livres, a seu critério, postos fiscais com balanças para fins de atendimento às reclamações do público, sem interferência de aferições efetuadas pelos órgãos competentes. A fiscalização das feiras, da ocupação do espaço, bem como dos produtos oferecidos, será realizada por funcionários autorizados e identificados pela Secretaria Municipal de Agricultura Familiar, pelos Fiscais de Postura, pela Vigilância Sanitária, pelo PROCON e Agentes da Guarda Municipal.

CAPÍTULO IV DAS AUTORIZAÇÕES AOS FEIRANTES

Art. 14

As licenças para as Feiras Livres serão concedidas as pessoas físicas que sejam aptas ao exercício da atividade de feirante e que manifestem interesse mediante a apresentação dos seguintes documentos:

- I – cópia da Carteira de Identidade;
- II- Comprovante de residência;
- III – cópia do Cadastro de Pessoa Física;
- IV – 01 foto (3x4)
- V – cadastro do veículo utilizado pelo feirante;
- VI – no caso de venda de produto de origem animal o feirante deverá apresentar o registro de serviço de



inspeção Municipal (SIMD) ou Estadual (SIE/MS) ou Federal (SIF);

VI - Declaração para cadastro junto à Secretaria Municipal de Agricultura Familiar das pessoas que trabalharão com o feirante diretamente com a venda dos produtos nos boxes e barracas.

- Art. 15 O alvará de feirante deverá ser renovado trimestralmente, mediante pagamento da taxa de permissão de uso cobrada pela Administração Municipal, sendo que, a não renovação importará na perda do direito de permissão de uso da barraca (ponto).
- Art. 16 Somente poderão realizar a venda de mercadorias nas feiras pessoas físicas que estejam previamente cadastradas pela Secretaria Municipal de Agricultura Familiar.
- Art. 17 Para a emissão do Alvará de licença, o feirante deverá dirigir-se à Central do Cidadão munido dos documentos descritos no artigo 14 desta lei e dar entrada no seu pedido.
- Art. 18 Os requerimentos e seus documentos serão enviados pela Central do cidadão à Secretaria Municipal de Agricultura Familiar que fará a análise do pedido e irá concluir pelo deferimento ou indeferimento da permissão de uso.
- Art. 19 A Secretaria Municipal de Agricultura Familiar deverá enviar à Secretaria de Fazenda os documentos para emissão do CAE, e após deferido ou indeferido o pedido enviar toda a documentação à Central do Cidadão para a entrega ou não da permissão de uso ao requerente.
- Art. 20 O valor do alvará para a permissão de uso do espaço (barraca) ao feirante será calculada sobre a metragem (m²) da barraca utilizada, nos termos do Artigo 300 e



da TABELA 3, ANEXO III do Código Tributário Municipal.

Art. 21

Será concedido desconto de 50% (cinquenta) por cento no valor do alvará àquele feirante que estiver cadastrado no Banco Nacional de Alimentos e que realize doações quinzenais, conforme Decreto 44/2007.

§ 1º Aquele que optar pelo desconto descrito no *caput* descrito artigo deverá dirigir-se à Secretaria Municipal de Agricultura Familiar e entregar os produtos a serem doados.

§ 2º No ato da doação será emitido um comprovante devendo uma via ser enviada à Central do Cidadão para a efetivação do desconto descrito neste artigo.

§ 3º Será considerada doação à quantia de pelo menos de uma caixa de alimentos.

Art. 22

O feirante só será beneficiado com um ponto por feira, proibição que não se estende a feiras diversas.

**CAPÍTULO V
DAS OBRIGAÇÕES, PROIBIÇÕES E PENALIDADES
AOS FEIRANTES.**

Art. 23

Para a venda de carne e de pescados os feirantes estão obrigados a cumprir as seguintes determinações:

I - os produtos de origem animal deverão estar embalados, rotulados e inspecionados pelos órgãos responsáveis no âmbito municipal (SIMD), estadual (SIE/MS) e/ou federal (SIF);

II - A balança deverá estar em local de fácil visualização e ter sido inspecionada pelos órgãos competentes;



III - O transporte e armazenamento dos produtos deverão ser realizados em boas condições de limpeza e subordinados à vistoria e aprovação de saúde pública;

IV - Os produtos de origem animal deverão ser acondicionados em caixas plásticas não tóxicas ou de aço inoxidável contendo gelo em quantidade suficiente, freezers ou câmaras frias.

Parágrafo único: Em caso de descumprimento de qualquer um dos incisos será aplicada multa no valor de R\$ 362,10 (trezentos e sessenta e dois reais e dez centavos).

Art. 24 A comercialização de carnes e peixes frescos, bem como do leite e seus derivados, ocorrerá seguindo as legislações pertinentes.

Art. 25 É proibida a venda de animais vivos e a venda de produtos sem inspeção.

Parágrafo único: Em caso de descumprimento será aplicada multa no valor de R\$ 482,80 (quatrocentos e oitenta e dois reais e oitenta centavos), bem como apreendida toda e qualquer mercadoria suspeita ou que venha infringir as exigências do presente artigo.

Art. 26 Só será permitida a venda de verduras frescas e já despojadas de suas aderências inúteis.

Parágrafo único: em caso de descumprimento será aplicada advertência e em caso de reincidência será aplicada multa no valor de R\$ 120,70 (cento e vinte reais e setenta centavos).

Art. 27 Os produtos a base de leite, manteigas e margarinas e seus derivados deverão estar abrigados de qualquer impureza do ambiente e de qualquer ação climática que possa danificar sua composição.



Parágrafo único: em caso de descumprimento será aplicada multa no valor de R\$ 482,80 (quatrocentos e oitenta e dois reais e oitenta centavos).

Art. 28

Os produtos como leite, queijos, manteigas e margarinas deverão ser transportados e mantidos em locais refrigerados, devendo obedecer ao código de Defesa do Consumidor e demais legislações sanitárias.

Parágrafo único: em caso de descumprimento será aplicada multa no valor de R\$ 482,80 (quatrocentos e oitenta e dois reais e oitenta centavos).

Art. 29

As rapaduras de cana, mel, geleias, bem como outros derivados do mel deverão estar abrigadas de qualquer impureza do ambiente, devendo obedecer ao código de Defesa do Consumidor.

Parágrafo único: em caso de descumprimento será aplicada multa no valor de R\$ 362,10 (trezentos e sessenta e dois reais e dez centavos).

Art. 30

Poderão ser comercializados cafés, salgados diversos, fritos e assados, sucos, refrigerantes e cervejas, inspecionados pela Vigilância Sanitária e no setor devidamente autorizado.

Parágrafo único: em caso de descumprimento será aplicada multa no valor de R\$ 362,10 (trezentos e sessenta e dois reais e dez centavos).

Art. 31

O feirante é responsável pelo espaço que lhe foi cedido e pelas instalações hidráulicas, elétricas e limpeza do espaço que utiliza.

§ 1º O feirante deverá manter limpo o recinto de uso, durante e após a realização das feiras, não podendo a matéria prima utilizada para a produção dos alimentos causar cheiro ou atrapalhar a permanência de pessoas no ambiente.